



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

GUIDO ALVES DO NASCIMENTO

**DEFICIÊNCIA VISUAL E OS APRENDIZADOS DA MÚSICA:
MODOS DE SENTIR, DE OUVIR E DE TOCAR**

MOSSORÓ-RN
2021

GUIDO ALVES DO NASCIMENTO

**DEFICIÊNCIA VISUAL E OS APRENDIZADOS DA MÚSICA:
MODOS DE SENTIR, DE OUVIR E DE TOCAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

MOSSORÓ-RN
2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

N244d Nascimento, Guido Alves do

DEFICIÊNCIA VISUAL E OS APRENDIZADOS DA
MÚSICA: MODOS DE SENTIR, DE OUVIR E DE TOCAR.

/ Guido Alves do Nascimento. - Mossoró, 2021.

145p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Deficiência Visual. 2. Aprendizados da música. 3.
violão. 4. (Auto) biografia. 5. Narrativas. I. Aguiar, Ana
Lúcia Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

GUIDO ALVES DO NASCIMENTO

DEFICIENCIA VISUAL E OS APRENDIZADOS DA MÚSICA: MODOS DE SENTIR, DE OUVIR E DE TOCAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito final do Mestrado Acadêmico em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

DEFESA DA DISSERTAÇÃO EM: 23/ 04/ 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar – PhD em Educação
Orientadora – UERN/FE/POSEDUC

Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina Aragão – UEPB
Examinador Externo – Titular

Prof.^a Dr.^a Giovana Carla Cardoso Amorim – UERN
Examinador Interno – Titular

Este trabalho é dedicado às pessoas com deficiência visual que encontraram, ou procuram encontrar, na música uma oportunidade de realização pessoal, uma ferramenta de inclusão.

AGRADECIMENTOS

Com o coração descompassado devido emoção causada ao revisitar as memórias deste processo de formação é prudente tecer alguns agradecimentos. Início à construção desse mosaico expressando minha eterna gratidão aos meus pais, Albetiza Alves do Nascimento e Manoel Severino Filho, pela dedicação e carinho com seus quatro filhos, sentimento que se renova a cada dia.

Agradeço também aos meus irmãos, Josenildo Severino do Nascimento, André Alves do Nascimento e José de Arimatéia Alves do Nascimento, pelo apoio e incentivo em todos os passos da minha construção, nesse momento não foi diferente.

Aos meus filhos, Gabriel Alves Lemos e Yasmim Alves Aragão, pelo sorriso sincero e abraço carinhoso.

Agradeço a minha esposa, Janisi Sales Aragão, por apoiar, incentivar, entender e me ajudar durante esse processo. Um farol nos momentos de escuridão.

A todos os que fazem a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVIM, diretores, secretários, professores e associados. Agradecer aos participantes da oficina de violão, em especial aos dois sujeitos da pesquisa, Izabel Cristina de Sousa e Wilde Brasil de Oliveira, pela confiança e disponibilidade em participar de todas as etapas da pesquisa.

Agradecer aos professores do POSEDUC pela contribuição significativa na minha vida pessoal e profissional, dizer que as discussões em sala possibilitaram refletir sobre meus próprios modos de fazer e oportunidade de se reinventar.

Aos amigos dentro e fora do programa que vivenciaram esse processo comigo, pela ajuda, muitas vezes oferecidas antes de serem pedidas.

Um agradecimento especial a minha orientadora, Dr.^a Ana Lucia Oliveira Aguiar, por me aceitar entre seus orientandos, pela forma como conduziu as orientações desta pesquisa, pela compreensão, respeito e acima de tudo pelo impulso que a senhora proporciona na vida das pessoas, eterna gratidão.

Termino com agradecimentos àquele que permanece ao meu lado em todos os momentos da minha vida, mesmo quando não consigo recordar sei que o senhor esteve ao meu lado. Obrigado meu Deus pela força necessária para vencer as batalhas travadas, pela astúcia em caminhar entre os labirintos da vida e sabedoria para discernir entre o certo e o errado.

RESUMO

O respeito à diversidade humana é indispensável para uma sociedade que busca ser justa e igualitária. A música se mostra durante esse trabalho como mediadora do sujeito estigmatizado e seu processo de formação, onde a inclusão se apresenta em dimensões, possibilidades e modos de fazer diversos. O caminho dos aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual será exposto pelo próprio sujeito com deficiência visual. O objetivo da pesquisa busca: “compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar” e consiste em desvendar: “quais as contribuições dos aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos seus modos de sentir, de ouvir e de tocar?”. A metodologia desta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, que propicia a oportunidade de criar uma relação mais próxima com os sujeitos pesquisados. Leis, decretos e narrativas se harmonizam com autores durante a construção deste trabalho no intuito de apresentar a relevância da pesquisa e aprofundar o tema em discussão. O método (Auto) biográfico proporciona ao sujeito, enquanto narra sua própria história de vida, uma reflexão sobre seus caminhos formativos e sua contribuição nessa trajetória, um processo de (Auto) formação. Os resultados expõem entraves vividos pela pessoa com deficiência visual, tais obstáculos dificultam o papel da inclusão, contudo, traz luminosidade aos momentos apresentados pelos sujeitos da pesquisa como importantes para um processo inclusivo e para melhora na qualidade de vida do sujeito estigmatizado. É possível perceber pelas narrativas dos sujeitos da pesquisa, a transformação de si e da realidade que o cerca, por meio dos aprendizados da música. Contudo, é necessária uma atenção especial dos órgãos públicos e privados para o ensino de música às pessoas com deficiência visual.

Palavras-Chave: Deficiência Visual; Aprendizados da música; violão; (Auto) biografia; Narrativas.

ABSTRACT

Respect for human diversity is essential for a society that seeks to be fair and equal. During this work, music presents itself as a mediator of the stigmatized subject and formation process, where inclusion presents itself in various dimensions, possibilities and ways of doing things. Here, the visually impaired individual himself will present the path of learning music in your life. Thus, the research objective was to understand how music has contributed to people's lives with visual impairments in the ways of feeling, hearing and touching. This research methodology uses a qualitative approach, which provides the opportunity to create a closer relationship with the researched subjects. Laws, decrees and narratives harmonize with authors during the construction of this work to present the research's relevance and deepen the topic under discussion. The autobiographical method provides the subject while narrating his own life story, reflecting on his formative paths and contribution to this trajectory, a self-formation process. The results expose obstacles experienced by the person with visual impairment; such obstacles hinder inclusion. However, it brings light to the research subjects' moments as necessary for an inclusive process and improving the stigmatized subject's quality of life. Through the narratives of the research subjects, it is possible to perceive the transformation of themselves and their reality through the learning of music. However, special attention is needed from public and private agencies to teach music to people with visual impairments.

Keyword: Visual impairment; Music learnings; Guitar; Autobiographical, Narratives.

LISTA DE SIGLAS

ADVM – Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró
AVA – Atividade da Vida Autônoma
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
CADV – Centro de Apoio ao Deficiente Visual
CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos
CE – Ceará
CREDEV – Centro de Reabilitação e Educação dos Deficientes Visuais
DAIN – Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas
ENECIN – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumentos
ERNAB – Encontro Regional de Narrativas (Auto) biográficas
FAFIC – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais
FE – Faculdade de Educação
FENAVIPI – Festival Nacional de Violão do Piauí
LBI – Lei Brasileira de Inclusão
MEIOS – Movimento de Integração e Orientação Social
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
PB – Paraíba
PI – Piauí
POSEDUC – Programa de pós-graduação em Educação
PRONAV – Programa Nacional do Voluntariado
RN – Rio Grande do Norte
SESI – Serviço Social da Indústria
SP – São Paulo
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

ABRINDO OS OLHOS.....	10
CAPITULO 1: A CONSTRUÇÃO DE UMA FORTALEZA HUMANA NA MACIEZ DAS MÃOS DOS MESTRES DA VIDA.....	22
1.1. Você não precisa ver para tocar, apenas sinta.....	23
1.2. Vá estudar, meu filho: mamãe eu quero ser músico, passar na televisão!.....	33
1.3. Em passos firmes a construção cria forma com as mãos do oleiro que amacia o barro.....	43
1.4. A busca pelo conhecimento, um anjo, a (Auto) biografia e a fortaleza humana.....	51
CAPITULO 2: O TOM E O TOQUE NA ASSOCIAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DE MOSSORÓ – ADVM	58
2.1. Um começo, uma canção ladrilhada pelo som do coração.....	60
2.2 O sabor da viagem que desliza em meu corpo inteiro no encontro com o eu e com o outro	69
2.3. Eu quero ser sua canção, suas mãos, e seus olhos no narrar/esperançar.....	80
2.4. Com os olhos da música construí minha forma de ver o mundo.....	89
CAPITULO 3: TOCANDO EM FRENTE NA ESCUTA E MINHAS MÃOS COMO MAESTRINAS.....	103
3.1. A formação de um novo EU: formas de fazer, sentir e ser.....	104
3.2. Um violão que me cobre com a paz que vem do desfilar dos meus dedos.....	114
3.3. Alivia-me no mergulho em mim, robustece-me e me liberta.....	122
3.4. A música, o violão e a narrativa (Auto) biográfica como veículo de transformação e inclusão.....	129
TOCAR PARA PERMANECER COM OS OLHOS ABERTOS NA PRODUÇÃO DA VIDA.....	139
REFERÊNCIAS.....	142

ABRINDO OS OLHOS

Família é a base necessária para o fortalecimento do sujeito, uma união capaz de produzir significado para vida de toda pessoa, de perpassar o laço sanguíneo e de se constituir no amor e na superação. Fortalecido pela família, meu caminho de superação se inicia no dia 22 de outubro de 1986, dia que antecede meu aniversário de 06 anos. Durante uma brincadeira de jogar torrões de barro com as outras crianças, formado nos morros de areia da construção do calçamento da rua onde morávamos em Mossoró/RN, sinto um impacto forte na cabeça que causa segundos intermináveis de silêncio, abri os olhos e lembro-me de já está sentado no colo de mamãe sendo acalentado com o olho esquerdo vermelho cor de sangue e uma dor insuportável, em meio esse cenário, como sempre nos meus momentos mais difíceis, mamãe tentava me acalmar como se aquilo fosse uma coisa simples e passageira.

Esse momento é o primeiro ponto de toque com o estudo, a deficiência visual. Não consigo recordar os momentos da minha infância, mas mamãe, Albetiza Alves do Nascimento, fala que no dia seguinte sou internado no Hospital Infantil em Mossoró/RN e transferido na semana seguinte para Natal/RN, onde fui submetido a minha primeira cirurgia.

Essas são as memórias de mamãe, as minhas são pequenos *flashes* onde grande parte são momentos desconfortáveis como: questionamentos dos colegas na escola a respeito do meu problema, apelidos agressivos, a adesão aos óculos escuros e os consultórios oftalmológico. A presença e os ensinamentos de mamãe em como lidar com as situações desconfortáveis sempre ajudaram a acalmar a tensão dos episódios desconfortáveis, fato bem comum no meu dia a dia.

Durante o período de criança, mesmo após esse acidente que mudou muita coisa na nossa família, minha vida se desenvolveu como a de qualquer criança. Contudo, tinha algo em mim que seguia em outra direção, a música me trazia um canal de acesso, onde nada era possível de romper aquela conexão de sons e ritmos, e me fazia pensar em um mundo diferente. Mesmo antes de começar meu caminho musical ela, a música, já fazia moradia em mim.

Foi ao permear a superação pessoal e o afastamento da vitimização que aos doze anos comecei meu romance com a música. Em 1992 mamãe fez minha inscrição na banda de música do Serviço Social da Indústria – Sesi para estudar música sobre a regência do Maestro Dermival Ayres Pinheiro. Contudo, em 1996, aos meus 16 anos,

que essa paixão se transforma, iniciam meus estudos de violão sobre orientação do músico Jobson Rufino e a construção da minha “fortaleza”. Arregacei as mangas e paralelamente iniciei uma busca por material, professores e instituições especializadas no ensino de música, sempre com orientação de Jobson Rufino.

Esse foi o segundo toque com o estudo em questão, a música e seus aprendizados constituíram significados antes impensáveis para minha. No ano 2001 começo os estudos de violão na Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini¹ em Mossoró/RN. Já no ano seguinte, 2002, sou aprovado no processo de seleção do Conservatório de Música Dalva Stella Nogueira Freire – UERN e nos desdobramentos da vida, retorno em 2004 para Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini como professor de violão popular, permanecendo durante quatro anos, até o ano de 2008.

O ingresso no curso de Licenciatura Plena em Música – UERN em 2005 me dividiu entre a vida de estudante universitário e de professor de violão, fato que possibilitou momentos de satisfação, dificuldades e superações. Uma mistura dessas situações foi vivenciada em 2006 na Escola de Música Dr. Pedro Ciarllini, um estudante com baixa visão, esse estudante trouxe com ele uma vontade de aprender e uma motivação que foi despejada em mim e capaz de causar outro toque, o terceiro, e despertar a atenção para tal situação. Com o desenvolvimento das aulas, no intuito de contribuir de forma significativa no processo de aprendizagem, construímos um ótimo relacionamento de professor e aluno onde conseguimos ter um perfeito desenvolvimento, contudo, foi preciso abandonar as aulas por motivos pessoais.

Em 2007 com objetivo de oferecer oportunidade as pessoas que não tinham condições de pagar as mensalidades cobradas e não eram aprovadas nos processos de seleção para escolas especializadas no ensino de música ou não tinham condições de manter um professor particular, foi idealizado e iniciado o Movimento Cultural Ecoarte, ação voluntária desenvolvida em praça pública, ofertando o ensino gratuito de violão e a possibilidade do acesso à música as pessoas que desejam aprender um instrumento.

Em 2010, a aprovação no concurso para Instrutor Musical do Conservatório de Música Dalva Stella Nogueira Freire – UERN dá início a mais uma etapa na minha história como professor. Porém, uma inquietação se fazia presente, não encontrava trabalhos com o ensino sistematizado de violão para pessoas com deficiência visual em

¹ A Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini era a antiga divisão de música da Fundação Municipal de Cultura-FMC de Mossoró/RN começa compor a linguagem musical da Escola de Artes de Mossoró no ano de 2012

Mossoró. No anseio de contribuir com minha formação, sempre participando de festivais de música, *Master class*, encontros de ensino coletivo de instrumentos, foi que em 2014 durante o minicurso de musicografia braile, ministrado pela professora Ms. Catarina Shin² no bloco de música da UERN, a música, para mim, se mostrou como um instrumento inclusivo, onde foi mostrado como aprender/ensinar os sinais musicais utilizando o braile, uma prática metodológica para pessoas com deficiência visual.

Após esse minicurso não se fazia necessário continuar procurando toques de conexão entre as áreas, tendo em vista que a deficiência visual e os aprendizados da música se faziam presentes no meu cotidiano. O desejo de contribuir para melhoria na vida da pessoa com deficiência visual em Mossoró/RN utilizando o ensino coletivo de violão, características na minha prática docente tanto como instrumento de performance como de musicalização, me leva à apresentar durante reunião do conservatório de música em 2016, a proposta de aula de violão para pessoas com deficiência visual. Em agosto do mesmo ano é ofertado pelo conservatório de música uma oficina de violão popular na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM.

Na busca de entender e de contribuir com os participantes da oficina de violão, foi necessário conhecer cada ator envolvido, por meio da sua própria narrativa. No primeiro encontro tínhamos 06 participantes, 03 alunos mulheres e 03 homens, todos adultos, no desenvolvimento das aulas, o ingresso de mais 02 associados e 01 professor da ADVM que despertou o desejo em participar da oficina de violão, esse número passou para 09 participantes, se tornando possível a criação do grupo de violões “Tocando em Frente”, que trabalhou um determinado repertório para participar nas apresentações culturais nos eventos da cidade.

A possibilidade dos participantes da oficina se tornem inspiração e referência para outras pessoas com algum tipo de deficiência visual, de poder contribuir no desenvolvimento das suas habilidades manuais, no conhecimento da cultura, nas artes de forma atuante, tornando-se protagonistas e ocupando um lugar de direito de todos deficientes ou não deficientes, acrescenta fervor na continuação deste trabalho.

A Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM está localizada na Praça Dom João Costa, Rua Ferreira Itajubá, Bairro Santo Antônio na cidade de Mossoró/RN, e atua na defesa dos direitos das pessoas com deficiência visual, com 110 associados da cidade e de outras localidades. Na camada das políticas públicas, a

² Catarina Shin é docente da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

associação fiscaliza e cobra os direitos da pessoa com deficiência visual, oferta apoio nas tarefas escolares e dá acesso às tecnologias disponíveis, além da troca de experiência dos participantes. A ADVIM possui convênios com clínicas médicas que oferecem descontos para os associados, como o atendimento gratuito em clínicas oftalmológicas.

As barreiras encontradas no início da oficina, as superações do grupo e as vitórias individuais dos atores envolvidos fizeram outros sentimentos acordarem, é importante lembrar que sentimos a presença da felicidade e da solidariedade entre nós. A convivência e a busca de compreender os saberes da música, de entender e participar da vida do outro, junto aos desafios encontrados e superados, despertou o desejo de aprofundar sobre a deficiência visual e compreender a contribuição e os aprendizados da música na vida de uma pessoa cega ou com baixa visão.

Vitórias que resultam na formação do grupo “Tocando em Frente” e em apresentações na própria ADVIM e apresentações externas. A nossa primeira apresentação foi no dia 26 de setembro de 2016 no auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais FAFIC/UERN e veio agregar valores a nossa atividade. Quando realizamos no dia 24 de outubro de 2016 na Ordem dos Advogados do Brasil – OAB em Mossoró/RN foi acrescentado forças artísticas para continuar com nossas apresentações e para fechar a tríade das apresentações vêm a Comunidade Passagem de Pedra/RN no dia 12 de janeiro de 2017. Esse combustível para nosso motor musical carregou nossos instrumentos de energias positivas e de certezas.

No ano 2016 participei do IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e do II Seminário de Música e Inclusão promovido pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no minicurso de Música Transformando Vidas (flauta doce), por não encontrar trabalhos com o ensino de violão para pessoa com deficiência visual. Como professor da oficina de violão da ADVIM, percebo a contribuição na construção dos valores artísticos dos participantes, sinto-me no sentido contrário aos paradigmas dominantes, excludentes, controladores do conhecimento e permaneço alinhado ao pensamento de Boaventura (2008) no paradigma de uma vida descente, um paradigma social.

Mesmo com o direito assegurado pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – LBI, Lei nº 13.146/15 de 06 de julho de 2015 é encontrado dificuldades no acesso as calçadas, nos espaços e transportes públicos não adaptados, na educação, no ensino das artes, na cultura, nas barreiras atitudinais e no que diz respeito à música

não é diferente. Apesar das conquistas levantadas anteriormente, na cidade de Mossoró não se tem conhecimento de trabalhos direcionados para o ensino coletivo de violão às pessoas com deficiência visual.

No VII Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumentos – ENECIN em Sobral/CE em 2016, durante a oficina de violão, um estudante chamado Tibério fez uma interrupção e questionou: “professora como à senhora faria para apresentar esses conteúdos a uma pessoa cega como eu?”. Foi nesse momento onde as coisas começaram a fazer sentido e a contribuição significativa para o entendimento musical que os participantes da oficina de violão na ADVM precisaria, sentimento despertado em mim, ser colocada fora das paredes da associação de alguma forma.

No caminho dessa compreensão e na tentativa de contribuir no desenvolvimento musical dos envolvidos na oficina da ADVM, as conquistas individuais e coletivas dos participantes deram um novo fôlego ao desejo de pesquisar sobre “A Música na vida da pessoa com deficiência visual”. Após uma pesquisa em torno do tema da nossa dissertação nos bancos de dados na CAPES, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN foi percebido uma distância, em alguns aspectos, nos temas dos Artigos e dissertações encontrados durante a busca sobre a deficiência visual e os aprendizados da música, contudo, não se afastam do ponto culminante do nosso trabalho, já que nossos estudos estão ligados ao eixo da inclusão, entrando em harmonia com nosso tema de alguma maneira.

Com o trabalho vinculado a linha de pesquisa “Práticas educativas, cultura, diversidade e inclusão” no programa de pós-graduação – POSEDUC/UERN, os trabalhos destacados durante a pesquisa que tratam sobre o estudo da inclusão dão suporte para não iniciarmos do nível zero, desta forma, contribuem significativamente para pesquisa em andamento.

Destacamos a importância da profissionalização inclusiva dos professores de música, pois desde a criação da Lei Brasileira de Inclusão – LBI é assegurado os direitos das pessoas com algum tipo de deficiência nas áreas de educação, saúde, lazer e profissional. A pesquisa sobre a deficiência visual e os aprendizados da música se faz relevante pela carência de trabalhos com o ensino de música para pessoas cegas e com baixa visão na cidade de Mossoró/RN, onde traz o ensino coletivo de violão a pessoas com deficiência visual, apresenta os modos como “enxergam” a música e os seus efeitos na vida da pessoa estigmatizada como uma possibilidade para professores de música.

Posto em reflexão a importância da música na vida dos participantes da oficina de violão da ADVIM, encontro no mestrado em educação – POSEDUC/UERN a oportunidade de submergir nesse mundo e apresentar a academia e os cursos de Licenciatura em Música um processo de educação musical inclusiva, pois tratamos de *“Compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar”*.

Os saberes desenvolvidos na oficina de violão e as narrativas (Auto) biográficas dos sujeitos da pesquisa trarão à tona se houve realmente o processo de formação e transformação dos sujeitos, apontando as práticas formativas iniciadas e desenvolvidas na oficina, apresentando as experiências vividas através da música como estímulo e caminho para uma condução harmoniosa.

A construção dos saberes do sujeito será alinhada aos saberes pessoal e profissional como um processo de movimentação interior e exterior, em desenvolvimento constante. Esse desenvolvimento acontece desde muito cedo, antes mesmo de começar o ofício da profissão. A construção dos saberes vivenciado meio a diversidade, produzidos no convívio familiar, no ambiente de trabalho e durante o processo escolar são apresentados como agentes geradores do aprendizado do estudante e da formação do agente formador. A construção desse emaranhado de formação parte da narrativa da minha formação como um dos objetivos da pesquisa para esclarecer a contribuição dos aprendizados da música.

Durante a oficina de violão na ADVIM vivenciamos momentos significativos de formação durante o ensino coletivo de violão, os participantes adquirem conhecimentos musicais que possibilitam ao professor, e a si mesmo, vivenciar experiências e conhecer realidades diversas apresentadas por cada estudante, para, de lado a lado da reflexão sobre a engrenagem construtiva do conhecimento musical da pessoa com deficiência visual, ser possível atuar de forma colaborativa.

A atuação frente à oficina de violão necessita despertar o interesse e envolvimento dos participantes nos enfrentamentos das situações de dificuldade, sem se distanciar de um estudo atraente. Tomamos esse pensamento para fundamentar as metodologias utilizadas no processo de musicalização na ADVIM, atividade com objetivo de manter o interesse dos participantes durante a oficina de violão e promover o desenvolvimento artístico e profissional dos participantes.

O ensino da música é pensado em atuação coletiva, um episódio musical democrático, onde a informação é passada ao mesmo tempo para todos os envolvidos

no objetivo de executarem a mesma peça musical. O ensino coletivo de violão foi adotado na oficina de violão da ADVM com objetivo de compreender os modos de sentir, ouvir e tocar dos participantes.

A união do grupo é primordial em aprendizado coletivo, onde os desenvolvimentos das habilidades individuais tornam-se significativas nos desdobramentos das atividades musicais em sala de aula. Na oficina de violão da ADVM a boa relação entre os participantes estimula e fortalece o aprendizado e se torna uma atividade atraente e prazerosa.

A história de vida dos dois sujeitos da pesquisa é narrada por eles e se percebe a música como importante ferramenta para construção das superações, no envolvimento com os outros participantes durante a oficina e no convívio com os funcionários da própria instituição. Conhecemos pela ótica dos professores da ADVM os saberes e possibilidades que a música propõe às pessoas com deficiência visual, apresentados nas suas narrativas, acrescenta mais detalhes para se desvendar os aprendizados da música.

Este trabalho tem por objetivo *compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar*, a partir da história de vida do professor de violão e dos dois sujeitos da pesquisa. Conheceu-se os efeitos que ela, a música, causou nas suas vidas, os desafios, superações, saberes e aprendizados. Foi dado um passo significativo na vida da pessoa com deficiência e nesse trabalho fez-se reflexões desse passo dado, onde a pessoa com deficiência é o ator principal da sua própria história de vida, apresenta-se as conquistas dos sujeitos como ferramentas possíveis de serem estudadas e disponibilizadas, como democratização do saber.

O Artigo quatro da LBI assegura a pessoa com deficiência o direito igualitário de oportunidades e de não ser discriminada, contudo as barreiras enfrentadas pela pessoa com deficiência não se limitam no acesso as calçadas, aos transportes coletivos, a falta de sinalização apropriada e os mais inúmeros problemas emergenciais. O resultado da reflexão sobre tais apontamentos traz alguns questionamentos: Temos realmente uma educação igualitária? Temos assistência do estado nas ações sociais? Na saúde? Nas artes? Enfim, toda pessoa com deficiência tem oportunidade igual? Como especifica o artigo citado, sem nenhuma espécie de discriminação.

Numa corrida desenfreada da qualificação profissional, a capacitação dos profissionais da educação se faz necessário. Na cidade de Mossoró/RN não se tem registro de aulas de violão para pessoas com deficiência visual, mesmo assegurado que

é dever do educador e das instituições que formam esses educadores o trabalho com a inclusão nos mais diversos seguimentos, assim, precisamos ocupar os espaços no objetivo de mudar essa realidade de exclusão.

A tarefa do educador na estimulação da produção do saber do seu estudante deve atribuir valor capaz para superar suas limitações. As superações dos participantes da oficina de violão coletivo preencherá a lacuna do nosso conhecimento sobre o ensino de violão as pessoas com deficiência visual da nossa região e contribuirá com o aprendizado a cada dia com o ato de ensinar.

Necessitamos ficar de prontidão no apoio ao desenvolvimento dos nossos estudantes, os educadores atuais devem fortalecer as lutas a favor da inclusão, ter ousadia para proporcionar uma ruptura com os sistemas estabelecidos, se tornar parte efetiva na frente de batalha e mesmo que de forma amorosa nunca ser omissos.

Ressurgir depois do caos, da surpresa de enfrentar suas limitações no encontro com outro, com uma nova percepção que busca entender o quanto é importante o passo dado em direção ao acesso sem barreiras e sem discriminação, a formação e capacitação dos profissionais da educação com uma perspectiva inclusiva se faz emergente, como possibilidade de vivenciar situações diversas.

Partindo de si como lugar onde o conhecimento se desenvolve, onde o acesso livre da dúvida faz moradia, a busca do aprender, longe das verdades absolutas, assume suas limitações a favor do empoderamento vivenciado pelas suas experiências, aberto aos riscos e a transformações se faz sujeito da experiência. Dessa forma, trouxemos nossas experiências para a prática como algo construído não apenas de nossas informações, por vezes consideradas um dos inimigos da experiência, mas dos desdobramentos que a vida vai tendo e o significado que vamos dando a eles.

Na travessia desse espaço interpretado como locais de saberes em desenvolvimentos, tornando-se necessário para a evolução da educação, o conhecimento e a reflexão das possibilidades ofertadas pela música na formação de vida da pessoa com deficiência visual atribuem valores significativos ao trabalho e oportuniza conhecer os caminhos traçados por ele.

A Lei Brasileira de Inclusão – LBI desenha os direitos das pessoas com deficiência em comunhão a uma pedagogia inclusiva, ambiente onde as batalhas são travadas com a compreensão do fazer e do incluir, corroboram na construção dos saberes e trazem para nosso discurso o sujeito da experiência, apresentando-nos que tais experiências são momentos emancipatórios do ser em formação.

No terreno da educação musical além das possibilidades artísticas, a música se tornou uma ferramenta de humanização, possibilitou a criação de laços entre os envolvidos e se configurou como um sistema de socialização. O compartilhamento das experiências e dos valores apresentados pelos sujeitos da pesquisa se envolve em relações pessoais e favorece o desenvolvimento dos diversos modos de sentir, de ouvir e de tocar violão.

O ensino coletivo de instrumentos além de ser uma fermenta democrática no ensino da música, possibilita desenvolver metodologias diferenciadas para se ofertar uma opção artística para as pessoas atingidas pela desigualdade. Apresentaremos os aprendizados musicais desenvolvidos em coletivo na oficina de violão na ADVm e sua rede de socialização na intenção de conhecer e refletir sobre as habilidades manuais e o estímulo dos participantes, tornando o professor um condutor das relações diretas com os atores envolvidos.

A construção dos saberes da música na ADVm, dos momentos de dificuldades, superações e da (Auto) reflexão dos dois sujeitos da pesquisa são apresentados pelas suas narrativas e nos revela algo novo, um caminho capaz de guiar outras pessoas com deficiência visual numa vivência significativa. A busca pela formação é sentida nos sujeitos da pesquisa pela necessidade intrínseca de desenvolver o seu verdadeiro eu. A reflexão do sujeito que busca formação em alguma área do conhecimento e acredita que existe em seu interior, algo ainda novo para ser descoberto, é apresentada por Josso (2010) como a “identidade por vir”. Ao apresentar tais significados será possível compreender como ocorreu o processo de empoderamento dos sujeitos desta pesquisa e mostrar a melhoria na sua qualidade de vida e no processo de socialização, pilares que sustentam a construção da vida desses sujeitos.

Na perspectiva de *compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar*, utilizaremos uma abordagem qualitativa visando nas vozes evocadas dos sujeitos da pesquisa, identificar momentos significativos pelo laço criado durante a oficina de violão coletivo desenvolvida na ADVm e conhecer o ambiente onde se desenvolve tal oficina.

A ideia de compreender o mundo onde os dois sujeitos desta pesquisa se encontram é narrado como momentos significativos no seu processo de construção. Por se tratar de uma pesquisa educacional, Bogdan e Biklen (1994, p.38) apresentam em seus escritos que “os métodos qualitativos ganharam popularidade devido ao

reconhecimento que emprestavam às perspectivas dos mais desfavorecidos e excluídos socialmente - os que se encontravam do outro lado”.

Fizemos uso do método (Auto) biográfico e as narrativas dos sujeitos da pesquisa, histórias de vida, serão condutoras no processo de compreensão dos efeitos causados pela música nas suas vidas e possibilitará um reencontro com seus episódios de desafios e superações.

Tratamos com profundidade e serenidade as histórias narradas sobre os saberes advindos do encontro com a música, por meio da oficina de violão coletivo, trazendo para a vida dos narradores uma apropriação com o fazer artístico. A pessoa com deficiência é dona das suas escolhas e adiciona valores no seu processo de formação, onde a possibilidade de vivenciar momentos de lazer influencie na escolha do que mais lhe convém, no seu determinado tempo.

As narrativas reflexivas dos dois narradores da pesquisa foi um caminho para *compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar*. As reflexões dos sujeitos sobre a contribuição da música na sua vida gera consciência de si no seu caminho musical, onde tal mergulho nas memórias atribui valores distintos a cada episódio revisitado na sua formação.

A escolha dos narradores é regida por critérios que não se tratam apenas do ato de contar história, mas a importância de tal sujeito frente ao grupo, à superação de si e o apoio para superação do outro, como apresentado em nossos objetivos específicos, *“Descrever os saberes e possibilidades que a música propõe às pessoas com deficiência visual”*, e foi feita a partir da ideia de ouvir um participante que participou da primeira oficina de violão em 2016, e o segundo narrador, um componente da oficina de 2019. Ambos revisitaram seu encontro com a música e sua importância como fator de motivação.

A (Auto) biografia reflexiva trata do sujeito que narra sua história de vida e ao gerar conhecimento de si, se torna um fio condutor do nosso processo de escrita e, trará atributos fortalecedores a compreensão que permita descrever os saberes e possibilidades proposto pela música na vida de pessoas com deficiência visual.

A segunda edição da oficina de violão coletivo teve seu início em outubro de 2019, onde com quatorze participantes com idades entre 25 e 61 anos, dos quais 05 participantes são mulheres e 09 homens, devido curto espaço de tempo para desenvolvimento e conclusão da pesquisa não foi possível ouvirmos as narrativas de

todos participantes da oficina de violão, por esse motivo, direcionamos nosso foco de pesquisa para as narrativas de dois participantes da referida oficina.

A possibilidade de gerar reflexão no sujeito quando visita suas experiências formadoras, os momentos marcantes na sua história de vida até o encontro com a música na ADVIM apresenta uma abordagem metodológica adequada ao estudo em que se propõe a pesquisa. Os dois sujeitos da pesquisa serão informados sobre os detalhes do estudo, esclarecidos sobre seu papel na participação da pesquisa e seus direitos serão assegurados seguindo as recomendações da resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde de acordo como Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE.

Na continuidade das fases do trabalho será feita uma escuta atenta das narrativas dos sujeitos da pesquisa, para realização da transcrição das mesmas. A transcrição fiel das narrativas sobre seus aprendizados musicais, seus modos de sentir, de ouvir e de tocar, trará esclarecimentos aos mistérios dos aprendizados que atribuíram valores no seu processo de formação musical e na rede de socialização.

A (Auto) biografia reconhece os valores na vida cotidiana dos sujeitos, mostra a contribuição do referido método e possibilita conhecer os atores envolvidos na pesquisa de um ângulo que só suas narrativas podem nos oferecer. As histórias de vida dos narradores apresentaram as mudanças causadas por determinada ação; os benefícios; a relação com o outro, dentro e fora da associação; e a reação dos outros e deles com suas conquistas.

A fase de interpretação das narrativas dos sujeitos da pesquisa foi desenvolvida seguindo os cuidados necessários, por se tratar de parte fundamental no trabalho com histórias de vida. A metodologia da (Auto) biografia ganha espaço nos estudos acadêmicos por dar voz aos atores e, com isso, apresenta um caminho percorrido como uma, das diversas, forma de aprendizagem e construção de vida da pessoa com algum tipo de deficiência visual.

Iniciaremos a dissertação com uma introdução intitulada *Abrindo os Olhos*, onde será apresentado o interesse e caminhos percorridos até o encontro com o tema sugerido, tais momentos serão revisitados no objetivo de situar e esclarecer aos leitores o percurso realizado para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

O trabalho se divide em três capítulos, o primeiro *A Construção de uma Fortaleza Humana na Maciez das Mãos dos Mestres da Vida* apresentará os saberes adquiridos na construção do meu eu. Na utilização do método (Auto) biográfico, a minha narrativa de vida elucidará caminhos vividos num processo (Auto) formativo. O

encontrar com essas as reminiscências, nos possibilita além da tomada de consciência daquilo que realmente nos atribuiu experiência, apresentar os aprendizados e conhecimentos adquiridos através das minhas próprias vivências.

O segundo, *O Tom e o Toque na Associação de Pessoas com Deficiência Visual de Mossoró – ADVIM* apresentará a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró desde seu surgimento por meio de documentos e narrativas de membros fundadores. A oferta no ensino de música durante a oficina de violão nos possibilitou, através das narrativas dos participantes desta pesquisa, conhecer os modos de sentir, ouvir e tocar violão. Os saberes da música serão narrados por dois participantes, e trará para nossa discussão a importância de refletir sobre tais aprendizados como contribuição na vida da pessoa com algum tipo de deficiência visual.

Por fim, iniciamos o terceiro e último capítulo, *Tocando em Frente na Escuta e Minhas Mãos como Maestrina*, apresentando as vozes dos sujeitos da pesquisa como um caminho formativo na construção de si dentro do coletivo. As memórias musicais, aqui entendidas como importante na construção de si, trazem para nossa discussão: a) como se deu os seus saberes musicais, compreendendo quais as contribuições dos aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual; e b) conhecer os percursos trilhados pelos narradores, a eficiência do ensino coletivo de violão e os episódios significativos que a música propõe à pessoa com deficiência visual.

A trajetória deste trabalho, os desdobramentos e esclarecimentos construídos no desvendamento dos conhecimentos musicais na vida da pessoa com deficiência visual, trazem durante as considerações finais “*Tocar para Permanecer com os Olhos Abertos na Produção da Vida*” fazer apontamentos e identificar, junto às narrativas dos participantes, momentos que atribuíram significados nas vidas dos sujeitos, capaz de contribuir para vida de outras pessoas com algum tipo de deficiência visual.

CAPITULO 1: A CONSTRUÇÃO DE UMA FORTALEZA HUMANA NA MACIEZ DAS MÃOS DOS MESTRES DA VIDA

O estigmatizado e o normal são partes um do outro; se alguém se pode mostrar vulnerável, outros também o podem. (GOFFMAN, 2017, p.146)

A construção dos saberes, gerados pelas experiências vividas e pelos mestres, encontrados desde os momentos mais antigos da minha história de vida são revisitados durante esse capítulo por meio da (Auto) biografia e apresentados em quatro etapas.

Iniciaremos com a apresentação dos caminhos percorridos na minha formação durante o primeiro tópico, *Você não precisa ver pra tocar, apenas sinta*, descreveremos desde o apoio familiar no meu encontro com a deficiência aos 06 anos, passando por processos de tratamentos médicos e lutas de aceitação de mim e do outro até o encontro com a música. O violão foi o instrumento capaz de mudar o curso da minha história de vida.

Apresentaremos durante o segundo tópico, intitulado: *Vá estudar, meu filho: mamãe eu quero ser músico, passar na televisão!* Os primeiros acordes no violão e as participações em grupos musicais amadores apresentadas nas narrativas como parte importante da minha formação musical. Tanto no meio popular quanto na música clássica, a busca por aulas, o ingresso nas escolas especializadas no ensino de música e a entrada para a universidade no curso de licenciatura e a participação nos festivais.

No terceiro tópico, *Em passos firmes a construção cria forma com as mãos do oleiro que amacia o barro*, revisitaremos o nascimento do professor de violão durante as brincadeiras de crianças, onde apresentando o desenvolvimento da minha primeira aluna percorreremos um caminho construtivo até o universo acadêmico. O ingresso nas escolas especializadas como professor e a aprovação no vestibular de música na Universidade do Estado do Rio Grande Norte - UERN são resultados de um caminho percorrido sempre em comunhão com o outro, reflexo disso foi o nascimento do Movimento Cultural Ecoarte, iniciativa que oportunizou o ensino gratuito de violão em Mossoró/RN.

Continuando, no terceiro tópico, visitaremos momentos entendidos como parte importante na minha formação, as dificuldades e superações, cirurgias e consultas, a música e o violão, a aprovação no concurso em 2010 e a conclusão do curso de Licenciatura em Música em 2012.

No final desse capítulo, durante o quarto tópico, *A busca pelo conhecimento, um anjo, a (auto) biografia e a fortaleza humana*, será apresentado os episódios que me levaram ao universo da pesquisa acadêmica. As capacitações ofertadas pelo conservatório de música, durante nossa semana pedagógica, do qual destaco os minicursos de musicografia braile e ensino coletivo de instrumentos como importantes no surgimento do projeto ensino de violão as pessoas com deficiência visual junto a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró - ADVIM.

Contudo, atribuímos como fundamental para o desenvolvimento desse trabalho o encontro com a narrativa (Auto) biográfica durante a disciplina de “Memória, formação e pesquisa (Auto) biográfica” como aluno especial no programa de Pós-graduação em Educação-POSEDUC em 2016.1, ministrada pela professora Dr. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

A (Auto) biografia possibilitou uma conscientização no meu processo de formação, experiências vivenciadas do sujeito que atribuem valores na formação de si e do outro. A aprovação no Edital N° 02/2019 para aluno regular no POSEDUC proporcionou o alinhamento do trabalho desenvolvido na ADVIM, aceito no programa como projeto de pesquisa, com a metodologia (Auto) biográfica na possibilidade de refletir sobre os aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual.

1.1 Você não precisa ver pra tocar, apenas sinta

A música se tornou o principal veículo para pessoas com deficiência visual poder vivenciar parte da sua cultura, as sensações experimentadas ao ouvir um grupo folclore, onde a pessoa cega não colocará valores visuais como roupas e danças, essas experiências se tornarão estudos de percepção que trarão sentido e compreensão na interpretação musical da pessoa com deficiência visual.

Entender os resultados e refletir sobre tais sem conhecer os caminhos vivenciados por mim, desde os momentos mais antigos que consigo resgatar das minhas memórias, os desafios e as estratégias utilizadas para êxito na luta travada pelo sujeito em formação, não é possível sem conhecer sobre as dificuldades e preconceitos vivenciados por uma pessoa estigmatizada nos enfrentamentos sociais, a realidade de uma mãe que busca qualidade de vida para seu filho em uma sociedade preconceituosa.

A luta de um homem que na batalha de educar quatro filhos, na certeza da melhora que esse caminho pode oferecer não se incomoda de tornar seu trabalho em lazer,

diversão e terapia, onde o objetivo de oportunizar espaço para os filhos estudarem se faz presente no contexto familiar, irmãos que se apoiaram e apoiam nas lutas de aceitação presenciadas e vivenciadas criam silenciosos elos de confiança indestrutíveis.

Na busca de resgatar memórias que foram importantes na minha história de vida, os episódios que constituem minha formação serão revisitados, utilizando a (Auto) biografia como veículo capaz de refletir sobre nosso próprio caminho. Ao nos defrontarmos com esses momentos, refletiremos sobre tais, como processos de formação na construção da fortaleza humana, buscando compreender a importância do outro no processo de formação.

As sustentações teóricas, a escrita e o reencontro com as memórias provocam não apenas oportunidade de reviver momentos anteriores, mas o empoderamento do efeito de formação de si. Iluminado pelo pensamento de Freire (1987, p. 39) em que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Freire (1987) nos apresenta a reflexão sobre si e sobre o outro como possibilidade de perceber aquilo que antes era tido como objetividade implicará num caráter de desafio, aumentando dessa forma o campo de percepção como uma realidade em transformação. Utilizando a (Auto) biografia como condutora do nosso caminho, Josso (2010) traz essa abordagem como forma de refletir sobre a sua formação e compreender a história de vida do outro.

Se aceitarmos por convenção verbal, que os saberes resultam da experiência de outrem e que os saberes socialmente valorizados são elaborados segundo modalidades socioculturais concretas (por exemplo os centros de pesquisa), e se aceitarmos ainda por convenção, que os nossos conhecimentos são frutos da nossa própria experiência, então, as dialéticas entre saber e conhecimento, entre interioridade e exterioridade, entre individual e coletivo estão sempre presentes na elaboração de uma vivência em experiência formadora. (JOSSO, 2010, p.49).

Sob a luz da (Auto) biografia refletiremos sobre nossos passos, trazendo para nossa discussão momentos de conflitos e questionamentos permitidos pela narrativa oral. As experiências sociais apresentadas, nos escritos de Josso (2010), como fundamentais no processo de formação do sujeito, onde as etapas vividas, individual e coletivamente, são entendidas como importantes nessa construção.

Assim, após se aposentar como mecânico da Itapetinga Agroindustrial-NASSAU em 1997, papai, Manoel Severino Filho, um ótimo lançador de tarrafa que desenvolveu seus instintos de pescador quando menino em Marcelino Vieira/RN, nos açudes daquela região, ainda criança trazia peixe para mesa, dedicando-se a casa e a pescaria. O mundo da pesca se apresentou de outra forma, era sua ocupação para uma rotina de trabalhos diários por mais de 25 anos, com mais tempo para o envolvimento com seus instintos naturais é chegado o momento de desenvolver o artesão que se desdobrava naturalmente.

Hoje, igual a papai tecendo sua rede de pesca com o cuidado, atribuindo linhas de cores diferentes e simetria em cada nó dado, onde coloca valor e satisfação pessoal, sem perder a concentração na busca de um bom resultado, busco, nos nós da minha rede da vida, por meio das incertezas e questionamentos interiores que me impulsionaram a tomar decisões emancipatórias, conexão com a metodologia (Auto) biográfica.

De acordo com Josso (2010, p. 70):

Nesses momentos-charneiras, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo, ou o que mobilizou a si mesmo para se adaptar à mudança, evita-la ou repetir-se na mudança. (JOSSO, 2010, p. 70).

A autora apresenta a ideia de tomada de consciência do sujeito, possibilitando um novo entendimento de si, uma mudança de frequência, assim como outra etapa a ser iniciada. As amarras dos nós da minha rede de pesca atribuem significados de mudança que enfrentamos ao ponto de confronta-las no objetivo de superação.

Partindo do momento-charneira mais antigo que tenho na minha memória, volto ao final de tarde do dia 22 de outubro de 1986, um dia antes do meu aniversário de 06 anos. Mamãe tinha ido ao centro da cidade comprar os enfeites da minha festinha de aniversário e eu aproveitei para brincar de jogar torrões de areia retirados dos morros espalhado pelas ruas para manutenção do calçamento de todo bairro Abolição-1 em Mossoró/RN, mesmo do lado de dentro de casa, com um portão de colunas de ferro separadas por aproximadamente 10 cm, eu brincava com os colegas que estavam na rua.

Com o final da tarde se aproximando, sabia que mamãe estava perto de chegar das compras, eu brincava com um coleguinha mais velho que morava em frente a nossa casa, quando durante essa troca de arremessos sou atingido no olho esquerdo, “lembro-me da agressividade daquele impacto ainda hoje!”, esse foi o momento da mudança de

curso, direcionando minha história de vida, um portal aberto para um mundo novo, levando junto toda minha família.

Ainda conforme Josso (2010, p. 86):

O processo autoreflexivo, que obriga um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de autointerpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais interiorizados pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivos da dimensão cognitiva da sua subjetividade. (JOSSO, 2010, p.86)

Josso (2010) mostra um sujeito que articula os tempos de vivências significativas, com (Auto) reflexão no processo de pensar a sua autoria na formação de si mesmo em confronto com o olhar do outro. Passamos todos por momentos difíceis, contudo, alguns episódios têm importância fundamental para fortalecer meus passos na construção da minha fortaleza humana.

Não me lembro de muitos detalhes da minha infância, mas fazendo uso do processo de apropriação das memórias de mamãe, Albetiza Alves do Nascimento, no outro dia, 23 de outubro, dia do meu aniversário, faço minha primeira consulta e já fico internado, sem nenhuma melhora sou transferido para Natal/RN e submetido a minha primeira cirurgia na Prontoclínica de Olhos, no objetivo de limpar e tratar dos danos causados pelo impacto. Fiz mais três cirurgias em Natal/RN no mesmo hospital, uma de catarata em 1988, outra para colocar uma lente intraocular em 1989, retornando duas semanas depois para refazer um ponto que tinha soltado, realizando assim, outro processo cirúrgico.

Hospitais e consultas com oftalmologistas eram constantes, mesmo com todos os esforços, os médicos não conseguem recuperar o dano causado na córnea pelo impacto daquele torrão e perco a visão total do olho esquerdo. No ano 2000 começo a sentir dores insuportáveis no olho, eram dores que me faziam sair de harmonia e busco novamente recursos médicos, mas dessa vez em João Pessoa/PB no Instituto Olhos da Paraíba.

Sou acompanhado pelo Dr. Oswaldo Travassos de Medeiros, professor da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, cirurgião e inventor³ de aparelhos que contribuíram no avanço da medicina oftalmológica, a princípio fui tratado à base de

³ Pessoa que cria algo novo que possa ser industrializado.

drogas diminuindo minhas dores e as sensações de incômodo, mas era preciso substituí-las quase anualmente, devido à resistência adquirida pelo corpo aos medicamentos.

Nessa dialética, tempos de calma e turbulência, em 2008 sou novamente submetido a outro procedimento cirúrgico, dessa vez em João Pessoa/PB devido ao aumento das dores o transplante de córnea foi o procedimento indicado com objetivo de cessar os desconfortos causados devido o estrago feito na minha córnea. Apoio-me nos braços dos amigos e familiares para trilhar o caminho da superação.

De acordo com Josso (2010):

A ampla delimitação de contextos e situações de vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam uma vida – as pessoas significativas da família, os acontecimentos pessoais e sócio-históricos -, começam a desenhar os contornos da singularidade de um percurso de formação, e começa a evidenciar aprendizagens; momentos-chave e desafios que os atravessam; valores ou valorizações que orientam escolhas, bem como preocupações e temas recorrentes. (JOSSO,2010, p.90)

As situações que marcam a vida do sujeito segundo a autora são importantes momentos de divisão, estabelece sentido de emancipação, vivencia uma tomada de consciência dessa transformação/formação. Empenho-me para compreender esses processos de formação após o contato com a música na construção da minha história de vida, onde junto a minha família se fez escudo protetor da indiferença, dos questionamentos e do desacreditar.

Vivenciando uma realidade de exclusão desde a cor da minha pele, negro que nega a negação do direito de ser. Negro com visão monocular, estigmatizado pelo fato de ser visto como ser diferente do rótulo apresentado socialmente, encontro na música um mundo onde a harmonia se apresenta como elemento constituinte, contudo, a vaidade se mistura sem ser sentida pelos despercebidos.

Durante o intervalo de uma apresentação na cidade de Caraúbas/RN fui ao banheiro e flagrei dois músicos colocando em xeque minha capacidade de tocar um instrumento e atribuir sentimento, técnica e nuance capaz de causar um colorido musical. Esses elementos constituem uma paisagem sonora e se aproximam da ideia de perfeição, acreditado por alguns músicos.

Acontecimentos não programados, como esse citado acima, eram comuns de acontecer, mas eu atuava em momentos onde, também, construíam significado a minha dedicação diária, de acordo com (Josso, 2010, p.51) “fazer experiências são as vivências

de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, isto é, somos nós mesmos que criamos, de propósito, as situações para fazer experiência”. O sujeito em formação consciente atribui valores nas suas situações cotidianas, assim, em comunhão ao pensamento da autora, pensamos um ator gerador das suas experiências.

Os momentos de subestimação são refletidos como aportes no processo de construção, sejam eles criados nas vivenciados em coletivo, nos fatores sociais e econômicos e na realidade em que se desenvolve a formação do sujeito.

Dificuldades são realidades de todos, contudo as barreiras atitudinais vivenciadas pela pessoa estigmatizada, onde ser considerado incapaz, ser classificado como diferente, como se existisse de fato uma igualdade, são lutas de grupos e associações de classes estigmatizadas que não buscam apenas o direito de ser, mas o direito de ter direitos.

Esses episódios vivenciados são responsáveis pelo direcionamento do indivíduo e pela formação do ser participativo na sua vida e na vida do outro, no pensamento que o outro é parte fundamental na construção de si. Partindo da ideia do método (Auto) biográfico e sua possibilidade de extrair questionamentos da história de vida contada pelo próprio autor, em uma forma reflexiva nas tomadas de decisões e nas experiências de formação, Josso(2010):

Há, em todo caso, uma ressonância particular que nos faz, de forma sub-reptícia, pensar: “olha, alguma coisa acontece comigo, aqui”. Ainda que a compreensão do que se passa nesse “acontecimento consciencial” seja apaixonante, o importante é conhecer as etapas que serão franqueadas (se a experiência não for truncada ou inacabada) entre um momento em que a tensão é focalizada e o uso que é feito do que foi extraído dessa vivência. (JOSSO, 2010, p.52)

A construção das etapas vividas pelo sujeito, segundo a autora, necessita de reflexão e atenção para os detalhes que são deixados como um explorador em busca de conhecer o processo de formação. Na necessidade de refletir sobre meu processo de formação como algo constante, começo a sentir uma sequência de episódios com mais precisão temporal, no ano de 1992 por volta dos meus 12 anos, papai era sócio do Serviço Social da Indústria – Sesi e mamãe, figura de responsabilidade do meu melhor lado de ser, como era de costume colocar os filhos na Banda de Música do Sesi de Mossoró/RN, dou início a minha vida musical.

Esse encontro diferenciado com a música foi mágico, iniciávamos um mundo novo, mesmo para os alunos mais antigos, o conhecimento andava em passos lentos,

contudo, muitos músicos profissionais da cidade passaram pela Banda de Música do Sesi de Mossoró/RN. Regidos pela batuta do Maestro Dermival Ayres Pinheiro, os meus irmãos mais velhos, em ordem decrescente Josenildo Severino do Nascimento, André Alves do Nascimento e Jose de Arimatéia Alves do Nascimento, já participavam da banda desde 1989, Josenildo Severino tocava tuba, André Alves tocava sax tenor, José de Arimatéia (Badé) tocava sax alto e clarinete e eu, o novo músico da família, comecei tocando trompete.

Foi pelo trompete que conheci a música na banda do Sesi, ensaiava meus passos no caminho da música, durante as aulas era apresentada a escrita musical e suas divisões na prática, o maestro Dermival Pinheiro era um ótimo professor, sua metodologia era dinâmica e atribuía significados novos e diversos ao vocabulário musical dos seus alunos, gerando oportunidade de se desenvolverem de acordo com a forma que mais se identificava.

A Banda de Música do Sesi teve seu início no ano de 1972, com o objetivo de ofertar aulas de prática instrumental, percussão e teoria musical para os associados e dependentes. Permaneci sob a regência do maestro Dermival Pinheiro durante dois anos. Foi um momento transformador, alguns músicos que participaram da banda de música estudaram comigo no período da faculdade e hoje fazem parte do meu ciclo de amizades.

Na parte interpretativa da música, o maestro falava de forma carinhosa, tratava com delicadeza e sem afastasse da responsabilidade do fazer musical com seriedade e profissionalismo. Durante os ensaios da banda dividíamos as estantes⁴ de partituras em duplas, certa vez encontrei dificuldades em ver os exercícios na estante, pois ela tinha ficado mais para o lado esquerdo, puxei a estante um pouco para o lado direito, o meu colega puxava de volta, eu já tinha a música de “có”⁵ mas queria garantir, não queria errar, puxava a estante e ele colocava de volta, não conseguia enxergar para contar os tempos que ficaria sem tocar, devido aquele nervosismo aconteceram vários erros.

O maestro percebeu aquele começo de confusão, veio até nós e quando explicado a situação, entendeu minha dificuldade em enxergar o que tinha na estante,

⁴ Móvel portátil, construída de madeira ou de ferro, onde se coloca as partituras musicais que o regente, instrumentista ou cantor deve ler.

⁵ Termo utilizado quando se toca uma peça musical decorada.

mas, também, percebeu que eu tocava toda música sem precisar ler a partitura. Dando mais suporte aos escritos acima, apresentamos em Goffman (2017, p.86) que:

Dadas essas varias possibilidades encontradas entre os extremos de completo segredo, por um lado, e informação completa, por outro, parece que os problemas daqueles que fazem esforços conjuntos e organizados para passar despercebidos são os problemas que um grande número de pessoas enfrentará mais cedo ou mais tarde. (GOFFMAN, 2017, p.86)

Em seus trabalhos sobre o objetivo da pessoa estigmatizada passar despercebida, Goffman (2017) apresenta artifícios utilizados pelo sujeito no encobrimento do seu estigma. Dialogando com minha particularidade, o maestro Dermival Pinheiro percebeu não só meu esforço, mas minhas estratégias de encobrimento, uma das minhas facetas em passar despercebido, como parte do meu processo de defesa fazia uso do encobrimento apontado pelo autor.

Eu decorava as músicas para não precisar ler em momentos como aquele, porém, o maestro Dermival Pinheiro também percebeu potencialidade durante uma seção de exercícios técnicos/musicais, ele, o maestro, se aproximou, olhou pra mim, colocou a mão no queixo e falou: “você não precisa ver pra tocar, apenas sinta”.

Essa frase me encorajou durante muito tempo e ainda me conforta nos momentos de dificuldades hoje. Em 1995, ano seguinte da minha saída das aulas de música no SESI, a banda de música, veículo transformador na vida de muitos jovens em Mossoró/RN, chega ao fim com explicação de mudança administrativa. Passo um tempo afastado do mundo da música e vivencio a escola e as práticas esportivas que ela ofertava, sem grandes expectativas profissionais.

Estudante da Escola Estadual Abreu Freire Coelho em Mossoró/RN participo do time de Basquete, atividade física que contribuiu para desenvolver minhas limitações, as dificuldades em receber a bola pelo lado esquerdo ampliava meus reflexos e desenvolvia significados despercebidos ou não valorizados pelos que usam seus sentidos completos.

Após dois anos afastados da música, em maio de 1996 um amigo do meu irmão André Alves, o violonista Jobson Rufino tinha chegado da Bahia/BA há poucos dias para estudar e morar com seu irmão em Mossoró/RN, Jobson Rufino foi levado a nossa casa por André e acabou se tornou responsável pelo meu contato com o violão e pelo reencontro com a música.

Jobson Rufino causou um verdadeiro alvoroço em mim, ele não me ensinou apenas a tocar violão, “Biu” como é conhecido, apresentou o caminho possível de me representar ao outro como afirmação de mim mesmo sem encobrimentos, dessa forma, refletindo sobre o processo de formação, trazemos para nossas discussões os efeitos causados pela música como uma (Auto) reflexão, uma tomada de consciência. Souza (2006, p. 29) nos apresenta que:

Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve e ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa de sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o “dizível” da sua história, subjetividade e os percursos da sua vida. (SOUZA, 2006, p.29).

Souza (2006) pensa um sujeito que dirige os acontecimentos em busca do caminho percorrido por ele como resultados da sua própria formação. No desenrolar de acontecimentos vividos, onde as experiências são tratadas como parte fundamental no processo de formação do sujeito. Apresento os passos da minha caminhada musical trazendo como interesse principal a compreensão desse processo e consciência da construção da minha fortaleza.

Mamãe me presenteou como um violão no dia do meu aniversário em 1996, era um violão Tonante⁶, ele me acompanhou nas primeiras apresentações, nos encontros com os amigos e travou a batalha do desbravamento dos conhecimentos técnicos do instrumento. Durante os primeiros meses usava o violão emprestado de um amigo, foi quando mamãe percebeu a minha afinidade e o desenvolvimento que se dava numa velocidade visível.

A busca pelo aperfeiçoamento técnico, hoje presente nos meus estudos diários, teve surgimento a partir da relação criada junto aquele violão. Esse instrumento causou, em mim, um estrondo gigantesco, a reverberação do fundo daquele violão encostado em meu peito me fazia vibrar, sentia como se aquilo pulsasse em harmonia com meu compasso natural, foi esse violão Tonante o causador do poder de me representar como ser de potencialidades, antes distante do meu cotidiano.

⁶ O violão Tonante se tornou famoso no Brasil após o surgimento do movimento da Jovem Guarda oferecia instrumentos de baixo custo possibilitando o acesso de muitas pessoas ao mundo da música.

Numa busca ambígua, afino meu pensamento ao de Goffman (2017, p.119), “Dada essa autocontradição básica do indivíduo estigmatizado, é compreensível que ele se esforce para descobrir uma doutrina que forneça um sentido de consistência à sua situação”. O autor nos apresenta um sujeito que se define como igual aos demais e no mesmo tempo é visto como marginalizado por ele e pelo outros, onde ao buscar estratégias capazes de contribuir para seu desenvolvimento se torna consciente. A pessoa estigmatizada, seja um estigma apresentado no primeiro momento ou não, monta seu arsenal de defesa.

Partindo do pressuposto que eu, estigmatizado antes de nascer pelo fato social, tendo aos seis anos o encontro com a deficiência visual trago para minha vida a música e o violão como veículo de transformação em 1996, sigo passos nunca imaginados por mim e minha família, o estudo como condutor desse percurso, meus irmãos e país como porto seguro me fazem continuar “tocando em frente”.

O misterioso mundo da harmonia dos sons montava na minha cabeça quadros enormes, onde se fazia uma aquarela que construíam mundos diversos, o colorido algumas vezes se apagava, contudo o sentido musical era atribuído com novas texturas e colocava a música em outro plano, as sensações musicais me atraíam a cada encontro, descobrir nunca foi algo cansativo e no meu processo de formação, a música ocupa um lugar especial e essencial na minha vida. Somos levados a refletir nos escritos de Josso (2010, p. 117) quando nos aponta que:

O desenrolar da vida apresenta-se, assim, como uma sequência de ajustamentos parciais ou globais das nossas condições de existência, como uma fruição na qual a procura de amor ocupa um lugar central, se não for mesmo o lugar central. (JOSSO, 2010, p.117).

Apresentado como importante para nossa formação de vida, em comunhão com o pensamento da autora, onde as sensações de amor são trazidas como significativas no processo de formação, a música possibilita uma aproximação com a sensação de perfeição, um mundo criado pelo coletivo dos sons, onde a individualidade não se faz presente. A afinidade com todos os outros sons e o tratamento com a música apresentam resultados capazes de transportar o ouvinte pra outro universo.

Nessa perspectiva, o amadurecimento técnico/musical, a superação das minhas limitações e a possibilidade de se expressar por meio do violão se tornam aliados na minha formação e na construção dos meus sonhos. Embora ciente da busca da melhora de si a cada dia, durante meus ensaios e apresentações, vivencio esses momentos como

experiências formadoras, onde a música se apresenta como um bailado no invisível, porém, visível para os atenciosos, posso escutar as palavras do maestro Dermival Pinheiro: “você não precisa ver pra tocar, apenas sinta”. Permito-me vivenciar um bailado com uma dama que cobra com insistência, mas quando bem conduzida, se entrega com igual amor.

1.2 Vá estudar meu filho: mamãe eu quero ser músico, passar na televisão!

O violão tornou-se meu principal companheiro, me banhei em uma cascata de sons, tornando possível um novo começo no meu processo de formação. Durante a caminhada do conhecimento, depois do encontro com o violão, minha intimidade com o instrumento cria, para mim e em mim, um novo mundo.

Os primeiros passos com o violão e os ensinamentos que Jobson Rufino me passava começaram a surtir efeitos positivos e logo após as primeiras aulas eu já conseguia fazer os acordes com facilidade, fato que despertou em mais dois amigos o desejo de aprender tocar violão. Como meu mentor musical não tinha nenhum egoísmo não se privava do poder do conhecimento, então, logo começaram a ter aula com Jobson Rufino.

O primeiro foi Gysleino Hélio, como ele já tinha um violão em casa ficou mais fácil, Edilson Segundo começou logo depois, sendo que Edilson ganhou um violão para iniciar as aulas. Eu comecei mesmo sem violão, praticava com o violão de Jobson durante as nossas aulas ao ar livre na Praça da Caixa D'água no bairro Abolição-1. Depois que começamos as aulas eu consegui um violão emprestado de Jean “geladeira”, nome como era conhecido por todos, eu tinha um vídeo game e montava na televisão da casa dele para ficar com o violão.

Nossas aulas não tinham dia nem hora certa, estávamos sempre na praça da caixa d'água nos finais de tarde e esse era o mesmo horário que Jobson Rufino se encontrava com os amigos. Sempre acompanhado com o violão nunca negou uma orientação, muito atencioso com seus três alunos se sentia feliz com o resultado que estava tendo, contudo, Gysleino Hélio e Edilson Segundo direcionaram seus conhecimentos para o entretenimento, conseguindo o resultado desejado e hoje utilizam a música apenas nos encontros comemorativos.

Durante esse processo de formação o pai de Edilson Segundo, professor de natação do SESI, conseguiu duas vagas para estudarmos no curso de violão. Novamente ao SESI, levado ao encontro com a música, dessa vez por oportunidade e escolha própria,

contudo, as aulas com Jobson Rufino eram informais, mas continham grande consistência musical, fui apenas uma aula, apesar de ser uma iniciação ao violão nossos estudos foram bem estruturados.

Vendo meus passos firmes no instrumento, mesmo com todo cuidado de mãe, o meu desempenho gerava frutos visíveis, melhorava a cada dia e o meu amigo Jean precisou do violão e tive que o devolver, mas, não me dei por vencido, continuei meus estudos fazendo acordes no meu antebraço direito, imaginava as cordas do violão o espaço entre elas e o local onde deveria colocar os dedos da mão esquerda como se fosse o próprio violão, mamãe viu aquilo e logo falou para meu pai, então compraram um violão para mim.

No dia 23 de outubro de 1996, dia do meu aniversário de 16 anos, ganho meu primeiro instrumento de presente, era um violão Tonante, nessa época o violão mais simples que tinha na loja, mas com um significado grandioso, meus pais começaram a enxergar também que aquela brincadeira começava a se tornar algo mais sério.

Repositório das minhas vontades e desejos mais íntimos, o violão se faz presente sempre em conexão com as minhas melhores e mais importantes lembranças, éramos um grupo formado por três amigos onde estudávamos um instrumento com alegria e sem pretensões.

Quando os estudos começaram a ficar mais sério, coisa rápida, um pouca menos de dois meses, Jobson Rufino começou a nos dar aulas na Praça da Caixa D'água às 17h30min das quartas-feiras, comecei a criar um laço mais íntimo com o meu instrumento, as tarefas que eram passadas durante as aulas começaram a serem resolvidas sem grandes dificuldades nos meus estudos em casa.

Com os desdobramentos das aulas, algo começou a mudar, durante os estudos em casa, apenas com meu violão, me debruçava com muita dedicação sobre aquele instrumento ao ponto dos meus planos se tornaram outros depois daquele encontro com o violão. Vivenciei aventuras musicais maravilhosas com esse instrumento, todas com muita paixão, durante minha formação.

Durante os passos de construção do músico que existe em mim, as participações em grupos desde 1997 quando participei como guitarrista da banda Migração-1 em Mossoró/RN, o nome foi dado em referência o surgimento de um grupo no bairro. A banda era composta por mim na guitarra base, Ivagno e Ivan Junior no vocal, Gisleyno Hélio guitarra solo, Edilson Segundo no contrabaixo elétrico, e Elzo Junior na bateria.

Elzo Gurgel, o dono da banda e pai do nosso baterista também é músico, tocou sax tenor no grupo “Os Tremendões”, grupo reconhecido em Mossoró e região com repertório exclusivo de clássicos da Jovem Guarda. Elzo Gurgel nos ensinava muita coisa sobre o mundo da música, por se tratar de um músico em atividade de palco constantemente, suas vivências nos eram apresentadas não apenas em contações de histórias, mas de compromisso com a música, da seriedade nos estudos, da importância dos ensaios e todos os passos que envolvem o ato de tocar.

Nós tínhamos de certa forma um professor e produtor musical ao mesmo tempo na mesma pessoa, ele supervisionava os ensaios e, mesmo se tratando de adolescentes, não deixava as coisas saírem do profissionalismo. Passamos aproximadamente um ano juntos quando em 1998 o grupo não resiste e decidimos encerrar os ensaios e apresentações.

Durante esse momento final da banda, Ivan Junior me convida para montar um repertório com objetivo de fazer apresentações nos bares da cidade em Mossoró, achei um bom caminho para conseguir meios e para não parar com a música, já havia me envolvido ao ponto de saber que esse era meu lugar e começamos os ensaios onde em meados de agosto de 1998 resultando no Duo Ivan e Guido e seguimos em parceria até 2006, ano seguinte a minha entrada a universidade no curso de música.

Parecendo trilhar na contramão durante um primeiro olhar, após entrar no curso de música decidi sair do Duo, tocávamos de terça a sexta em casamentos, aniversários, eventos particulares em geral e nos bares em Mossoró/RN, também éramos convidados a apresentações nas cidades vizinhas, o universo das apresentações musicais demanda muito tempo e mesmo continuando parecer realmente não fazer sentido, contudo, eu tinha um objetivo ambicioso em me representar por meio da música e a dedicação ao curso e a outro estilo musical se fez mais forte. Amante da música instrumental e crente na liberdade das sensações individuais que mesmo sem a inferência das palavras é capaz de transportar o indivíduo a mundos diversos.

Confesso que não me identifiquei no primeiro momento com o curso e licenciatura, mesmo atuando como professor de violão gostaria de desenvolver as técnicas do instrumento no objetivo de contribuir no ensino dos meus alunos, o ensino de violão em Mossoró/RN se desenvolve de forma prática e eu não conseguia assimilar, naquele momento, a importância desses passos.

Mamãe me acordou diversas vezes para enfrentar o dia de aula e eu não tinha disposição de levantar, durante o período de faculdade já atuava como professor de

violão e acreditava que as aulas se arrastavam em contextos fora da realidade profissional onde eu estava inserido, contudo, continuei meus estudos.

Vivendo um mundo prático e rápido, onde estratégias de superação são apresentadas de forma prática ao aluno, com fórmulas diferentes, mesmo em coletivo, em busca de atender à necessidade individual, é necessário ir além das leituras textuais, na época do ajuste ideológico, da formação em desenvolvimento, foi difícil compreender e decodificar aquilo que se passava, onde não se reconhecia esses momentos charneiras.

Durante o momento do meu ingresso na UERN como aluno do Curso de Música e da saída das apresentações nas noites da cidade, encontro com Kim Farias⁷, um amigo violonista que tinha iniciado seus estudos de violão em 2002, no mesmo ano do meu ingresso ao conservatório de Música Dalva Stella Nogueira Freire/UERN, deixando a turma no ano seguinte por ter sido aprovado no Bacharelado em Música/Violão na Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte-UFRN.

Não demorou muito para montarmos um Duo com repertório composto de músicas eruditas, todas instrumentais e entre os anos de 2006 a 2011 permanecemos em trabalho intenso com o Duo, Kim Farias foi responsável pelo meu desenvolvimento técnico no violão. Tínhamos compromissos rigorosos com horário de ensaio, qualidade dos instrumentos, escolha do repertório e vestimentas para apresentação que resultou no show “O Encantamento das Doze Cordas”.

Durante esses momentos de resignificação, o violão tornou-se meu escudo protetor para os questionamentos que surgiram durante a adolescência, meu cavalo de batalha nos entraves pelo direito de ser quem e o que realmente sou sem necessidade de explicações. Refletindo sobre um fato que aconteceu em 2007, após o final do recital “O encantamento das doze cordas” no Teatro Municipal Dix-Huit Rosado em Mossoró/RN um senhor me parabenizou e falou sobre a necessidade de mostrar para outras pessoas em situação igual ou parecida as possibilidades da música como veículo de formação e transformação.

Não recorro o nome daquele senhor que me abordou no final do recital no teatro Dix-Huit Rosado, um daqueles momentos de final de recital e nesse dia tinha muita gente no teatro, voltei para casa com as palavras daquele homem na minha cabeça,

⁷ Kim Farias é Bacharel em Música com habilitação em violão pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, é especialização em Educação Musical na Educação Básica pela UFRN e Licenciado em Música pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

sobre os poderes e oportunidades que a música apresenta e representa na vida da pessoa estigmatizada.

Participei de dois recitais que Kim Farias foi submetido como parte do processo de conclusão do curso de Bacharel na UFRN, durante essa época éramos convidados para apresentações nas escolas em Mossoró e Natal, atendíamos todos os convites de apresentação, queríamos tocar, não nós preocupávamos com mais nada, mamãe, por outro lado, se preocupava com esse caminho e temia um afastamento do estudo universitário, mas também presenciava um mundo de felicidade.

Partir do pensamento de uma reflexão formadora, apresentar o caminho musical trilhado por mim para outras pessoas com algum tipo de deficiência visual e buscar, nos momentos emancipatórios ocasionados na trajetória musical, meu próprio processo de formação através da (Auto) biografia, Josso (2010, p. 109) nos aponta que:

É, pois, por meio do trabalho sobre os processos de aprendizagem que se estabelecem as condições de possibilidade de uma emergência do sujeito corresponsável por sua formação, concebido como um sistema de interações. (JOSSO, 2010, p.109).

Na busca das estratégias utilizadas pela pessoa com deficiência visual para realização do seu objetivo, em harmonia as reflexões apresentadas pela autora onde as possibilidades de aprendizagem se fazem presentes em seu processo consciente de contribuição durante essa formação. Sempre quis me representar por meio da música e conciliava minhas atividades de palco com a sala de aula.

Mamãe falava sobre a importância dos estudos devido à fama marginal e a boemia do instrumento, mas, eu tratava a dedicação aos estudos como importante quando oportunidades aparecessem durante os desdobramentos dos aprendizados, atribuía mais valores ao conhecimento prático que estava sendo explorado no instrumento. Eu tinha uma saidinha que sempre utilizava para sair dessa situação, uma resposta brincalhona, mas com um desejo verdadeiro: “mamãe eu quero ser músico, passar na televisão!”.

Com convicção da importância de se qualificar, numa construção de saberes Tardif (2002, p.68) nos informa que: “O desenvolvimento do saber profissional é associado tanto as suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos de fato de construção”. Busquei formação na escola de música da prefeitura de Mossoró/RN, no Conservatório da UERN, aulas de violão no conselho comunitário, em todos os lugares que eram possíveis, quando conhecia alguém com algum conhecimento musical não

hesitava em mostrar o que eu sabia para tentar aprender mais e não deixar as oportunidades passarem, não importava o local.

Depois de aprender os primeiros acordes e ritmos e fui encorajado por Jobson Rufino a buscar novos conhecimentos em escolas especializadas com o objetivo de fortalecer um lado musical que começava a florescer. No ano de 2001 senti a necessidade de seguir o conselho do meu mestre e procurei a Escola de Música Dr. Pedro Ciarllini da Prefeitura de Mossoró/RN.

Comecei meus estudos violonísticos de forma sistematizada em 2001 com o professor Giann Mendes na Escola de Música Dr. Pedro Ciarllini, foi durante essa passagem como estudante da Escola de Música que conheci o mundo das partituras, do violão instrumental e coincidentemente em setembro do mesmo ano a Secretaria de Cultura de Mossoró promove o 1º Seminário de Música de Mossoró, com objetivo de incentivar os iniciantes e capacitar os músicos que atuam na cidade e região, trazendo figuras representativas do cenário musical.

Esse encontro causou um impacto parecido com aquele torrão de barro formado nos morros de areia durante a construção do calçamento da rua de mamãe, quando durante uma brincadeira com um colega da rua sou atingido no olho esquerdo, porém dessa vez, o impacto foi suave e prazeroso, deu possibilidade de ser capaz de me expressar por meio do violão durante esse festival.

A oficina de violão foi ministrada pelo violonista Álvaro Barros, professor de violão no Bacharelado em Música da UFRN, no Seminário Santa Terezinha em Mossoró/RN. Durante esse festival tivemos o prazer de conviver com figuras de grande representação e importância da música na nossa região, nomes como Danilo Guanais, Álvaro Barros, Heriberto Porto, Radegundis Feitosa entre outros grandes professores e instrumentistas que participaram desse evento.

Estabelecendo um objetivo para ser alcançado, vivenciando outro momento de ressignificação, arregacei as mangas e me submeti ao teste de aptidão para estudar no Conservatório de Música Dalva Stella Nogueira Freire-UERN em 2002, obtendo aprovação, é dado outro passo na construção da minha fortaleza.

Festivais realizados nas cidades vizinhas tornaram-se parte da minha formação até hoje, o VIII Festival Eleazar de Carvalho em Fortaleza/CE em 2006 é considerado por mim como festival mais significativo na minha trajetória musical, foi durante esse festival o contato com o violonista João Luiz Resende integrante do Brasil Guitar Duo e

do professor Henrique Pinto, sendo esse último o organizador do material didático utilizado nos conservatórios do Brasil.

A formação adquirida nos festivais é algo grandioso e necessário na vida do estudante de música, quando se experimenta o sabor do desconhecido e as diversas formas de olhar para a música apresentadas durante as aulas torna-se fundamental na formação do músico, anualmente priorizava a participação de alguma formação. Em 2007 a participação no 3º Festival Internacional de Violão do Piauí-FENAVIPI em Teresina/PI acrescenta mais significado no processo de formação musical, na música a constância também se faz necessária.

Durante o FENAVIPI participei do master class de Eduardo Fernandes, violonista Uruguaio de carreira internacional reconhecida, que por sua vez realizou seus estudos com o violonista Abel Carlevaro (1916-2001) organizador do material didático utilizado por violonistas de todo mundo. Esses momentos eram vivenciados com muita satisfação e responsabilidade, o maestro Dermival Pinheiro tinha deixado em mim a música através dos sentimentos, todavia, sem fugir da responsabilidade do fazer musical buscando sempre o melhor.

Nesse festival a presença do violonista Turíbio Santos era motivo de alvoroço entre os estudantes, mesmo não atuando mais como concertista o seu conhecimento sobre o universo do violão eram argumentos que traziam significados novos para os estudantes que estavam presentes no festival.

Durante o tempo de aluno do curso de música da UERN, participei do grupo de violões, onde juntos com os outros estudantes Miller Fonseca, Leonardo Rodrigues e o professor Giann Mendes, porém apenas eu fiz a inscrição para participar das aulas práticas com os professores do festival. Um passo importante no desenvolvimento do aprendizado apresentado por Freire (1987, p. 75) aponta que:

Esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos. (FREIRE, 1987, p.75)

Em comunhão ao pensamento do autor em ser mais, durante todo processo de formação é sempre presente a busca pela ajuda do outro nessa construção tornando-se constante o movimento reflexivo sobre toda formação do ser. Os festivais de música são eventos onde o desenvolvimento musical está presente em todos os espaços e compõem os locais de minha busca do ser mais também.

Em 2008 participei do V Seminário Internacional de Violão Vital Medeiros na cidade de Suzano/SP, homenagem ao violonista Vital Medeiros um dos principais violonistas dos anos 60 e 70. Durante o festival encontro novamente com o professor Henrique Pinto, fiquei surpreso por ele se recordar de mim três anos depois. Porém dessa vez mais preparado, conversamos um pouco e marcamos uma aula em sua casa para o outro dia, esse era o tempo em que o duo com Kim Farias estava no seu melhor momento.

Esse dia foi vivenciado por nós de forma maravilhosa, foi o primeiro festival que participamos como duo e conseguimos marcar uma aula com o maior nome do ensino de violão no Brasil. O Seminário Internacional de Violão Vital Medeiros foi enriquecedor, também tivemos a oportunidade de ter aula com o Duo Siqueira Lima, formado por Fernando Lima e Cecilia Siqueira, foi à oportunidade de passarmos quatro dias se alimentando de violão das 7h às 22h, entre palestras, aulas e apresentações.

Contudo, após esse ano dedico-me ao Ecoarte, esse trabalho foi sem dúvidas minha principal formação como professor de música, fazia a utilização do ensino coletivo de violões atuando frente a mais de quarenta estudantes. O movimento Cultural Ecoarte⁸ foi idealizado no ano de 2007 por mim e pelo professor Wladerilson Duarte com objetivo de criar um ambiente musical alternativo e formação de plateia.

O Ecoarte começa a criar mais força, tornando-se, também, uma oportunidade no ensino de violão em Mossoró para pessoas que desejam aprender a tocar violão, mas não tem possibilidade de pagar a mensalidade das escolas de música, nem tempo nos horários comerciais, atuando sem o apoio de nenhuma instituição foi preciso um novo olhar para o grupo.

Nesse mesmo ano, 2009, por não ter me envolvido na campanha política do ano anterior, fato corriqueiro no interior, não é renovado meu contrato na Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini e começo a trabalhar como professor particular durante o dia e a noite dedico atenção aos trabalhos com o Ecoarte.

Alunos que começaram seus estudos no Ecoarte tiveram aprovação no conservatório de música Dalva Stella Nogueira Freire/UERN, no Bacharelado em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, caso de grande felicidade para

⁸ ECOARTE foi um nome pensado na união das palavras eco ao de arte, no objetivo de representar o eco da arte como um som de representação cultural.

todos do grupo. Sentíamos a certeza de contribuição dada por todos na construção da cultura na cidade de Mossoró.

Durante essa época vivo momentos de descobertas significativas, realidades diferentes nos eram apresentadas durante e após as aulas, desde Dona Alaíde Bispo que vivia momentos de depressão e fazia do momento das aulas uma terapia, um estudante livre de alguns males apresentados a ele e que tem a música hoje como uma companheira. Essas experiências são contribuições de formação na vida dos sujeitos envolvidos, apontados pro Josso (2010, p.56) onde:

A formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, consciências), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros. (JOSSO, 2010, p.56)

Na formação reflexiva e na construção da identidade do sujeito em formação as vivências plurais defendida pela autora, apresenta a diversidade do processo de interiorização do conhecimento no mesmo contexto, nesse sentido o ensino coletivo de instrumentos se torna um ensino democrático no determinado momento em que a informação do mesmo assunto é passada e através das suas experiências e do resultado da experiência do outro ele atribui significado de importância ao novo.

Minha formação docente teve influência direta da minha família, se tornou um local seguro nos meus momentos de conflitos, mamãe sempre valorizando os estudos dos filhos me apoiava a concluir cada etapa que era iniciada com determinação e durante o período da Universidade não foi diferente.

Tinha um cuidado protetor ao mesmo tempo em que deixava os filhos criarem seus artifícios para viver em coletivo, após o acidente com aquele torrão de barro, minha conexão com mamãe ficou mais forte, passamos a dividir sofrimentos vividos por mim não apresentados a mais ninguém. Nossa vida é sempre em par, ficamos amigos e trocamos confidências, não conseguia esconder nada de mamãe e ela sabe quando algo em mim começava a ficar diferente, eu não falava no início das minhas crises até ela me pegar de surpresa no quarto com dores sentidas em silêncio na esperança de se tornarem passageiras.

Presente em todos os momentos apresentados durante minha formação, quando não estava presente era ouvinte atenciosa das minhas narrativas de formação, mamãe era cuidadosa com o reflexo que cada evento participado teria na minha vida, falava sempre da importância dos estudos para a formação do ser humano e base para as disputas de forma igualitária nas oportunidades do mercado de trabalho.

Aquele violão Tonante, comprado por mamãe com dificuldade com o consentimento do meu pai, feito de madeira, seis cordas de nylon, foi semeado por meus irmãos e começava a dar frutos que foram regados com uma dedicação diária, onde as limitações e superações faziam parte das minhas noites solitárias em claro. Contudo, a dedicação depositada, o apoio da minha família e o suporte dos profissionais que encontrava durante meu trajeto fez a brincadeira tornar-se verdade e alguns sonhos viraram realidade.

Meu desejo de tocar na televisão se tornou algo real, no ano de 2002 a cidade de Mossoró ganha sua primeira TV a cabo, a TV a Cabo de Mossoró-TCM veio dar visibilidade as diversas riquezas produzidas na cidade, com o trabalho desenvolvido com o violão na cidade ocasionando resultados que geram interesses da mídia e começa a acompanhar o que desenvolvíamos anualmente em Mossoró/RN.

O apoio da minha família, os saberes construídos durante as etapas da minha vida, os festivais, as aulas com grandes mestres e meus alunos transformaram minha forma de pensar a música, criando possibilidades de uma formação participativa na busca do ser mais, construindo-se no coletivo, se fazendo divisor dos meus estudos e nas experiências musicais vivenciadas das mais diversas formas durante todo meu processo de formação.

O tempo envolvido até esse determinado momento, a abdicação dos momentos de brincadeiras com os outros garotos, as rodas de conversas e os jogos de bola se tornavam cada vez mais distante. A semente plantada nas brincadeiras com mamãe quando me mandava estudar, germinada durante as aulas na Praça do Memorial da Resistência e nas parcerias construídas durante esse caminho tornaram a brincadeira de ser músico e tocar na televisão em realidade.

1.3 Em passos firmes a construção cria forma com as mãos do oleiro que amacia o barro

Embora com apenas um ano de experiência com o violão, adquirindo confiança nos conhecimentos iniciais, cheio de dúvidas de como isso poderia ser conduzido, também fazia morada o sentimento de certezas construídas durante esse processo de formação, onde entre uma brincadeira e outra nascia um professor.

Ensinar era a forma como eu brincava com meus amigos, me divertia da mesma forma de hoje, porém no ano seguinte após conhecer meus primeiros acordes, no ano de 1997 comecei a dar aula particular de violão na casa das pessoas que me contratavam antes de completar meus 17 anos.

A Rua Professor Tita em Mossoró/RN, onde morávamos, era bastante movimentada nos finais de tarde, algumas crianças jogavam futebol enquanto outras andavam de bicicleta, lembro-me dos rodízios das senhoras nas calçadas para as rodas de conversas e havia respeito e consideração entre os moradores.

Nesse cenário, acompanhando meu desenvolvimento no violão no ano de 1997 dou início a minha atuação de professor, contudo, dessa vez, não era uma brincadeira, ensinar sempre foi divertido pra mim, mas eu tinha alunos com objetivos a alcançar e que precisavam da minha orientação.

A minha primeira aluna foi Marta, ela era mãe do meu amigo Everton Helano e morava na mesma rua da minha mãe, quando me viu com o violão na calçada, se aproximou e perguntou se eu poderia ensina-la a tocar violão. No primeiro momento fiquei assustado com a ideia de ensinar de “verdade” uma pessoa a tocar violão, mas lembrei de como as coisas funcionavam quando eu mostrava o jeito como eu mesmo fazia o movimento dos dedos aos meus amigos durante as brincadeiras e eles conseguiam fazer, porém, devido à falta de prática não tinham um resultado musical definido, mas faziam no momento em que eu apresentava a eles.

Mesmo assustado decidi enfrentar, expliquei que nunca tinha ensinado a alguém e ela seria minha primeira aluna e minha primeira experiência como professor profissional. Em março de 1997 iniciamos um mundo novo para nós dois onde eu iria aprender muito mais com ela, como realmente foi. Marta era evangélica e cantava durante o culto na igreja, com isso, despertou o desejo de aprender para acompanhar alguns hinos durante seus ensaios em casa, esse se tornou nosso objetivo e criou-se um caminho para nossas aulas.

Devido minha falta de experiência e medo, claro, não cobrei pelas aulas, tinha medo de não conseguir contribuir para o seu desenvolvimento, mas, muito gentil, sempre era presenteado nas datas comemorativas. Com muita dedicação envolvida, o resultado das aulas começou a aparecer, Marta chegou a tocar alguns hinos durante o culto na igreja, conseguiu realizar seu principal objetivo, Marta me presenteou com a confirmação de poder transmitir o conhecimento adquirido para outra pessoa. Minha brincadeira de professor se tornou real.

A busca pelo conhecimento e desenvolvimento técnico sempre foi presenciado pelos meus pais e irmãos, recordo dos meus irmãos perguntar se a televisão estava atrapalhando durante meus estudos musicais, como das madrugadas ao som do meu violão sem nenhuma reclamação. A responsabilidade em trilhar um caminho de professor tão cedo, me fazia tentar cada vez mais, me fortalecia de música todos os dias e o violão tornou-se minha forma de se expressar e no objetivo de superar os desafios fora desse mundo musical, estava sempre disposto a aprender.

Durante o processo de formação da minha vida de estudante e professor, vivenciava as minhas aventuras musicais, elas foram significativas durante minha construção, todo músico sonha em ser artista, e comigo não poderia ser diferente, participei em Mossoró/RN de uma banda de Rock Nacional, ritmo que nos anos 80 deu lugar de destaque as bandas Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Titãs e Barão se tornando representação do Rock junto a nomes que foram surgindo durante essa época de descobertas do Rock Nacional.

Depois desse contato de grupo a formação em duo com Ivan Junior e as apresentações nas noites da cidade tornaram-se uma escola para mim, durante nossa parceria realizamos apresentações diversos bares, restaurantes, pizzarias, lanchonetes, cabarés, shoppings, casamentos e outras festas particulares. Com essas apresentações em Mossoró/RN, começamos a ganhar espaço nas noites da cidade, refletindo para mim, enquanto professor, em novos alunos.

A música instrumental é meu gênero preferido, me envolvo facilmente na combinação dos sons, os efeitos, o colorido musical e todo universo que constitui esse mundo. Também me aventuro em uma formação clássica de Violão e flauta transversal⁹ com Marcondes Menezes, o professor de flauta e percussão da Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini, aventurando-se no mundo de Astor Piazzolla, Heitor Villa Lobos e

⁹ A flauta transversal apesar de ser um instrumento de metal compõe a família das madeiras na orquestra.

Radamés Gnatalli deixando espaço para refletir aos conceitos de envolvimento sociais diversos.

De acordo com Tardif (2005, p. 104):

Os fundamentos do ensino são sociais porque, como vimos, os saberes profissionais são plurais, provêm de fontes sociais diversas(família, escola, universidade, etc.) e são adquiridas em tempos sociais diferentes: tempo da infância, da escola, da formação profissional, do ingresso na profissão, da carreira... (TARDIF, 2005, p. 104)

Os saberes constituídos durante a formação do sujeito apontada por Tardif (2005) se constituem em todos os momentos e de diversas formas, o contato com o outro atribui valores significativos na nossa construção, dessa forma, após a reconstrução dos meus passos, em processo de reflexão, encontro em cada página virada da minha memória um significado esquecido ou não reconhecidos se transfora e cria um novo significado.

As possibilidades despertadas ao encontrar o violão na minha formação começavam a se tornar atual, meu contato com o instrumento se tornava mais constante e íntimo, mantinha uma rotina de assistir aula, dar aula, ensaiar e tocar nas apresentações. Em comunhão com as tentativas musicais, o lado professor era desenvolvido, depois do bom resultado com minha primeira aluna, continuei com as aulas particulares, comecei a cobrar tornar-se algo mais profissional.

A música possibilitou transformar fragilidade em potencialidade, o que era um garoto que não enxerga por um olho com um violãozinho nas mãos, isso foi o que ouvi durante uma “brincadeira” quando comecei engatinhar no mundo do violão, agora o cenário transformou-se, um homem capaz e disposto a assumir um papel de autonomia na sua formação, onde esses momentos de questionamentos e enfrentamento com o preconceito me fizeram estremecer sim, mas erguer-se e nunca desistir.

Durante o processo de formação do músico em mim e durante a musicalidade em desenvolvimento, vivenciada com forte paixão e do professor ainda em construção, Josso (2007) acrescenta para nossa reflexão aportes que a história de vida traz para por meio dela, vivenciar e refletir sobre os momentos de transformação e formação do ser, dessa maneira:

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidencia a pluralidade, a fragilidade

e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. (JOSSO, 2007, p. 415).

Josso (2007) nos faz refletir sobre o processo de formação nas histórias de vida como possível para reencontrar os momentos escolhidos como significantes, e nesse procedimento reflexivo e de tomada de consciência revisitando minhas memórias, durante essa época de busca e retorno a Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini.

A minha trajetória como professor particular atuando com aulas em domicílio se desenvolvia de forma sólida em Mossoró, meus alunos, em grande maioria, eram adolescentes e estudavam música pelos mais diversos propósitos, animar seus encontros familiares, ajuda na hora da conquista amorosa, fazer parte de uma banda, mas me chamava atenção quando alguém respondia: para se sentir bem! E a grande maioria tinham bons resultados. No ano de 2004 sou convidado para lecionar na Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini permanecendo até o ano de 2008.

Durante essa época foi experimentado o sabor do diferente, novamente me encontrava em um mundo novo, tinha evoluído de uma brincadeira para se tornar professor particular, onde cada aluno tinha aula individual, e uma realidade que a seriedade e responsabilidade não abriam espaço para brincadeiras. Durante esse processo de novidade o ensino coletivo foi o que mais me chamou atenção.

O meu lado popular sentia necessidade de desabrochar, assim começo uma parceria com o Wladenilson Duarte em 2006, professor de teclado e violão da Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini, e nos desdobramentos da nossa amizade fomos, sem nenhuma pretensão, montando um repertório de músicas populares, mantendo o estilo instrumental e formamos o duo de violões “Denilson¹⁰ e Guido”, realizamos apresentações em lançamentos de livros, eventos culturais e recitais em Mossoró.

O desejo de passar meus conhecimentos no violão para mais pessoas movimentava meu lado docente, professor de uma escola especializada no ensino de música motivava-me todos os dias, a possibilidade de experimentar, de forma responsável, era posto em prática a cada início de semestre, minha brincadeira se consolidava.

Meus alunos da Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini se envolviam no mundo musical desde a escolha do repertório ao momento de artista no dia da apresentação, como professor da disciplina de violão tinha turmas coletivas com vinte alunos nos três

¹⁰ Nome artístico adotado por Wladenilson Duarte

turnos de escola e envolvia todos os alunos no final de cada semestre durante a apresentação de encerramento letivo.

Em 2005 sou aprovado no curso de Licenciatura Plena em Música-UERN, esse episódio inicia um novo caminho na minha vida, representa para minha família, onde a educação é fundamental, um passo rumo a uma mudança para melhor, vindo de uma família que acredita na educação como ferramenta de mudança, começo as aulas no semestre 2005.2.

A aprovação do curso de Licenciatura certifica aquele professor que desde os dezesseis anos faz uma caminhada de construção, de seleção das ferramentas da arte do ofício, um professor gerado em brincadeiras, promovido de casa em casa durante as aulas particulares, se apropriando de novos conhecimentos, entre dúvidas e certezas, em construção e desconstrução se coloca em harmonia com o processo de lapidação dos saberes, entra também na mesma frequência com Tardif (2005, p. 61), onde apresenta que:

Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor também que sejam de natureza diferente. (TARDIF, 2005, p. 61)

De posse desse aporte teórico daremos o conhecimento das situações vivenciadas no coletivo de forma natural, os saberes estão envolvidos nas diversas experiências vividas pelo sujeito em formação. Em comunhão ao pensamento do autor trago a importância de apresentar as etapas resgatadas que constituíram e atribuem valores na minha atuação de professor hoje.

Após o primeiro semestre da Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini o envolvimento com as aulas se fazia necessário, contudo, o trabalho como professor da escola de música sempre alimentado com muito entusiasmo não aceitava distanciamento e as apresentações noturnas começaram a se tornar desgastantes. Dessa forma, o duo com Ivan Junior começa a ensaiar um final, o amor pela descoberta de um mundo novo e o desejo de apresentar o violão como objeto influenciador no processo de formação e instrumento de expressão, foi motivo da decisão.

As aulas, aos poucos, tomaram seu fluxo natural na universidade, e na escola de música durante as apresentações no final do semestre possibilita-nos vivenciarmos em

harmonia com os alunos momentos únicos, verdadeiros momentos artistas. Essas apresentações começaram a criar outra dimensão, um grupo de alunos foi criado em 2006 na escola para divulgar e realizar apresentações representando a escola de música.

Participando de apresentações nos lançamentos de livros, nos eventos particulares, na feira do livro, nos recitais de conclusão da escola de música, nas feiras culturais e nas escolas da cidade nos tornamos um dos grupos que representavam a escola de música. Tínhamos um carinho imenso em atender as solicitações de apresentação, o professor de violão começa em comunhão a divulgação criada em torno da escola se firmar como figura representativa no ensino de violão em Mossoró.

O violão tonante comprado por mamãe gera frutos, porém o espaço da escola de música começa a ficar pequeno e os alunos que concluíam os cursos ofertados pela escola, mesmo com desejo de permanecer não conseguiam, devido à duração do curso (01 ano). Esse fato foi se repetindo durante os anos de 2004, 2005 e 2006 quando em 2007 em parceria com o professor Denilson Duarte idealizamos o Movimento Cultural Ecoarte.

O Ecoarte foi iniciado com objetivo de fomentar a música instrumental na cidade de Mossoró/RN, criar plateia e dar suporte as pessoas que desejavam aprender ou continuar seus aprendizados no violão são objetivos do Ecoarte. Chegamos de moto a Praça Rodolfo Fernandes em agosto de 2007 com apenas dois violões sem nenhuma estrutura, sentamos em dois capacetes e apresentamos um recital para uma plateia de cinco pessoas.

Essas pessoas presenciaram o nascimento do Ecoarte, movimento musical que durante os anos de 2007 a 2019 se tornou uma possibilidade no ensino gratuito de violão na cidade de Mossoró/RN, criando um grupo de violões com mais de quarenta componentes que se apresentaram nos estados do Ceará e Paraíba representando a cidade de Mossoró/RN, contribuindo para formação musical de vários profissionais da área, tema de monografia no curso de Licenciatura em Música/UERN, local de estagio dos estudantes de graduação.

A aceitação e carisma da comunidade com o Ecoarte se tornou algo inexplicável para mim, uma coroação no meu lado docente, a oportunidade de oferecer o ensino gratuito de violão em praça pública me trazia lembranças do passado. Aquele menino que brincava de professor seguiu os passos do mestre, ensinava gratuitamente e fora do espaço formal, mas com grande responsabilidade.

As aulas do Ecoarte não afastavam o compromisso com o meu trabalho na Escola de Música Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini, contudo, eu como cargo comissionado na Prefeitura de Mossoró não me envolvi na campanha política, nem tornei minha sala de aula e o Ecoarte um curral eleitoral, sendo demitido no final de 2008. Esse fato não me distância da música, pelo contrário, mesmo desempregado busco forças para concluir meu curso na universidade, focar no desenvolvimento do Ecoarte e retornar com as aulas particulares.

Os anos de 2008 e 2009 tornaram-se fundamentais no meu processo de formação, foi uma época de atividades intensas, as apresentações em parceria com o Duo Denilson e Guido geravam novos alunos particulares e as apresentações do Ecoarte refletia no aumento da procura por aulas na praça, a associação do violão a minha pessoa, se apresenta mais forte do que meu próprio nome.

Durante esses momentos de intensas atividades as dores no meu olho, mesmo sendo acompanhado anualmente, começam a se tornar insuportável e no ano de 2009 em João Pessoa/PB sou indicado pelo Dr. Oswaldo Travassos a um transplante de córnea para cessar as dores, fiquei assustado pelo fato de não está trabalhando, mas o apoio da família e dos amigos foi decisivo nessa etapa.

O tratamento foi particular e como não tínhamos como pagar foi necessário o envolvimento do grupo com rifas, sorteios e ajuda dos amigos para chegar ao valor da cirurgia. Com o apoio da minha família e dos amigos conseguimos arrecadar R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), valor da cirurgia, e o procedimento cirúrgico foi feito tendo o resultado esperado, após um repouso de dois meses retorno as atividades do Ecoarte, conduzidas apenas pro Denilson Duarte, e damos continuidade juntos com as ações do grupo.

Em pleno vapor com minhas obrigações o edital do concurso para Instrutor Musical do Conservatório de Música Dalva Stella Nogueira Freire/UERN em 2010, me traz um ânimo novo. Disposto a abdicar de prazeres momentâneos pela busca da melhora, direciono meus estudos para o concurso de instrutor musical, onde apenas uma vaga de violão foi ofertada, tive um retorno positivo, sou aprovado no concurso e empossado em 2011.

O ingresso no quadro de funcionários da UERN, acima de tudo, o retorno ao conservatório de música como professor de violão e o encontro com amigos que tinham sido meus professores naquela instituição, abriu espaço para acreditar que todo aquele caminho de formação teve seu retorno. Como nos mostra Tardif (2005, p.70):

Os saberes dos professores são temporais, pois são utilizados e se desenvolvem no âmbito de uma carreira, isto é, ao longo de um processo temporal de vida profissional de longa duração no qual estão presentes dimensões identitárias e dimensões de socialização profissional, além de fases e mudanças. (TARDIF, 2005, p. 70)

Em comunhão com o pensamento de Tardif (2005) os saberes se constituem durante todo processo de vida do sujeito, o professor de violão em mim se inicia nos espaços de brincadeiras criando dimensões gigantescas com o passar do tempo vivenciando realidades diversas se apropriando dos saberes experimentados individual e coletivamente.

O Conservatório de Música Dalva Stella Nogueira Freire- UERN teve seu início em dezembro de 1988 e foi impulsionado pelo desejo de profissionalizar os participantes do coral da UERN, grupo que representava a instituição, onde formado por funcionários e alunos tinha o objetivo de contribuir na formação musical, divulgação da música popular/erudita e ofertar atividades musicais que pudessem contribuir no desenvolvimento artístico dos integrantes.

Foi nesse ambiente, onde no primeiro dia de aula frente aos meus novos alunos, vivencio outro momento-charneira, minha vida profissional tinha se transformado, a dedicação e o incentivo da minha família geram forças e se torna responsável por essa conquista. Nesse contexto janelas de oportunidades me foram apresentadas, em um local abluído de música. As aulas de teoria musical, solfejo, prática instrumental individual e coletiva resultam em diferentes formações de grupos durante todo período letivo.

Com um ano de trabalho e atividades com resultados satisfatórios, o ano de 2012 vem fechar a primeira fase dos meus estudos acadêmicos com a conclusão do curso de licenciatura em música da UERN, a realidade do processo de desconstrução do ser e de reflexão dos acontecimentos vividos, a vida acadêmica se tornava atraente e despertava de forma natural o desejo de envolvimento nesse mundo.

Da mesma forma que o construtor de cerâmica, o oleiro que dar forma ao barro, na preparação da matéria prima do seu trabalho sigo e *Em passos firmes a construção cria forma com as mãos do oleiro que amacia o barro* alinhando a minha fortaleza com os aprendizados adquiridos durante minha história de vida.

1.4 A busca pelo conhecimento, um anjo, a (auto) biografia e a fortaleza humana

A construção da formação do ser humano é sempre atual, ela nasce e renasce a cada dia nas mudanças de situações, na diversidade e surpresas do dia-dia se compõem a reformulação dos sentidos já estabelecidos e a formação do conhecimento de si em desenvolvimento. Após a conclusão do curso de Licenciatura em Música em 2012 e a estabilidade no trabalho, deposito mais energia no trabalho social em desenvolvimento com o Ecoarte, refletindo na minha formação em construção com a formação do outro. De acordo com Freire (1987, p. 69):

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem. (FREIRE, 1987, p.69).

O referido autor traz para corroborar com nossas discussões um educador em busca de contribuir na produção do conhecimento do educando se apropria de conhecimentos nas relações com o coletivo em forma de igualdade e respeito. O Ecoarte possibilitou experiências significativas nas nossas vidas, formamos uma família e aprendemos uns com os outros a importância do fazer em coletividade.

Após a conclusão da graduação, distante dos estudos acadêmicos, mesmo enriquecendo meus conhecimentos com experiências no Ecoarte e individuais, desperta em mim o desejo de retornar, em 2014 dou início uma pós-graduação lato sensu, nível de especialização em Artes pela Faculdade Signorelli, um curso a distância, onde tivemos apenas dois encontros presenciais.

O curso promoveu um envolvimento ao mundo das artes de forma bastante significativa, as pinturas, as danças culturais e contemporâneas enriqueceram-me de significados artísticos e abastecia meu desejo de evoluir nas descobertas após a conclusão da especialização em 2015, me ponho pronto para colher os frutos da formação, mediatizado por Tardif (2005, p. 106) em que:

Compreender os saberes dos professores é compreender, portanto, sua evolução e suas transformações e sedimentações sucessivas ao longo da história de vida e da carreira, história e carreira essas que remetem a várias camadas de socialização e de recomeços. (TARDIF, 2005, p. 106)

Os momentos vivenciados durante minhas experiências de formação enquanto docente se une ao pensamento de construção dos saberes, onde ao destacar o pensamento de Tardif (2005) e se debruçar sobre ele, quando aponta os recomeços, ou novos inícios, como fundamental no ato de formação do sujeito, acarretando valores significativos na construção do professor. As etapas, os contextos, as dificuldades e superações são bagagens organizadas a cada nova viagem.

Arelado aos ensinamentos acadêmicos, o violão sempre foi meu companheiro de superação para os diversos questionamentos e apontamentos: “como você faz pra tocar desse jeito? Você consegue enxergar as cordas? Olha, e ainda nem enxerga direito!”. Durante esses episódios, e outros com a mesma noção de indelicadeza onde uma página seria pouco para escrever, destaco os olhares que começavam a ter prioridade, pois o trabalho em desenvolvimento veio agregar valores que já não permitia certos questionamentos. Nas palavras de Goffman (2017, p.75) “O encobrimento por parte do indivíduo de algo que ele deveria ter revelado sobre si não nós dar o direito de lhe perguntar o tipo de questão que o forçará a divulgar os fatos ou a dizer, habilmente, uma mentira”.

Goffman (2017) fortalece e apresenta contribuição para nosso estudo e nas defesas criadas pelo fato de não nos sentirmos na obrigação de relatar para estranhos, ou não, os fatos particulares, não torna uma negação a quem você é, mas uma decisão de dividir sua intimidade com quem realmente lhe é íntimo, sem precisar criar mais situações de desconforto.

Os festivais de música são responsáveis pelo desenvolvimento técnico musical de grande parte dos músicos no Brasil, tornando-se um espaço de oportunidades de estudar com grandes mestres de seus respectivos instrumentos. Vivenciar experiências com músicos consagrados, criar afinidade com professores e por responsabilidade do desenvolvimento digital tornar-se aluno regular é objetivo de muitos desses estudantes.

As capacitações dos professores é outro ponto essencial na formação do professor em atividade, durante a semana pedagógica que antecede o início das aulas do Conservatório são realizados minicursos, pensados e discutidos em reuniões anteriores, com temas que venham contribuir de forma significativa nas aulas dos professores. Os minicursos são ofertados pelo Conservatório de música e aberto a toda comunidade.

Quero destacar dentre esses, o minicurso de Musicografia Braille em 2014 ministrado pela Professora Ms. Catarina Shin – UFRN, com trabalhos nas áreas da

Educação Musical, Educação Especial e Inclusiva e musicografia Braille em parceria com o Departamento de Ações Inclusivas DAIN/UERN.

Durante o minicurso ministrado no auditório de Música da UERN foi apresentado possibilidade de ler a escrita musical em Braille, jogos musicais com cartas que representavam valores das figuras musicais e dinâmicas apresentadas aos professores durante o minicurso como metodologias atraentes e de resultados significativos com pessoas com deficiência visual.

A possibilidade de apresentar a música a mais pessoas como eu, se fez presente novamente, o minicurso foi importante para me mobilizar, mas ainda não sabia onde, nem como começar esse projeto. Continuamos nossas vidas, entre estudos e leituras, entre ensaios e apresentações, encerramos o ano com nossas apresentações e o período de capacitação no início de 2015 é destinado ao ensino coletivo de instrumentos.

O minicurso “Metodologia de Ensino Coletivo de Instrumentos” ministrado pela violonista e Profa. Dra. Ana Cristina Gama dos Santos Tourinho da Universidade Federal da Bahia – UFBA em março de 2015 aponta a contribuição do ensino coletivo como ferramenta de eficiência no ensino de música.

A professora Cristina Tourinho possui experiência na área de música, atuando nos temas: Educação Musical, ensino de violão coletivo é um dos pilares do ensino coletivo de violão no Brasil acompanhou o ensaio do Ecoarte durante os dois dias que permaneceu em Mossoró, nós presenteando com incentivos e confirmações da importância do trabalho coletivo.

Após o minicurso e as visitas da professora Cristina Tourinho ao ensaio do Ecoarte carregou nossas baterias de energia e fortalecemos os elementos musicais interpretativos nas nossas apresentações, sugeridos pela professora Cristina Tourinho são atribuídos ao desejo de desenvolver um trabalho de música para pessoas com deficiência visual. O ensino coletivo se define como metodologia a ser utilizada no projeto e as aulas direcionadas para as pessoas cegas e de baixa visão.

Passado o ano de 2015 dou início ao desenvolvimento do projeto, contudo foi em 2016 que tenho uma reunião com a professora Ana Lúcia Aguiar em busca de possíveis parceiros, a professora Ana Lucia Aguiar, na época já era diretora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN/UERN, organizou uma reunião com Jose Luiz, presidente da Associação dos Deficientes visuais de Mossoró – ADVIM.

Durante uma conversa/exposição sobre a oficina de violão para pessoas com deficiência visual foi bem recebida pelo presidente da ADVIM Jose Luiz, onde foi

tratado sobre as ações desenvolvidas pela associação, contudo, as atividades que buscam o desenvolvimento da arte para as pessoas com deficiência visual não eram oferecidas aos associados e destaca a importância de novas parcerias. A necessidade de apresentar novas possibilidades no ensino de música para pessoas que estão esquecidas se retrata segundo Tardif (2005, p.66):

[...] uma grande parte das práticas disciplinares do professor se baseia em juízos normativos relativos as diferenças entre o que é permitido e o que é proibido. Para atingir fins pedagógicos, o professor também se baseia em juízos provenientes de tradições escolares, pedagógicas e profissionais que ele mesmo assimilou e interiorizou. (TARDIF, 2005, p. 66).

Tardif (2005) discute sobre o professor em construção e as metodologias utilizadas por ele, também, como reflexo das suas experiências durante sua formação. Tentando me situar como afirma o referido autor, a convicção das experiências formadoras na minha história de vida desde aqueles momentos com Jobson Rufino na Praça da Caixa D'água dos ensinamentos musicais na escola e Conservatório de Música ao ensino superior e todos os conhecimentos adquiridos na minha formação são responsáveis pelo professor que se apresenta hoje.

Percebido a importância desse trabalho na qualidade de vida das pessoas envolvidas, começamos nossas aulas no dia 02 de agosto de 2016 com 09 estudantes, 03 mulheres e 06 homens, e durante esse primeiro momento realizamos apresentações na UERN, na Ordem dos Advogados do Brasil – OAB em Mossoró e no município de Passagem de Pedra/RN, chegando ao fim, já que no primeiro momento o projeto tinha um prazo de 01 ano para ser concluído.

Com os desdobramentos da vida encontro com a professora Ana Lúcia Aguiar durante o projeto “Histórias de vida em música, teatro e desenho – vozes Silenciadas DAIN/UERN na Penitenciária Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio” em 2016, onde por meio do aprendizado musical, do teatro e do desenho se busca trabalhar a construção de saberes e fazeres na perspectiva da ressocialização, veio no momento certo, horário em que eu me apresentava aberto a compreender a ação em favor do outro.

O significado extraído das ideias de diversos autores se fazia presente nos atos da professora, o escrito na prática, ou a prática do que está escrito, tornando-se mais compreensivo o saber-fazer, onde fazer desenvolver o saber é o que dá verdadeiro

significado ao saber, a reflexão dessas experiências possibilita refazer meus entendimentos sobre a importância que mamãe trazia, e traz, no cuidado com os horários e compromissos.

Sempre galgando o monte do conhecimento, trilhando pelo caminho da formação, educando e aprendendo, aprendendo e educando, em 2016.1 participo do processo de seleção para aluno especial no programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC. Obedecendo todo requisito do edital, com diploma de Licenciado, redijo minha carta de intensão e apresento as razões que motivam a cursar a disciplina como aluno especial e no dia 19 de fevereiro de 2016 sou aceito como aluno especial na disciplina de “Memória, formação e pesquisa (auto) biográfica” ofertada pela professora Dr.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

A professora Ana Lúcia Aguiar nos fez perceber, durante as aulas, a memória como fonte de pesquisa, possibilitando reviver e criar consciência no seu processo de construção nas narrativas de vida do sujeito, fazendo conexão com o pensamento de Souza (2007, p. 66) onde “Narrar é anunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado”.

Esses momentos significativos apresentados pelo autor são revisitados com uso da metodologia (Auto) biográfica com encantamento, apresentada pela professora Ana Lúcia Aguiar como um novo olhar, uma forma de compreender os caminhos percorridos pelo sujeito em formação e aponta-los como momentos significantes na construção de si.

O mundo da narrativa (Auto) biográfica me atraiu a cada aula, durante os seminários e pelas vozes evocadas dos sujeitos que por muito tempo foram silenciados. Durante o II seminário de Narrativas (Auto) biográficas - Vozes Silenciadas na Pedagogia ao Chão do Lugar, em 2016, as narrativas se apresentavam como importante ferramenta no processo de construção durante as apresentações das mesas redondas tratando sobre o tema.

Os relatos dos participantes durante o I Seminário Nacional de Pesquisa (Auto) biográfica e Histórias de Vida e o III Encontro de Narrativas (Auto) biográficas – ERNABE realizados adstritos em 2018 na cidade de Mossoró/RN se misturam com momentos da vida cotidiana. Consolidando meu interesse pelas narrativas (Auto) biográficas o VII Seminário Narrativa (Auto) Biográfica – Reconstruindo o sentido da vida como o estalar das vozes em pedras, em 2019, e as participações em rodas de

conversas sempre carregados de conteúdos e temáticas importantes atribuíram um ponto definitivo na escolha metodológica a seguir.

Foi durante a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto) biográfica que encontrei um anjo capaz de trazer uma luz para minha caminhada e extrair dos estudantes, com os estudantes, potencialidades de atribuir reflexão no seu processo de formação. As aulas da professora Ana Lucia Aguiar ficaram presentes no mar das minhas memórias e a metodologia da (Auto) biografia se apresenta como possibilidade de revisitar os acontecimentos emancipatórios na nossa formação, de enxergar uma formação reflexiva.

As experiências vividas, apresentadas por Josso (2010, p.54) “diz respeito não a uma experiência, a uma vivência particular, mas a um conjunto de vivências que foram sucessivamente trabalhadas para se tornarem experiências”. Em consonância com a autora, a construção dos meus saberes se desenvolve com a prática e as necessidades apresentadas em momentos plurais da vida e no contexto em que está inserido.

A professora apresentava a (Auto) biografia como seções de narrativas, onde o esforço de falar dos momentos íntimos e profundos para o locutor torna difícil de ser administradas, as visitas aos momentos são muitas vezes desgastantes, pois tais momentos são apresentados como se fosse atual.

A professora Ana Lucia Aguiar, um anjo da inclusão, apresentou acima de tudo, a contribuição da (Auto) biografia e das narrativas na formação do sujeito, uma formação reflexiva na visita das memórias possível de despertar o desejo de apresentar os desafios vivenciados e as batalhas travadas pela pessoa com deficiência visual ao acesso a música, a partir do mergulho nas narrativas.

Esse anjo deu um novo direcionamento na minha caminhada, apresentou seguimentos no meu trabalho com a música que resultou na participação do processo de seleção como aluno regular do mestrado em educação em 2019, onde a dedicação e o foco no processo proporcionaram êxito e me torno aluno regular do POSEDUC em 2019.2.

A possibilidade de imortalizar os ensinamentos e resultados do trabalho que foi iniciado em 2016.2 na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVDM, encerrado seu primeiro ciclo no final do ano de 2017, recebe uma nova carga de energia, tendo seu retorno no dia 07 de outubro de 2019 com apoio da DAIN/UERN. A professora Ana Lúcia Aguiar veio contribuir de forma transformadora na construção da

minha fortaleza, fazendo me reconhecer tal qual como sou, porque sou como tal qual me reconheço.

Após esses escritos, continuo na busca do conhecimento com objetivo de semear em harmonia do ensino de música/violão e o desejo que este trabalho seja lido e visitado por pessoas com algum problema visual e possa se guiar nos modos de sentir, ouvir e tocar dos estudantes da ADVIM onde mesmo na procura constante de vencer a luta travada nas experiências individuais e coletivas das pessoas estigmatizadas durante toda vida conseguem desenvolver seu lado artístico.

O contato com a professora Ana Lúcia Aguiar enquanto aluno especial do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação – POESDUC em 2016 atribuiu forma ao ponto do nosso trabalho se consolidar. A metodologia (Auto) biográfica e seus teóricos acarretaram enxergar a importância deste estudo, os benefícios no processo de construção dos aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual e no resultado proposto para nossa dissertação, onde será de pertinente impacto social.

CAPITULO 2: O TOM E O TOQUE NA ASSOCIAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DE MOSSORÓ – ADVM

Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente. (Almir Sater, Renato Teixeira, 1990)

Na busca de oportunizar uma caminhada construída a partir da ideia de conforto com a limitação por hora encontrada, de amenizar uma vida carregada de lutas travadas em situação de desvantagem, onde se aceitar como realmente é traz, na composição da sua vida, a necessidade de se colocar aberto para se encontrar no outro, numa parceria para tocar os dias pela longa estrada em busca de ser capaz, ser apoiado na força e modos construídos em coletivo com os seus iguais e ser feliz. Pessoas da comunidade e profissionais da área da saúde, dos direitos jurídicos e da educação se reuniram com objetivo de discutir e encontrar uma forma de oportunizar uma melhor qualidade de vida e reivindicar os direitos das pessoas com deficiência visual em Mossoró/RN.

No desdobramento deste capítulo será apresentado o nascimento da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM, o esclarecimento desse processo histórico é colocado como importante para assim, se conhecer os passos da história que modificou a qualidade de vida das pessoas com deficiência visual de Mossoró e das cidades circunvizinhas. Guiados pelos elementos da (Auto) biografia conheceremos os sujeitos da referida pesquisa e suas narrativas, na busca de *Descrever os fazeres da Música na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM*.

Conhecer os motivos que levaram a criação da ADVM, os momentos vividos e narrados pelos protagonistas dessa batalha inclusiva, o significado da força do coletivo na formação da pessoa com deficiência visual, a oficina de violão na ADVM, a diversidade apresentada nos modos de tocar, as vitórias e os passos significativos dessa ação vêm contribuir no fortalecimento dos estudos sobre como *Compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar*.

Conhecer a realidade da ADVM durante seus primeiros anos de vida aquece a segunda fornalha dos três objetivos específicos do nosso trabalho, onde seremos conduzidos por entre as narrativas de João Ferreira, membro fundador da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM e primeiro presidente do conselho deliberativo, eleito por unanimidade no ato de fundação da associação. Conheceremos

os episódios de outro ângulo, fatos importantes ocultos pela frieza da escrita, onde os registros documentados não conseguem capturar os motivos e finalmente, o estopim para se criar uma associação e oferecer suporte e apoio a pessoa com deficiência visual.

Durante este capítulo os participantes das atividades musicais da ADVIM, protagonistas da sua vida artística, serão apresentados e mesmo cientes da importância das narrativas de todos os participantes da oficina de violão o estudo foi direcionado para dois sujeitos. Os dois narradores desta pesquisa irão mergulhar na sua história com a música, passeando pelos seus modos de sentir os sons musicais, onde sentimentos trancados com grandes cadeados enferrujados entram no processo de eletrólise, até chegar aos seus modos de tocar um instrumento musical como chave de acesso.

A música é colocada ao centro das nossas reflexões como ferramenta de socialização e de desenvolvimento artístico do sujeito, habilidade presente em todo ser humano. As vozes dos sujeitos nos darão oportunidade de conhecer, refletir e compreender as contribuições dos aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual. Oportunizará ao participante da oficina vivenciar sua própria cultura.

A Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró - ADVIM é uma instituição organizada pela sociedade civil que erguer a bandeira da inclusão e oferta apoio às pessoas com deficiência visual. Interpelaremos a Lei Brasileira de Inclusão - LBI, nº 13.146/15, de 06 de julho de 2015 que é o Estatuto da Pessoa com Deficiência em todos os momentos como prescrição para o tratamento assegurado e garantido por lei e os direitos da pessoa com deficiência. A criação de leis é o resultado das lutas travadas em coletivo, elas, as leis, se apresentam importantes para o fortalecimento do sujeito, podendo, assegurado judicialmente, se apresentar ao mundo como realmente é e uma forma de poder punir os atos contrários aos direitos das pessoas com deficiência.

A oficina de violão coletivo da ADVIM oferta o ensino de música para seus associados como uma possibilidade de pessoas com deficiência visual, por dentro de todos os aprendizados existentes na construção do ato de tocar violão, possa contribuir na sua formação. Os dois sujeitos desta pesquisa, apresentarem, num processo de (Auto) reflexão, o diapasão responsável pela afinação dos sujeitos no processo de formação trilhado por eles e suas estratégias de aprendizagem.

2.1 Um começo, uma canção ladrilhada pelo som do coração

A instituição responsável de representar a pessoa com deficiência visual em Mossoró/RN nasceu antes da data que consta na ata de fundação da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró/RN – ADVM. Os acontecimentos anteriores ao dia 03 de julho de 1989 se apresentaram por meio do acervo documental da instituição e do apoio de João Ferreira de Oliveira Neto, um dos idealizadores da associação.

João Ferreira nasceu em Belém do Brejo da Cruz/PB, sertão paraibano no dia 27 de setembro de 1966, durante a infância foi identificado com glaucoma congênito aos seis anos de idade, mesmo sendo uma doença hereditária, salienta que é o único caso com tal doença na sua família. No ano de 1977, quando completa onze anos de idade, a doença se agrava e mesmo com tratamentos médicos aos treze anos de idade, em 1979, ela causa a perda completa da visão. A vida na casa de João Ferreira se desenvolve normalmente, mas seus pais decidem levar todos os filhos para morar em Mossoró/RN com objetivo de tratar da saúde de um dos seus filhos.

A Paraíba gera um filho valente, quando chega à Mossoró em 1986, João Ferreira com vinte anos de idade sem estudar, toma conhecimento do Centro de Reabilitação e Educação do Deficiente Visual – CREDEV e do apoio oferecido às pessoas com deficiência visual no caso de mobilidade, com objetivo de superar as barreiras de locomoção. Esse problema impede o sujeito de realizar ações simples, por vários fatores, tais como medo, insegurança, falta de parâmetro para identificar e no ingresso, ou retorno, das atividades educacionais com a aprendizagem do Braille.

Hoje graças a deus, fruto a trabalhos como esse que você está fazendo, que as universidades, principalmente a universidade do nosso estado né, através da [...] hoje diretoria de inclusão a DAIN, as feiras de ciências de diversas escolas, tanto públicas como privadas que traziam muito essa temática. (Narrativa de João Ferreira, Mossoró/RN, 2020)

João Ferreira encontrou a oportunidade de enxergar através da luz da educação, e mesmo sem o apoio da família, pois atribuía uma superproteção ao garoto sempre indefesso, decide buscar ajuda no CREVED e traz em sua narrativa a diferença e esclarecimento da sociedade com o tema, devido apoio das instituições educacionais.

A deficiência visual está ligada a pessoa com algum espectro que vai da cegueira até a baixa visão, as manifestações patológicas não são consideradas necessariamente deficiência visual, contudo devem ser identificadas e tratadas, as pessoas com miopia,

astigmatismo ou hipermetropia não são consideradas pessoas com deficiência visual, já que essas doenças podem ser corrigidas por meio de lentes ou cirurgias, que segundo o Decreto 5.296/04, de 02 de dezembro de 2004, em seu artigo 5º, preceitua:

Art.5º §1 c) deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores.

As leis, decretos e todo aparelho capaz de nortear os passos inclusivos da sociedade atual, vêm enriquecer o debate e preencher a lacuna causada na vida das pessoas com deficiência, além de esclarecer quais são os parâmetros de classificar os tipos de deficiências. As barreiras vivenciadas pelas pessoas com deficiência visual são situações presentes na vida de qualquer pessoa, elas se apresentam das mais diversas formas, as leis buscam forças para romper os padrões estabelecidos, as atitudes e os modelos decorativos que vão à contramão da constituição plural do mundo, em constante movimentação, a união se faz necessária para criar novas oportunidades.

O apoio das instituições no processo de inclusão, de professores militantes e pessoas da comunidade se unem e guiados pelo desejo de propiciar a melhora na qualidade de vida das pessoas com deficiência, buscam a ruptura de padrões de exclusão, onde pessoas atentas às dificuldades diárias vivenciadas pelas pessoas estigmatizadas, apresentada pelas tarefas do cotidiano, onde embora pareçam simples, podem constranger e causar a limitação da independência da pessoa que já traz junto consigo um estigma, e vêm adicionar força para se tornar mais um elo precioso na luta dos direitos das pessoas com deficiência visual em Mossoró/RN.

Em 1987 foi fundado pelo Governador Geraldo José de Melo, eleito em 1986, algumas instituições para dar suporte a pessoas idosas, com baixa renda, pessoas com deficiência e situação de vulnerabilidade. Entre essas instituições estava o Centro de Reabilitação e Educação do Deficiente Visual – CREDEV com sede na cidade de Mossoró/RN e com o objetivo de propiciar uma melhor qualidade de vida as pessoas com deficiência visual de Mossoró e cidades vizinhas.

O CREDEV inicia seus trabalhos na cidade um ano após a chegada da família de João Ferreira a Mossoró/RN. Ao tomar conhecimento da instituição, João Ferreira ainda

em fase de emancipação da superproteção dos seus pais, não consegue participar da cerimônia de fundação. Mesmo com forte resistência da família, devido uma superproteção, João Ferreira com ajuda de um amigo conhecido no culto da igreja, consegue chegar ao CREDEV e se torna o primeiro estudante/adulto cego da instituição a ser alfabetizado e desenvolver as atividades com escrita braile e a escrita cursiva.

O ingresso de João Ferreira no CREDEV é a semente da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVIM, essa semente encontra forças no segundo semestre de 1988, quando chega à instituição o segundo aluno com deficiência visual com maior idade, seu nome é Marlos Luiz Bezerra Fernandes.

Marlos Luiz era, naquela época, estudante do 5º período do Curso de Direito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e foi vítima de um acidente automobilístico que causou deslocamento das retinas, mudou-se para Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, onde mesmo com tratamentos médicos não conseguiu recuperação e após a perda da visão começou o estudo de braile ainda enquanto morava na capital.

A política trazia reflexos para o desenvolvimento das atividades no CREVED e o então Governador Geraldo José de Melo, quando se encontra desgastado com várias categorias, começa a abandonar os projetos sociais criados no início do seu mandato. O CREDEV sente o impacto desse abandono e não recebe nenhum apoio, ficando desassistido e com pendências matérias, profissionais e financeiras. O duo, Marlos Luiz e João Ferreira, pressentem a falência da instituição e ensaiam durante o primeiro semestre de 1989 a criação de uma instituição com finalidade de reivindicar o bom funcionamento e a continuidade do CREDEV.

A volta das atividades no segundo semestre também traz o apoio dos professores Eliane Maria Dias e João Ananias Filho e colocam a ideia construída durante o primeiro semestre, dão início a todo procedimento jurídico e resolvem fundar a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVIM, tendo como principal finalidade dar continuidade dos trabalhos realizados pelo Centro de Reabilitação e Educação do Deficiente Visual – CREDEV.

A criação da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVIM no dia 03 de julho de 1989 gerou uma indisposição, pois veio tratar dos direitos e da reivindicação de tais direitos nas instituições, chamando atenção dos gestores do

Movimento de Integração e Orientação Social – MEIOS e do Programa Nacional do Voluntariado - PRONAV, essas instituições gerenciavam o CREDEV e manifestavam uma resistência em aceitar a criação da ADVN. A associação resistiu e conseguiu, mesmo com diversos embates, ser fundada e documentada em 03 de julho de 1989.

A ADVN inicia sua história com Marlos Luiz na presidência e João Ferreira como presidente do conselho deliberativo, a associação vem contribuir na mudança do cenário e traz junto com sua criação os olhares atentos e desconforto dos gestores da CREDEV. Aconteceu um movimento interno de resistência dos gestores contra a fundação da associação, devido o nascimento de uma instituição que traria como objetivo principal a reivindicação dos direitos da pessoa com deficiência visual, contudo, a criação da ADVN não foi entendida pelos administradores do CREDEV e ocasionou o rompimento de laços de amizade.

A Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVN deu continuidade aos seus trabalhos sem nenhum suporte político da esfera estadual nem municipal, a prefeita Rosalba Ciarlini Rosado, eleita em 1989 não tinha afinidade partidária com o governador, contudo nas eleições para governador do Estado do Rio Grande do Norte de 1990 o candidato José Agripino Maia, aliado político da prefeita, foi eleito novo governador e veio, com isso, dar um novo direcionamento nos acontecimentos da história da ADVN.

Agora com a união desses poderes, a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró - ADVN muda a página do livro da história de luta das pessoas com deficiência visual e começa a ter voz nas decisões em torno dos órgãos que atuam nesse seguimento e cria força social/política para indicar pessoas a ocupar o cargo de direção do próprio CREDEV.

Após sua fundação em 03 de julho de 1989 a ADVN dividiu o espaço físico com o Centro de Reabilitação e Educação do Deficiente Visual – CREVED, depois mudou de sede, transferiu suas atividades para Rua Deocleciano Vencesleau da Paixão, bairro Nova Betânia, nº 24, quando em 1992 por meio de contrato de comodato feito com a prefeitura passa a funcionar no prédio situado na Praça Dom João Costa S/N, bairro Santo Antônio - Mossoró/RN.

No ano de 1993 o desejo de criar uma escola para pessoa com deficiência visual manifestou a necessidade de transformar o Centro de Reabilitação e Educação do

Deficiente Visual - CREDEV numa escola de ensino para pessoas com deficiência visual e no ano de 1994 foi fundada e oficializada a Escola Louis Braille, com ensino do 1º ao 4º ano. A escola recebe o nome do criador do Sistema Braille¹¹. Seguindo o fluxo das atividades da escola e dos acontecimentos políticos, entre mudanças de gestão na Prefeitura e no Estado, a Escola Louis Braille no ano de 1997 tornou-se Escola Municipal Louis Braille saindo da supervisão da ADVM e indo para o Município.

Em meados dos anos 2000 a participação dos diretores e associados em eventos de cunho inclusivo, em palestras e capacitações realizadas por instituições públicas e privadas desperta a necessidade de ações inclusivas dentro da ADVM e guiados pelos direitos das pessoas com deficiência visual estudar no mesmo espaço das pessoas sem deficiências.

Conforme Sasaki (1999, p. 42):

Enquanto processos sociais, a integração e a inclusão são ambos muito importantes. O que todos desejamos é atingir a meta de uma sociedade inclusiva. Para tanto, contudo, o processo de integração social terá uma parte decisiva a cumprir, cobrindo situações nas quais ainda haja resistência contra a adoção de medidas inclusivistas. (SASSAKI, 1999, p.42)

A exposição do pensamento de Sasaki (1999) apresenta um processo de transição, onde cada etapa vivida pela pessoa com deficiência tem sua representação, mas aponta que o papel da inclusão das pessoas com deficiência no convívio social/educacional regular venha tomar espaço e se sobreponha a integração. Nesse mesmo direcionamento inclusivo, em 2001 a Escola Municipal Louis Braille não ofertou mais vagas para novos alunos para concluir suas atividades iniciadas anteriormente e no ano de 2002 a Escola foi extinta pelo Decreto nº 2.103/02 da Prefeitura Municipal de Mossoró.

No mesmo ano pelo do Decreto nº 2.104/02 foi criado o Centro de Apoio Ao deficiente Visual - CADV com objetivo de atender às pessoas cegas e de baixa visão, ou visão subnormal, com produção de textos/livros em Braille, escrita ampliada e o acompanhamento de professores leitores para trabalhar textos falados com os alunos em

¹¹ Sistema Braille é um sistema de leitura e escrita tátil para as pessoas cegas inventado por Louis Braille. Louis Braille nasceu em Copvray na França em 04 de janeiro de 1809, ele ficou cego, ainda criança, por um acidente na oficina de seu pai que foi fabricante de arreios e selas.

busca de contribuir para formação de cidadãos ativos e aptos para realizar as tarefas do seu cotidiano.

A ADVM possui aproximadamente cento e vinte associados e mantém o objetivo de reivindicar os direitos das pessoas com deficiência visual, de oportunizar a continuação dos estudos, a locomoção e mobilidade, assim como a autonomia de tais. A sigla que representa a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró desde sua fundação “ADVM” ensaia uma mudança no segundo semestre de 2019, devido uma proposta de um associado em tornar a instituição parceira da revista GUIAMOS, com tiragem impressa e endereço eletrônico, o seu conteúdo traz os principais pontos turísticos da região e tem distribuição gratuita.

Ao apresentar a ADVM como o principal parceiro da Revista, o departamento de *marketing* sugeriu a mudança para ADVIMOS, permanecendo com a mesma nomenclatura e teria apenas a mudança da sigla com objetivo de trazer uma maior harmonização com o nome da revista. A proposta apresentada aos associados no primeiro semestre de 2019 teve boa aceitação, tanto pela atual diretoria da ainda ADVM, constituída por Francisco Moraes na presidência e João Ferreira como secretário, e por grande parte dos seus associados, contudo não houve a mudança oficial da sigla.

Os desenvolvimentos das atividades atuais da associação serão apresentados pelo atual presidente da ADVM, associado desde o ano de 2000, Francisco de Assis de Moraes. Natural de Governador Dix-Sept Rosado/RN e teve sua infância igual à de toda criança do interior do nordeste, contudo, aos sete anos de idade os problemas com a visão começaram a surgir, fez tratamentos em Natal/RN, passou por quatro cirurgias, abandonou as aulas, devido as constantes viagens, mas aos onze anos perdeu a visão por completo.

Nunca se sentiu inferior, fazia seus trabalhos, acompanhado dos pais, na luta do campo e ajudava, sem nenhum problema, nas tarefas no Sítio Bonito localizado na Zona Rural de Governador Dix-sept Rosado/RN. Francisco Moraes destaca sempre a busca pela informação, da ênfase a presença do rádio como um dos veículos de comunicação mais utilizados para a pessoa com deficiência visual, mas apresenta limitação em não ter estudado como falta de base na sua formação. Em 1993 por volta dos vinte anos de idade, em busca de aventuras amorosas, começou a criar amizade com pessoas nas

escolas, e aponta o aprendizado do violão e a boa oratória, mesmo sem estudo formal, como ferramentas para uma atraente socialização com os demais.

Francisco Moraes traz das suas memórias o encontro com a possibilidade de reiniciar suas atividades na escola, e aponta seu contato com a associação como fundamental e: “a partir daí, eu fui, vim pra Mossoró, comecei a estudar, entrei logo [...], me associei na ADVVM e a partir daí começou o meu desenvolvimento”. Um ano após sua filiação a ADVVM iniciou seus estudos no Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA Professor Alfredo Simonetti em Mossoró/RN, Fundamental e Ensino Médio. No ano de 2002 se engaja na luta dos deficientes visuais, e hoje é graduado em História pela UERN, foi o primeiro aluno deficiente visual do curso, e traz o apoio dos companheiros e professores como fundamental nesse processo.

Na minha concepção, uma das coisas mais... Proveitosas e que funcionou muito... Ajudou muito o seguimento das pessoas com deficiência foi a instituição.... A instituição ela tem um cunho social muito representativo, muito bom! As pessoas com deficiência que passam pela instituição, que ela fique lá ou passe pouco tempo, mas que ela utilize dos serviços da instituição e também do convívio das pessoas que lá vivem, ela muda o seu pensamento de pessoa com deficiência. (Narrativa de Francisco Moraes, Mossoró/RN, 2020)

O Presidente Francisco Moraes traz o entendimento da principal ferramenta desenvolvida na ADVVM, a oportunidade de proporcionar um reencontro com a força interior de cada sujeito, e, assim, se pega em um ato de reflexão, (Auto) reflexão e mudança de comportamento, onde, essa mudança, só poderia ser possível no convívio social, começando por dentro da instituição.

Foi a partir da ideia de realizar um curso de violão para pessoas com deficiência visual, trabalho esse iniciado com sua primeira edição em 2016 na sede da ADVVM, onde foi indicado um curso uso da metodologia do ensino de violão coletivo que os benefícios trazidos com os aprendizados da música abrem um novo espaço de aprendizagem, lugar de grandes ensinamentos, descobertas, ambiente de desconstrução alheia e na ajuda da construção, reconstrução e formação de si.

De acordo com Tardif (2005, p. 101):

O professor tende, com frequência, aderir aos valores do grupo; ele partilha com outros membros sua vivência profissional e troca com eles conhecimentos sobre diversos assuntos. Em suma, torna-se um membro familiarizado com a cultura de sua profissão. (TARDIF, 2005, p. 101)

Tardif (2005) nos apresenta um professor disposto a agregar valores à sua profissão, através das experiências diversas e plurais dos seus pares, onde ao apresentar seus limites aos próprios participantes da oficina podem vivenciar sentimentos de alteridade sem distanciar do sentimento de afinidade.

No segundo semestre de 2016 iniciamos a primeira oficina de violão coletivo na ADVM, momento que oportunizou a pessoa com deficiência visual atribuir conhecimentos musicais de forma participativa, fazendo uso do ensino coletivo de instrumentos, metodologia utilizada desde muito cedo na minha prática como professor de violão da Escola de Música Dr. Pedro Ciarlini desde 2004, marcas significativas na minha formação como professor de música. Compreender a música como instrumento de socialização, instrumento afinado com o diapasão da inclusão, apontado por redes de sociabilidade em Kleber (2008).

Na primeira edição da Oficina de Violão Coletivo da ADVM em 2016 participaram oito associados e um professor vidente do CADV. O professor Edson França, vidente que participa da referida oficina de violão, é graduado em pedagogia com especialização em psicopedagogia, atua na rede municipal de educação e desenvolve suas atividades no Centro de Apoio ao Deficiente visual e no Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA Professor Alfredo Simonetti em Mossoró/RN. Edson de França continua as atividades musicais com o grupo Tocando em Frente durante toda oficina e volta a integrar a oficina em desenvolvimento atualmente e aponta os benefícios da música na ADVM.

Hoje [...] Nós temos a certeza que é possível tornar realidade, aquilo que achávamos difícil acontecer, visto que, agora estamos diante de um grupo de pessoas, com deficiência visual que estão demonstrando, cada um à sua maneira, o que aprenderam da música nas cordas do violão. (Narrativa de Edson de França, Mossoró/RN, 2020)

A música entra na ADVM com objetivo de ofertar uma atividade artística que possibilitará a pessoa com deficiência visual, ao estudar o violão, vivenciar de forma ativa sua própria cultura musical, o professor Edson de França traz na sua narrativa a transformação dessas pessoas, esses são efeitos causados pela música nas suas vidas, e acrescenta que “a cada aula a coisa acontecia, o objetivo era alcançado” ao tratar sobre os desafios e superações dos participantes.

A diversidade rítmica do Brasil, a pluralidade das culturas das regiões do país, os diferentes modos de ensinar e de aprender música move a necessidade de *compreender*

quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar dos participantes da oficina de violão coletivo da ADVIM, e conhecer as estratégias apresentadas nos diversos modos da pessoa com deficiência visual aprender música, vem contribuir para uma educação musical inclusiva.

O começo é algo impossível de ser evitado, onde andar, correr, crescer e retornar ao início se faz necessário, assim como os violonistas já experientes retornam aos seus passos iniciais, numa espécie de reforço de base, um reconhecimento dos elementos carregados, mesmo quando não reconhecidos antes desse retorno, como pilares formativos, e no momento das narrativas orais vêm fortalecer e expor as estratégias escolhidas para desenvolver seus conhecimentos musicais.

Os momentos de descobertas são significativos e formativos para todos os envolvidos na oficina de violão, contudo ao apontar nossa lupa para os sujeitos da pesquisa, percebemos a quebra das barreiras posta no caminho do aprendizado musical, esse enfrentamento é feito com paciência e determinação, onde na pulsação interna de cada sujeito define a velocidade do seu desenvolvimento rumo a realização do desejo adormecido antes dessa ação.

Após os primeiros contatos musicais, onde a prática instrumental é desenvolvida de forma oral, os sujeitos da pesquisa trabalham sua própria forma de fazer, ouvir e tocar as canções apresentadas na oficina e aquecem as chamas do desejo de ser mais, Freire (1987), onde seus aprendizados são fortalecidos pelo som do coração de cada envolvido na pesquisa. Tangidos pelos acordes feitos em seus violões, os integrantes se sentem mais envolvidos e fortalecidos pelo encontro com o outro, seus conhecimentos se desenvolvem com fortalecimento técnico e se sentem estimulados a retornar nessa mesma estrada no futuro novamente.

Como uma construção do mosaico musical dos narradores deste estudo, os aprendizados da música são regados pelo sentido da empatia durante os desdobramentos da oficina de violão coletivo, onde todos os participantes se sentem contemplados por essa solidariedade e se constitui como parte fundamental no processo de formação de si e do outro.

A cada compasso vencido dessa canção ladrilhada pelo coração nos sentimos próximos do objetivo de concluir determinada obra musical, os sujeitos se apresentam como seres de empoderamento, onde culmina na conclusão de uma com o início de outra canção como um processo evolutivo natural. As canções sugeridas se apontam como responsável por conduzir a dança da inclusão das pessoas com algum tipo de

deficiência visual e, por se tratarem de obras musicais, criam sabores e aromas ao bom da viagem.

2.2 O sabor da viagem que desliza em meu corpo inteiro no encontro com o eu e com o outro

A música estava presente na ADVIM desde antes do início da primeira oficina em 2016, alguns associados já possuíam habilidades musicais, mesmo assim, alguns fizeram questão de participar da oficina, atraídos pelo sentimento de desenvolver cada vez mais suas habilidades e de estimular os amigos, iniciantes no universo musical, pois conhecem e vivenciam a oportunidade e potencialidade que a música proporciona na vida social do sujeito com deficiência visual.

De acordo com Kleber (2011, p.43):

Os princípios constitutivos, ou seja, os valores e os objetivos compartilhados definem a identidade da rede, assim como os princípios de natureza prática configuram o processo de atuação entre seus componentes. O cotidiano, com foco nas relações que sustentam rotinas, contém conjuntos de redes de relações inerentes às atividades humanas de toda ordem. (KLEBER, 2011, p. 43).

Kleber (2011) atribui o significado das relações como um grupo constituído das mais diversas formas, e nos desperta para as características básicas existente em cada grupo, onde, também, apresentam espaço para o entendimento e representação do sujeito dentro do coletivo, a socialização oportuniza a aceitação do outro em convívio pacífico e formativo no entendimento da diversidade presente em cada sujeito do grupo.

A sociabilidade dos participantes da oficina de violão estimula a participação nas atividades realizadas durante a oficina de violão coletivo, tanto dos associados com alguns conhecimentos musicais como dos participantes iniciantes no mundo invisível dos sons. Dos participantes que carregavam uma bagagem musical, estava José Luiz Alves da Silva, presidente da ADVIM na primeira edição da oficina de violão em 2016. José Luiz é natural de Alagoas/AL, nasceu em 1959, possui baixa visão e entre suas qualidades se destaca como um músico excepcional, já realizava apresentações nos bares em Mossoró/RN muito antes da oficina de viola da ADVIM, contudo, José Luiz apresentava o espaço vazio e o tempo ocioso da comunidade dos associados e uma lacuna na oferta de artes na associação.

Na primeira oficina de violão tivemos a participação de nove pessoas, onde cinco homens e quatro mulheres, incluindo o aluno vidente. Dos participantes inscritos um nome me era familiar, Luciele Isídio de Moura, em 2016 com 41 anos de idade, nove anos depois entra novamente na minha vida, dessa vez para acompanhar e dar suporte a sua esposa e narradora da pesquisa, Izabel Cristina de Sousa, com 53 anos e um desejo de aprender que impulsionou sua inscrição na oficina de violão coletivo da ADVIM.

A aprendizagem musical acontece de forma natural, no tempo certo, onde o respeito a esse momento deve ser preservado e as barreiras apresentadas sirvam de trampolim para oportunizar o surgimento de um novo modo de fazer, de forma respeitosa, o ensino de música à pessoa com deficiência visual e as estratégias utilizadas nesse processo deve proporcionar o encontro com os diferentes modos de tocar.

Neste ponto da pesquisa, entraremos em um mundo mágico e sonoro, onde a música, acessada pelo violão, se apropria e coloca o sujeito para vivenciar e se empoderar da sua própria cultura musical de forma atuante, apresenta espaço para repousar seus sonhos e desejos. As passagens vividas pela pessoa com deficiência visual nesse percurso sonoro trarão luz a nossa interpretação, que se apresentará mais à frente.

A primeira oficina de violão teve duração de um ano, 2016 a 2017, a metodologia do ensino coletivo de instrumentos foi utilizada na perspectiva de apresentar as técnicas do instrumento de forma a desenvolver as habilidades musicais em parceria com os participantes, as informações musicais eram apresentadas, os participantes tinham um tempo para tentarem desenvolver a atividade, com a supervisão atenta do professor, quando preciso aconteciam as intervenções, mas todos eram sempre estimulados a superar suas limitações em busca de encontrar seu próprio modo de fazer.

Os participantes que estavam frequentando pela primeira vez uma aula de música traziam um desejo enraizado e adormecido de aprender a tocar violão conciliado com um descrédito próprio.

No dizer de Goffman (2017, p. 38):

Quando há uma discrepância entre a identidade social real de um indivíduo e sua identidade virtual, é possível que nós, normais, tenhamos conhecimento desse fato antes de entrarmos em contato com ele ou, então, que essa discrepância se torne evidente no momento em que ele nos é apresentado (GOFFMAN, 2017, p. 38).

A atenção para a pessoa desacreditada, onde ao se mostrar como realmente é, é apresentada por Goffman (2017) sem manipulações para o encobrimento do seu estigma, uma pessoa cujo fardo que carrega está cheio do sentimento de inferioridade ao olhar do outro, um sentimento construído historicamente apresentado nas barreiras na sua vida cotidiana.

Os sujeitos da pesquisa tiveram seus sonhos mutilados quando, ao se encontrarem a margem, seus desejos não foram aquecidos pelos regentes da música, as portas fechadas do aprendizado musical sucumbiram por muito tempo, à sensação de realização da qual desfrutavam com seus instrumentos atualmente, suas harmonias acompanham o pulso natural da vida cotidiana e dar suporte para a pessoa, antes desacreditada, vivenciar a quebra do anonimato e do distanciamento social.

Durante as atividades encontramos diversidade dentro do mundo da diversidade, os participantes se dividiam em três grupos: pessoas com cegueira; pessoas com baixa visão; e videntes. Contudo, alguns participantes possuíam deficiência múltipla, como era o caso de dois participantes da oficina, o primeiro tem deficiência visual e física e o segundo deficiência visual e intelectual. Essa situação apresentava a necessidade de mais atenção durante o desenvolvimento das atividades, sem desenvolver nenhum tipo de inferioridade.

A primeira oficina deixou marcas em todos nós, atribuímos vitórias, alcançamos objetivos, tivemos sucesso no nosso curto primeiro tempo. Com a formação do grupo “Tocando em Frente” foi possível criar uma rede de socialização musical entre os participantes e ao realizar as apresentações musicais podíamos, na valorização da diversidade, se apresentar como sujeitos de potencialidades, de resultados reais. O mundo dos sons se tornou responsável pelo envolvimento e desenvolvimento de cada integrante como sujeito da experiência, Bondía (2002).

Abertos aos aprendizados musicais, encontramos força para se erguer meio ao universo musical na cidade de Mossoró/RN e apresentamos diversos modos de fazer da pessoa com deficiência visual se encontrar com o outro nesse coletivo, capaz de estabelecer um caminho a ser seguido para o conhecimento do seu próprio “eu”.

O processo de aprendizagem não se deu apenas pelos participantes da oficina, as experiências vivenciadas e modificadas a cada novo enfrentamento, construíram estratégias e significados de formação apontados como importante para construção de todos os sujeitos envolvidos na ADVIM.

Preceitua Bondía (2002, p.24):

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (BONDÍA, 2002, p.24)

O sujeito que frente ao aprendizado, atribui significados importantes para constituição da sua formação segundo Bondía (2002) é um sujeito sempre aberto ao novo, um ser da experiência, em constante desenvolvimento. Ao fortalecer a forma de atuar frente aos participantes, o professor amplia seu leque e no mesmo instante em que ensinado também aprende, as experiências advindas da oficina de violão na ADVM acrescentam marcas na minha formação docente, efeitos sentidos pelo compromisso de tentar, após a conclusão da primeira oficina, criar oportunidade de vivenciar novamente essa experiência.

A busca de oportunizar o encontro com a experiência trazida por Bondía (2002), o sujeito se coloca a favor da experiência, cria situações para agitar uma curiosidade interna e apertar o botão de *start* para busca de solução, os sujeitos da referida pesquisa se colocam em xeque para desenvolver/descobrir estratégias de adicionar experiências significativas na sua formação. Ao se apresentar aberto à aprendizagem, os conhecimentos e as situações se tornam um conjunto de dificuldades e estratégias para adquirir meios de organizar tais aprendizados, e durante essa reorganização constante será capaz de absorver, como uma esponja dos conhecimentos, de criar marcas e ter experiências significativas.

Após a conclusão da oficina em meados do segundo semestre de 2017, o ano de 2018 foi carregado de efeitos, de marcas que atribuíram valores para minha vida profissional, social e pessoal junto ao Movimento Cultural Ecoarte, o grupo se tornou um pilar no meu aprendizado e na minha formação como professor, o Ecoarte me possibilitou experimentar situações diversas. Os alunos surgiam e oportunizavam compartilhar os meus conhecimentos e aprender a cada nova turma, contudo, a posição de exposição ao conhecimento, apresentada no contexto da experiência, me atrai e no ano de 2019 com meu ingresso como aluno regular do POSEDUC/UERN tive oportunidade de retomar as atividades na ADVM, dessa vez, com apoio do DAIN.

A professora Ana Lucia Aguiar, assim como na primeira edição da oficina de violão da ADVM em 2016, faz a articulação com a direção da associação e marca uma

reunião com ponto de pauta único, a Oficina de Violão da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró - ADVM. O presidente da associação Francisco Moraes, se encarrega, como representante da ADVM, de convidar os antigos participantes da oficina e novos interessados para formar uma representação dos associados, para tratarmos do retorno das atividades musicais.

Quando estávamos na sede da associação, antes da reunião, já sentíamos que a felicidade e desejo de iniciar as atividades eram presentes na narrativa de todos, onde foi feito o convite para participar de tal momento, Francisco Moraes apresentou o ponto de pauta, a oferta do ensino de música/violão para os associados, onde foi muito bem aceito por todos. Essa reunião foi essencial para entendermos as contribuições da música na vida da pessoa com deficiência visual e foi colocada no centro da nossa discussão a importância dos aprendizados da música para pessoa com deficiência visual, dando foco para a socialização dos envolvidos na ação, a oportunidade de exercitar e estimular uma vivência artística, além de conhecer seus modos de fazer música, quando se apropria da arte, alimenta seus desenvolvimentos manuais, de forma artesanal apresenta um saber artístico favorável à inclusão.

O retorno da oficina de violão coletivo foi aceito com muito entusiasmo e as atividades foram retomadas no dia 07 de outubro de 2019, com quatorze participantes, nove homens e cinco mulheres. Todos nós temos nossas limitações sem sermos inferiores, o grupo se constituía de cinco participantes cegos, cinco pessoas com baixa visão e quatro videntes.

Cinco de quatorze inscritos tinha frequentado a primeira oficina, já traziam o conhecimento da metodologia utilizada durante a oficina e tinham vivenciado experiências que se apresentavam como motivadoras para os que entravam como eles na primeira oficina, sem conhecimentos musicais, mas cheios, como os atuais novatos, de desejo. Devido motivos de adequação as rotinas das atividades musicais e de compromissos profissionais, três participantes trancaram sua matrícula, mas sinalizaram retorno na próxima edição.

A oficina iniciou com uma apresentação das propostas das atividades, onde se dividiam em formação inicial ao violão e elaboração do repertório. Após esses primeiros informes, nossa atividade já se desenvolveu de forma prática desde o primeiro dia, os participantes ficaram todos sentados em círculo, com objetivo de facilitar a comunicação entre nós, começaram sua vivência com o violão pelo conhecimento das

partes principais do instrumento, guiados pelo tato começam a criar o desenho estrutural do seu próprio violão, esse é o início da intimidade musical entre o instrumentista e o instrumento.

O objetivo de conhecer os pontos de apoio do violão, não no sentido de segurar o violão ao corpo, no sentido de localização. É necessária a familiarização das cordas e casas do instrumento para ter controle e segurança ao deslizar sobre as cordas do violão, um modo de se guiar para chegar aos lugares desejados.

Nossos encontros eram semanais, todas as quintas-feiras, iniciávamos às 15h15min e nosso horário durava 60 minutos, tínhamos um momento de pausa para o café que se tornou um episódio significativo nos dias das atividades musicais, onde a partir do simples lanche da tarde foi capaz de fortalecer a amizade entre os integrantes da oficina, pois tratava de agregar valores ao nosso cotidiano, passávamos a participar da vida do outro através de uma roda de conversa e contação de histórias, onde além dos integrantes da oficina de violão os associados presentes na sede da ADVIM que frequentavam as demais atividades da associação. É importante ressaltar a dedicação dos participantes com seus instrumentos, eles são encorajados a criar uma intimidade em busca de fazê-lo extensão de seu próprio corpo.

As atividades se desenvolveram de forma harmoniosa, nos oportunizou conhecer sequências de acordes, vivenciar uma prática rítmica de gêneros da música brasileira e, partindo de um ponto inicial, conhecer seu próprio modo de sentir, de ouvir e de tocar. Os exercícios executados através dos modos individuais, da particularidade encontrada em cada participante no momento em que segura o instrumento e na noção de localização das cordas e notas no violão se organizam numa vivência em coletivo e se apresentam como experiências significativas, se torna um sujeito da experiência ao adquirir o conhecimento no seu tempo necessário.

De acordo com Bondía (2002, p. 27):

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002, p. 27)

Bondía (2002) traz um conceito de saber da experiência associado a necessidade de se aprender algo para se criar um modo novo de fazer, onde os acontecimentos do seu cotidiano tornam-se automatizados e o encontro com o inesperado, com o diferente, com o que habita à margem ocasiona impulsos que constitui o emaranhado formador da aprendizagem significativa. Os aprendizados da música, gerados na ADVIM, adicionam sentidos aos seus associados e a oficina de violão potencializam seus dotes artísticos.

Durante o primeiro mês, outubro de 2019, os encontros com os participantes, durante as atividades, motivavam todos nós, o mundo da música acaba de ser acessado por pessoas que se consideravam incapazes de manipular os sons e atribuir significado para essa atividade artística. Conhecemos a sequência harmônica da nossa primeira canção, escolhemos a obra “Luar do Sertão”¹² por ser uma canção de grande representatividade frente à música popular brasileira e pela sua execução acessível aos que estão iniciando sua trajetória musical, já que sua beleza se encontra na simplicidade da construção harmônica, na condução da melodia e na representatividade poética da obra.

Nessa edição um dos participantes não toca violão, ele já tinha participado de um curso de teclado e conseguia tocar algumas coisas, com pouco conhecimento com esse instrumento me coloquei a disposição para contribuir, hoje participa da oficina de violão, realiza as atividades da oficina com seu instrumento e é responsável pela parte da melodia no grupo Tocando em Frente, sendo, e se sentindo, parte importante na construção dos valores.

No segundo mês demos continuidade, e iniciamos o processo da outra etapa da oficina, nosso objetivo se distancia do sistema somatório, contudo, nossos treinos se mostravam sólidos ao ponto de darmos outro passo, e assim fizemos, iniciamos outra música. Além de apresentar outra música, foi ofertada uma nova possibilidade de utilizar o violão, nesse momento da oficina os participantes foram estimulados a realizar a melodia da música “Ai, que saudade d’ocê”¹³ de forma instrumental.

Uma grande diferença entre o violão instrumental e o violão de acompanhamento é o malabarismo constante da mão esquerda do violonista

¹² Música Brasileira de grande popularidade composta pelos compositores Catulo da Paixão Cearense e João Teixeira Guimarães

¹³ Clássico da Música Brasileira composta por Vital Farias.

instrumental enquanto os violonistas acompanhadores se mantem, na grande maioria das vezes, em determinado local por muito mais tempo. Os primeiros contatos com o instrumento se limitou ao uso dos conhecimentos básicos do instrumento, mas as diversas dificuldades apresentadas, onde no mesmo território cada um se apresenta com suas particularidades, foi iniciada a construção dos modos de cada participante.

Na busca de *Descrever os fazeres da Musica na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró - ADVM* é necessário mergulhar na luta das pessoas com deficiência visual, onde os entraves produzidos e reproduzidos por grande parte da população vêm enfraquecer o elo da inclusão, prejudicando a sua formação. Os fazeres da música para pessoa com deficiência visual traz fortalecimento para autônoma e, nos âmbitos que constituem a construção dos sujeitos, são desenvolvidas na ADVM com os associados, etapas de fundamental importância no processo de inclusão, são temperados com doses de compromisso e guiados pela Lei Brasileira de Inclusão - LBI no:

Artº3. IX - reivindicar, junto aos poderes constituídos, a implantação de políticas públicas que visem possibilitar a inclusão das pessoas com deficiência na educação, na saúde, na assistência social, no transporte, no lazer, na cultura, na profissionalização, na reabilitação e na habilitação (Lei Brasileira de Inclusão - LBI, 2015).

O artigo mencionado prescreve o direito da pessoa com deficiência, onde garante o benefício da pessoa com deficiência em qualquer nível e especificidade, serem sujeitos participantes de todo sistema público, pois os veículos constituintes desse universo vêm garantir a cidadania da pessoa com deficiência e se tornar um veículo responsável pela sua transformação e libertação.

A ADVM possibilita com a oferta de música para seus associados, a habilitação e reabilitação no Capítulo II da Lei Brasileira de Inclusão - LBI, nº 13.146/15, onde apresenta em seu Art.14, Parágrafo Único que:

O processo de Habilitação e Reabilitação tem por objetivo o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas (Lei Brasileira de Inclusão - LBI, 2015).

A Música se apresenta como uma arte capaz de contribuir em diversos universos apresentados no paragrafo da LBI e oportuniza aqueles que

participaram/participam da oficina a interação social entre os participantes e oferece lazer e cultura de forma gratuita. Assim, os diversos modos de fazer música acarretam valores aos participantes, atribui significado individual, e ao se constitui em formação participativa, seus modos de fazer, as estratégias adquiridas para sua localização no violão, se coloca como opção para os demais.

A oficina de violão traz os envolvidos como atores principais, já que se trata da sua própria vida, a escolha dos sujeitos da pesquisa se deu em harmonia ao pensamento de Alberti (2005), onde não se inicia uma pesquisa de história oral pelo fato de estar disposto a falar sobre sua vida, contudo, coloca a escolha dos entrevistados nas necessidades apresentadas para se responder o objetivo que move a pesquisa, segundo Alberti (2005, p.31):

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos (ALBERTI, 2005, p.31/32).

Alberti (2005) aponta para uma escolha dos sujeitos da pesquisa a partir dos valores adquiridos durante determinada experiência, um sujeito com significados e representação perante o grupo. Os aprendizados da música serão narrados pelos sujeitos da pesquisa e suas narrativas serão interpretadas com objetivo de *Compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar*.

A tarefa de escolher os nossos narradores, mesmo coberta de todo procedimento legal e aceitável para a pesquisa, não foi fácil, pois, todas as histórias de vida, modificadas através do contato com o mundo das artes, são de grande representatividade, carregada de superações e diversos modos de fazer, as histórias de vida dos participantes se encontram no início, no durante ou no final do objetivo do coletivo.

Nessa ótica, a pesquisa será construída nas narrativas de dois sujeitos, Isabel Cristina de Sousa e Wilde Brasil de Oliveira, onde a nossa primeira narradora participou da oficina de violão realizada entre os anos de 2016 e 2017 e integra a turma da oficina em andamento, Isabel Cristina nasceu em Mossoró/RN no dia 10 de novembro de 1963,

mãe de quatro filhos, uma mulher e três homens, é uma avó discadíssima aos seus seis netos, três meninos e três meninas.

Izabel Cristina aponta o afastamento da escola no ano de 1979, período em que iniciava a 8ª série na Escola Ginásio Municipal em Mossoró/RN, o enfrentamento das barreiras atitudinais, a rotina médica, a separação matrimonial e o afastamento social como consequência da deficiência visual, contudo, reconhece a contribuição da ADVm, com seu ingresso no quadro de associados em 2009, como um pilar de sustentação para a pessoa com deficiência visual em Mossoró/RN. Segundo a narradora Izabel Cristina “às vezes eu digo que existe uma Izabel antes e depois da ADVm”.

E traz o encontro com a música na ADVm durante a festa de São João da associação em 2016, quando fui até a sede da associação trata sobre detalhes da oficina com Jose Luiz, presidente da ADVm (2014-2017), e convidado a fazer uma apresentação musical, Izabel está presente na festa e é atraída pelo som do violão, dedicando toda atenção a música. Izabel Cristina inicia sua história com a música nesse dia e constrói sua narrativa a partir do contato feito por José Luiz no dia seguinte convidando para participar das aulas.

Isso me fez um bem enorme né, eu gostava muito de, de ir pra suas aulas, certo, é [...] Teve um momento (uma pequena pausa) que eu não estava bem de saúde e [...] Eu contava, mesmo assim eu contava os dias né, pra [...] Uma vez por semana a gente tem aquele momento pra aprender a tocar violão e [...] No momento quando Zé Luiz falou pra mim eu disse pra ele, se eu fizer pelo menos um acorde daquele, pra mim já tá de bom tamanho. (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020)

A música entra na vida de Izabel Cristina em um período delicado, apresenta na sua narrativa um misto de emoções, onde se inicia por memórias de sofrimento e angústias vividas naquele determinado momento, chegando a causar pequenos momentos de silêncio, talvez buscando encontrar na escuridão da escrita, palavras que representem esse momento de luz, até chegar ao benefício dos aprendizados da música e conclui apresentando o desejo de participar e de realizar algo com significado para sua vida, uma aprendizagem/experiência significativa.

O segundo sujeito da pesquisa não foi integrante da primeira, e, assim como a grande maioria dos participantes, não tinha nenhum conhecimento prático musical anterior a oficina. Wilde Brasil de Oliveira nasceu em Mossoró/RN no dia 15 de

fevereiro de 1970, pai de três filhos, um homem e duas mulheres e se mostra um avô carinhoso, pois apresenta seu casal de netos com uma doçura na voz.

Wilde Brasil é associado da ADVM desde junho de 2019, conheceu a instituição através do CADV, instituição que foi em busca para criar mobilidade, mas quando descobriu as atividades ofertadas pelo centro, começou a ter contato com pessoas com deficiência visual criando autonomia e acima de tudo, pessoas que atribuirão, e ainda atribuem significado para suas vidas. A motivação em continuar se ascendeu, concluiu seus estudos e alimenta o desejo de cursar psicologia e deposita esse ambiente como lugar de reiniciar.

Wilde Brasil é uma pessoa sensível, apegada a vida religiosa, além da deficiência visual também utiliza cadeira de rodas, o encontro com a deficiência visual veio depois e aponta o suporte da ADVM como fundamental no seu processo de interação, uma nova constituição da rede de socialização, onde se apresenta constituída de valores adquiridos no convívio da instituição.

Neste sentido Goffman (2017, p. 97) corrobora que:

Embora essas filosofias de vida propostas, essas receitas de ser, sejam apresentadas como resultantes do ponto de vista pessoal do indivíduo estigmatizado, a análise mostra que algo mais as informa. Esse algo mais são os grupos, no sentido amplo de pessoas situadas numa posição semelhante, e isso é a única coisa que se pode esperar, já que o que um indivíduo é, ou poderia ser, deriva do lugar que ocupam os seus iguais na estrutura social (GOFFMAN, 2017, p. 97).

Goffman (2017) traz reflexões a partir da ideia de características, onde ao mesmo tempo se constitui e representa o grupo, desenvolvidas dentro do coletivo, junto com seus semelhantes. O ingresso de Wilde Brasil na ADVM em junho de 2019 ocasiona a possibilidade de recomeçar, e após possuir vários violões, é na oficina de violão coletivo que seu sonho de tocar entra em ação, ele traça objetivo e se dedica em busca de aperfeiçoamento e encontro com seu modo de fazer e narra que: “Tô mais alegre e mais feliz, eu imagino só, sabe o que? se por acaso eu não tivesse entrado no CADV agora, se eu não tivesse entrado em aula de violão o que eu ia tá fazendo com essa pandemia”.

O sujeito da pesquisa vivencia o estudo de violão como um refúgio para o momento delicado no mundo atual, no mesmo período em que se desenvolve este trabalho, onde seus aprendizados suprem a ausência no distanciamento, mesmo por pouco tempo, contudo, se apoia no seu modo de fazer música. A importância da

instituição permanece sempre na superfície, os associados depositam valorização, confiança e reconhecimento às instituições, ADVm e CAdv.

A experiência formativa dos dois sujeitos da pesquisa, como caminhos percorridos, busca compreender os aprendizados da música e como os próprios sujeitos se enxergam nesse processo de formação transpassam por um caminho de produção de conhecimentos diversos, onde além de produzir e alimentar a arte dentro de si, a (Auto) formação é capaz de provocar um sabor agradável da aceitação e encontrar com o eu em erupção com o outro.

2.3 Eu quero ser sua canção, suas mãos, e seus olhos no narrar/esperançar

As histórias de vida dos sujeitos da pesquisa, apresentadas através das entrevistas narrativas, nós leva além dos primeiros contatos com a música na oficina de violão da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró/RN – ADVm, elas geram oportunidade de conhecer as etapas de construção de si, constituído sob muito cuidado, atenção e ética, trataremos da interpretação da subjetividade do sujeito frente aos aprendizados da música.

Neste sentido Alberti (2005, p.79) afiança que:

É na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral; é pra lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo. Por seu papel central, esta etapa deve ser objeto de todo cuidado e dedicação da parte dos pesquisadores (ALBERTI, 2005, p.79).

O autor continua a nós guiar com seus escritos na interpretação de seus conceitos de valorização em todo o processo que envolve e se desenvolve a história oral durante a pesquisa, a consolidação das formas de atuar não se desconcilia do sujeito ser humano. Os sujeitos da referida pesquisa, ao apresentarem seus refúgios, trarão à tona métodos, formas, estratégias, jeitos e maneiras que representa seus modos de fazer música.

Arrebatados por uma tomada de consciência de si, ao assumir a participação do outro no seu aprendizado musical, os sujeitos em seus esforços e estratégias de superação, se colocam abertos ao aprender com o outro, e assim, adicionam significados na aprendizagem da música. O aprendizado democrático da música se fez em coletivo e acrescenta tempero no estudo do violão.

A oficina desenvolvida no período de 2016 a 2017 deixou marcas em todos nós, além da realização dos objetivos musicais traçados no princípio da atividade, adotamos novos modos de fazer música, cada participante contribuía com seu modo de fazer para o resultado sonoro do todo, onde alguns tocavam os acordes enquanto outros executavam variações rítmicas diferentes. Em coletivo, adicionou na sua formação a produção do conhecimento e habilidades musicais que se constitui de compromissos de todos os participantes, onde ao assumir participação na atividade coletiva, as linhas que criam a rede dos ensinamentos se unem a vida do sujeito ao mesmo tempo em que expande sua rede de socialização, assim, se apropria da sua representação no convívio social.

Bondía (2002) apresenta que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p.24)

O efeito da experiência apresentado por Bondía (2002) se distancia de um mundo de informações, o autor conduz um caminho dinâmico de envolvimento com o apresentado, onde seu envolvimento, sem pressa, gera uma afinidade harmoniosa do sujeito com o acontecimento, com a informação.

A nossa discussão se desenvolve em torno das experiências dos sujeitos e dos seus aprendizados. O autor aponta para um contexto vivido em plena aceleração, onde a busca incansável pelo novo, pela informação confundida de conhecimento, o afasta da condição de ter experiências significativas.

Nossas experiências se fizeram na delicadeza, no desenvolvimento dos nossos outros sentidos e na valorização dos momentos em coletivo vivenciados pelos sujeitos da pesquisa. As dificuldades são presentes na vida da pessoa com deficiência visual, mas para Izabel Cristina de Sousa viveu o ano de 2016 de grandes turbulências devido uma doença que lhe consumia, com síndrome do pânico, sua socialização, situação vivida em xeque pela pessoa com deficiência, se estreitava, se sentia consumida por

essa situação e traz sua iniciação ao instrumento como possibilidade de saída dessa condição.

Mesmo com essa dificuldade, mas, as aulas de violão me ajudaram bastante, então assim, eu entrava meio, digamos assim, meio angustiada, sem querer participar, por achar que não estava contribuindo e sim que talvez eu pudesse até atrapalhar, mas ao final de cada aula eu me sentia melhor e isso foi me dando força também pra continuar. (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020)

Mesmo frente a sua situação, a narradora apresenta uma dicotomia, onde se sentia deslocada da cena em acontecimentos, mas tinha a sensação, ao final do encontro da oficina de violão da ADVIM, de ser alimentada de ânimo. O simples fato de se encontrar com outro sujeito e mesmo que seja em cumprimentar uma pessoa na rua, conhecida ou não, com um simples bom dia, com um olhar, um aceno ou um ato rude lhe proporciona socialização. Mesmo afastada do desejo de mover sua vida e entregue a um movimento desgovernado, parafraseando a narradora, Izabel Cristina encontra “forças também pra continuar”.

O CADV atua nas modalidades de ensino da pessoa com deficiência visual que buscam criar significados necessários para uma melhor qualidade de vida desses sujeitos, aonde através da Orientação e Mobilidade, como elemento constituinte da autonomia do sujeito, vem ofertar técnicas para o sujeito se locomover de forma independente, essas técnicas são fortalecidas nos aprendizados na Atividade da Vida Autônoma – AVA onde resulta na convivência social da pessoa com deficiência visual, o suporte às famílias e a orientação precoce como apoio pedagógico para o desenvolvimento educacional do sujeito na utilização do Sistema Braille, Técnicas do uso do Soroban, do Ledor e da Escrita Cursiva.

No uso da mesma atividade inclusiva, a ADVIM é fundada para trata dos direitos de toda pessoa com deficiência visual, oferece o suporte jurídico aos associados nos casos referentes a tal deficiência, onde reivindica os direitos assegurados por leis à pessoa com deficiência, em todas as esferas, assim, a oferta da oficina de violão coletivo da ADVIM, vem contribuir no direito à formação cultural da pessoa com deficiência visual e oportunizar o envolvimento no âmbito cultural em Mossoró/RN.

Nesta corrente corrobora Sassaki (1999, p. 105):

Neste sentido, veremos, com frequência cada vez maior, duas tendências mundiais: Pessoas deficientes possuidoras de grandes talentos artísticos e literários atuando juntamente com profissionais sem deficiência e não mais em grupos formados exclusivamente por pessoas deficientes, como ainda acontece hoje em dia; Portadores de deficiência se envolvendo com artes e cultura, não para se destacarem e receberem prêmios algum dia, mas simplesmente para se desenvolverem com maior plenitude enquanto pessoas ou então para o seu lazer. (SASSAKI, 1999, p. 105)

A reflexão sobre um mundo onde pessoas com e sem deficiência possam conviver sem nenhuma forma de discriminação é apresentada por Sasaki (1999) tanto no universo profissional como na realização pessoal, essa naturalização se relaciona com as conquistas dos sujeitos da pesquisa, onde tais vitórias artísticas se tornam um instrumento de renovação e motivação para o entendimento do sujeito como ser de potencialidade.

A LBI, como todas as leis que tratam de garantir os direitos das pessoas com deficiência vem fortalecer o pensamento do autor, onde traz a pessoa com deficiência como ator principal da sua vida e dono do seu direito de significar sua escolha como assim desejar.

As experiências vivenciadas pelos narradores da pesquisa durante a oficina de violão nos trouxeram significados para o trabalho desenvolvido, a metodologia do ensino coletivo, estratégia que possibilita ensinar e aprender música em um contexto social que oportuniza conhecer e fortalecer as nossas estratégias e os nossos modos de fazer em harmonia com o outro. A oficina de violão ofertada pela ADVIM foi, primeiramente, pensada apenas para seus associados, contudo, num segundo momento, não existia motivos que impedissem a participação de pessoa da comunidade externa, deficientes visuais ou não. Durante a primeira oficina tivemos a participação de uma pessoa vidente e na segunda temos três participantes.

A presença das pessoas sem deficiência visual é entendida pelos sujeitos da pesquisa como estímulo a participar das atividades, também aponta a participação de membros com conhecimentos musicais, onde mesmo com habilidades no violão continuam os aprendizados da música em coletivo na oficina, como incentivador. A participação do professor Edson de França, pedagogo que atua com aulas de informática e da professora de História Vera Lúcia, professores do CADV, fortalece o sentimento de pertença, de credibilidade com suas potencialidades. Os videntes da oficina possuem

mais facilidade de estudar numa escola de ensino regular de música, contudo, foi criado um compromisso natural com a turma e com o seu desenvolvimento ainda em ascensão.

As dificuldades de coordenação dos dedos, de localização no braço do instrumento e na linguagem musical, enfrentadas pelos dois professores não se distanciam das nossas, muitas vezes são iguais às de todos da turma, e, como todos nós, busca nos modos dos outros as estratégias para compor sua forma de fazer, porém, as pessoas com deficiência encontram associadas a esses pontos as barreiras, a falta de material adequado para o ensino de música, o baixo número de profissional, disposto e dedicado, na musicalização das pessoas com deficiência.

A construção do caminho musical apresentado pelos sujeitos da pesquisa trará luminosidade durante os nevoeiros construídos durante os desentendimentos dessa empreitada, pois, os momentos de narrativa ele, o narrador, se encontrará frente aos momentos, lugares, atores e experiências que ocasionou essa marca. Dessa forma, as suas narrativas de formação, sua biografia é transformada em (Auto) formação.

Nesta perspectiva ressalta Josso (2007, p. 419) que:

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (JOSSO, 2007, p. 419).

A referida autora nos faz perceber o sentido de localização, onde o sujeito a partir do ato de reviver determinado momento busca percorrer todos os seus passos, oferecendo uma tomada de consciência arrebatadora. Os sujeitos da pesquisa ao conhecer/reconhecer os fatos que lhe causaram marcas apresentam suas estratégias, seus conflitos, suas resoluções, sua construção/desconstrução e o encontro com seu próprio modo de fazer, uma aprendizagem significativa.

O efeito da música na vida da pessoa com deficiência visual é colocado no bojo do nosso trabalho para elucidar as possibilidades e desafios presentes no aprendizado dos sons, onde a diversidade presente na oficina não afasta a possibilidade de aprender e acessar suas potencialidades.

Outra coisa boa que aconteceu comigo, violão! Eu possuí uns oito a dez violões, todos eles eu dei, não dava certo pra mim e eu tinha minha visão boa, nunca aprendi! [...] só comecei a aprender quando entrei na ADVIM. (Narrativa de Wilde Brasil, Mossoró/RN, 2020)

A ADVm proporciona um reencontro dos sujeitos da pesquisa com sonhos anteriores à deficiência visual, narrado por Wilde Brasil como algo possível de ser realizado após o contato com a associação. Para Izabel Cristina aprender a tocar violão é anterior a deficiência visual, revela um desejo de aprender esse instrumento ao mesmo tempo em que apresenta o distanciamento desse sonho na sua narrativa “depois da deficiência, eu imaginava que, tipo assim: se eu não aprendi antes, agora que vai ser mais difícil ainda ou impossível” e acrescenta:

O violão na ADVm [...] eu acho que agrada a uma grande maioria, tem aqueles que gostam de tocar, tem interesse de aprender, e tem aqueles que gostam [...], falando em associação, trazendo para todos, eu acho que tem esses dois lados, de aprender a tocar e de ouvir. (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020)

Os dois sujeitos, Wilde Brasil e Izabel Cristina, narram esse reencontro como algo possível de ser realizado pelo envolvimento da instituição, onde no mesmo instante em que apresentam os elos formativos aos associados, fomentam a vivência no mundo das artes e apresentam as faces dos integrantes da oficina, como um canal de conexão.

O apoio dos participantes se estende por toda sede da associação, os professores que não participam das atividades de música estão presente em alguns momentos, acompanham uma aprendizagem atribuída de curiosidade, onde, a busca de conhecer e se conhecer associado ao incentivado produzido pelo coletivo, aponta estratégias geradoras de estímulos, para aqueles com o desejo adormecido de tocar violão, dar o primeiro passo e participar da oficina, esse foi o caso dos professores Vera Lúcia e Edson de França.

Os demais atores que constituem a ADVm e o CADV que se entrelaçam e se confundem, quando presentes na oficina são estimulados a se envolver no desdobramento das atividades musicais, as informações são apresentadas durante todo início de atividade, seja ela nova, continuação ou revisão do encontro anterior, assim, qualquer pessoa poderá ter as noções para se localizar, mesmo não tendo agilidade para conseguir executar.

A movimentação da atividade de violão é causa de alegria entre toda equipe das instituições, existe um envolvimento muito contagiante e os resultados presenciados por todos se apresenta como importante para os participantes da oficina. O acompanhamento dos representantes do CADV e ADVm, diretores, professores e associados durante a atividade musical se revela significativa para, em diálogo,

contribuir na forma de condução da atividade, assim como os participantes da oficina com conhecimentos musicais anteriores ao apresentar suas experiências de formação, apresenta outro modo de fazer.

Neste mister Josso (2007, p. 415) reitera que:

[...] a perspectiva existencial através da qual a vida em suas dimensões psicossomáticas e socioculturais toma forma, se deforma, se transforma, e, dessa maneira, impõe a criação ou recriação de sentido para si – mais ou menos possível de partilhar com outros – e de novas formas de existência e de subsistência. (JOSSO, 2007, p. 415).

A interpretação dos escritos de Josso (2007) traz reforço para um aprendizado coletivo, apontando para vida social constituída da pluralidade dos sujeitos, onde se representam, ou lutam por representação, dentro da diversidade em vivência de um conhecimento multifacetado, possível aprendizagem com os saberes do outro.

O tato e a audição são habilidades sensoriais desenvolvidas nas atividades da oficina de violão, são experiências produzidas em coletivo, contudo, se constitui no individual, onde após a experimentação e automatização dessa experiência o participante, ao apresentá-la para o grupo, proporciona o desenvolvimento das habilidades físicas dos outros participantes, mesmo sem adicionar ao seu repertório de possibilidades.

As mãos do aprendizado se multiplicam na construção dos saberes das atividades do grupo pesquisado, onde nos modos adquiridos se confirmam como modelo de método, onde ao ser reproduzido como tal se alcançará o objetivo estabelecido anteriormente, e física. Trataremos a música como um veículo de crescimento coletivo, onde as narrativas apresentarão os modos dos narradores no contato com a música, a compreensão musical e a troca de informações com o outro durante a oficina de violão como um processo natural e agradável no aprendizado da música.

Quando passava aquele momento, então eu já ficava contando os dias para assistir as aulas. Mesmo diante de um quadro depressivo, eu me encontrava bem pra baixo mesmo, eu não, não, não desisti! Teve momentos em que eu quis desistir sim, mas você me incentivou a ficar, porque eu achava que não estava conseguindo acompanhar as aulas, não [...] Era como se [...] Eu estava ali, mas era como se eu não estivesse! Você me incentivou a ficar e os colegas também, então eu continuei e foi muito bom participar naquele primeiro momento e muito bom também quando a gente foi convidado a ter novamente esses encontros. (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020)

A narradora ao se colocar no espaço e tempo daqueles acontecimentos traz os benefícios da música para sua vida, como uma espécie de vitamina motivacional, onde mesmo passando por problemas com depressão se fortalece no apoio encontrado nos parceiros da oficina e no regente da oficina para continuar com as atividades musicais até a conclusão da primeira oficina em 2017 e destaca a felicidade em participar desse segundo momento.

Mesmo tratando de uma doença que a afetava naquele período, Izabel Cristina continuou as aulas de violão, e revivendo o momento das apresentações com o grupo de violão “Tocando em Frente”, formado pelos participantes da oficina, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN compartilha sua reação ao ouvir uma gravação feita por outro integrante do grupo. Izabel Cristina narra que: “aquele momento foi maravilhoso, depois quando eu cheguei em casa, ouvi a gravação que Gersia Mikaele mandou pra gente eu... Nem acreditava que tinha participado daquele momento”.

O entendimento dos saberes musicais adquiridos durante os desdobramentos da oficina de violão na ADVIM ocasionou esperança dos sujeitos da pesquisa. O sentido que a música e o surgimento do grupo de violões Tocando em Frente, grupo representante da ADVIM nos momentos culturais trouxe para cada sujeito da pesquisa possibilidade de representação de si numa vivência social formadora.

Assegura Josso (2010, p. 49) que:

Se aceitarmos por convenção verbal, que os saberes resultam da experiência de outrem e que os saberes socialmente valorizados são elaborados segundo modalidades socioculturais concretas (por exemplo os centros de pesquisa), e se aceitarmos ainda por convenção, que os nossos conhecimentos são frutos da nossa própria experiência, então, as dialéticas entre saber e conhecimento, entre interioridade e exterioridade, entre individual e coletivo estão sempre presentes na elaboração de uma vivência em experiência formadora. (JOSSO, 2010, p.49)

No entendimento de Josso (2010) sobre as experiências individuais construídas em coletivo, encontraremos semelhança no desenvolvimento das atividades da ADVIM, a associação, através do seu trabalho incansável, oferece aos sujeitos a oportunidade de vivenciar novas experiências de antigos desejos, agarrada pelos participantes. Nossas ações se desenvolvem tanto nas experiências individuais como na interação e vivência do/com o outro.

O desenvolvimento dos saberes musicais, do sentido de localização no braço do violão, da coreografia dos dedos e da percepção musical foram habilidades sensoriais e motoras aprofundadas pelos sujeitos da pesquisa, e suas experiências musicais, individuais e coletivas, nos apresentará um mapa dos saberes. Os caminhos percorridos pela pessoa com deficiência visual ocasionará esclarecimento para futuros estudantes de música e educadores musicais, apresentam, por meio das narrativas dos sujeitos da pesquisa, reflexões em torno da importância do apoio das instituições, parcerias e leis para oportunizar direitos e formação em nível de igualdade.

Constituídos no misto de singularidade e pluralidade, os participantes das atividades musicais da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVVM se encontram inspirados no desenvolvimento musical dos seus iguais, onde, consciente ou inconscientemente, é inspirado e se torna inspiração para os demais, um encontro em si no encontro com o outro, uma canção de si composta em coletivo, rica em singularidade e diversidade.

Os modos de fazer dos sujeitos da pesquisa se formam junto ao fazer do outro, no desdobramento dos acontecimentos do coletivo, apresentado tanto nos modos de fazer como no convívio dos participantes dentro e fora da sala de música, uma formação participativa, onde os conhecimentos constituem significados para vida dos sujeitos, sem regras e sem modelos cristalizados e vazios, se apresentam embutidos na diversidade de cada sujeito refletido no seu próprio modo singular/plural de tocar.

Ao refletir sobre a melhor forma de encaixar o violão ao corpo de maneira natural, o modo como cada pessoa faz quando executa essa ação, inicia a pluralidade musical existente no singular. Tal reflexão não afronta os valores dos métodos e seus resultados eficientes na reprodução de determinadas abordagens, muito menos as escolas de música, com ensino e aprendizagem pautada nos fortalecimentos da prática, técnicas e teorias.

Guiados pela reflexão, os sujeitos da pesquisa ao se apresentarem como sujeitos da experiência, Bondía (2002), livres de definições, adicionam valores com significados na sua formação e fortalecem o desejo de continuar na chama do enfrentamento, na execução de uma nova música, no novo dedilhado e nas mãos do outro como instrumento informativo revela estratégias, transforma e potencializa um caminho encontrado e abandonado por fugirem dos padrões estabelecidos, esse é o encontro da singularidade no plural, o seu próprio modo de fazer pelo fazer das mãos do outro.

Os sujeitos desta pesquisa, constituído na diversidade, se formam singulares e compõem as estratégias de localização dos dedos e agilidade das mãos no instrumento em parceria com o outro, dificuldades presentes no início do aprendizado musical, saltam para um mergulho de descobertas e ao emergirem das águas desse desconhecido, após reflexão e encontro de si, conseguem se representar por meio dos seus modos sentir, ouvir e tocar, onde se superam como sujeito com ajuda do seu aprendizado musical e se descobrem como sujeitos em potencial que adicionam esperança na diversidade singular do outro.

2.4 Com os olhos da música construí minha forma de ver o mundo

A constituição das experiências musicais formativas na vida dos sujeitos desta pesquisa é recheada de empatia e entendimento de si a partir do outro, uma construção musical pautada nos conhecimentos advindos do coletivo, na socialização dos sujeitos e no artifício de utilizar os modos de fazer do outro como caminhos de possibilidades, de estratégias com resultados satisfatórios, possíveis de serem utilizados de forma eficiente pelos demais.

Quando eu conheci o CADV, em 2009, outubro de 2009, foi que eu passei a vê que dava pra viver, voltar a viver, mesmo com a deficiência. Porque é lá que a gente encontra as pessoas com deficiência. (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020)

Instituições indissociáveis e responsáveis pelo retorno do sujeito com deficiência visual ao exercício da sua cidadania, a ADVm e o CADV representam para pessoa com deficiência visual, associadas ou não, o encontro com um universo que se apresenta como fios condutores conectados nas relações dos sujeitos, onde, ao se desenvolver, na participação das ações ofertadas pelas instituições, apontam conexões estabelecidas de valores sociais geradores de registros significativos na sua história de vida.

Na reflexão de Mantoan (2003, p. 12):

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos. (MANTOAN, 2003, p.12)

O encontro com e na diversidade apresentado por Mantoan (2003) possibilita pensar no aprendizado em coletivo e na pluralidade como ferramentas para se conhecer as experiências significativas e a partir dessa perspectiva encontrar, em si e no outro, as relações e redes de socialização com o mundo que o cerca, como elos existentes da natureza humana, onde se fundem na compreensão de formação individual, como a compreensão do coletivo.

Os fortalecimentos dos efeitos causados pela música na rede de sociabilidade dos narradores da pesquisa se desdobram na produção do conhecimento musical, que perpassa o ato de aprender, de acordo com o pensamento de Kleber (2011), no qual atribuem significados capazes de constituir valores potencializados e influenciadores na formação do próprio sujeito. A energia sentida durante as atividades de violão na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM transpassa cada sujeito e desenham em seu imaginário caminhos de condução, e com isso, constrói valores além do ato de tocar.

Os momentos de construção do conhecimento musical vêm apoiados pelas estratégias apresentadas pelos participantes da oficina, onde ao utilizar o modo como o outro consegue encontrar determinada posição no instrumento vêm atribuir significado para seu próprio modo de fazer, apoiado pelo conhecimento do seu fazer e do fazer do outro. No desenvolvimento de tais atividades, os sujeitos da pesquisa construíram laços de convivência com os seus pares possíveis de constituir uma nova percepção do sujeito e de si mesmo, onde oferece espaço para uma nova forma de sentir, ouvir e ver o mundo. Seus modos de fazer música se fundamentam na busca e resultados, mesmo em coletivo, nas dificuldades e vitórias particulares.

Os sentidos do sujeito da pesquisa são compreendidos e trazidos como responsáveis pela sua orientação, em todos os seus aspectos. A percepção auditiva fortalece os narradores para o reconhecimento dos sons reproduzidos pelo instrumento e guiados pela audição, encontram o lugar de repouso para seus dedos, e ao perceber outra nota, que não seja a desejada, se movimentará no braço do violão¹⁴ no intuito de encontrar seu objetivo.

Outro modo de se localizar no braço do instrumento é representado pelo tato, Wilde Brasil utilizou um recurso com linhas de crochê, retirou as cordas e deu várias

¹⁴ Braço do violão – parte do instrumento onde se encontra a escala.

voltas na 5ª e 7ª casa do violão¹⁵, depois colocou as cordas de volta. Ao fazer uso desse modo de ver, conseguiu identificar sua localização no braço do violão, esse artifício motivou os demais participantes a fazer uso dessa estratégia, contudo acrescenta que já substituiu as linhas por fitas colocadas atrás do braço do instrumento no mesmo lugar onde estavam as linhas e acrescenta que está deixando de utilizar para quando tocar em outro instrumento não sentir dificuldades de localização e relembra a importância de conhecer e criar intimidade com o violão falada pelo professor durante as atividades musicais.

A estratégia de localização utilizada pelo sujeito desta pesquisa, quando, ao esbarrar o dedo na linha saberá o lugar exato que está, foi adotada e modificada a necessidade de cada participante da oficina. Os sujeitos se reconhecem na experiência do outro, e, ao se envolverem nesse aprendizado em coletivo, constituído em apresentação dos conteúdos, diálogo entre os envolvidos e tentativas/realização. Ao experimentar os modos do outro, este, se torna ponto de partida para construção do seu próprio modo de fazer musical.

Os sujeitos deste estudo, também, depositam credibilidade no ensino coletivo desenvolvido na oficina, onde todos formam um círculo para facilitar a comunicação, afinamos os violões e iniciamos nossas atividades de prática musical com um estudo de acordes, os participantes montam o acorde pedido no violão e o instrutor faz as observações, quando necessárias, para o coletivo, na construção do fortalecimento do estudo.

As atividades se modificam e passam por estudos de ritmos, arpejos e melodias até iniciarmos os ensaios musicais, o aprendizado se dá através do conjunto das relações dos sujeitos e nos laços construídos com a ação, possíveis de harmonização durante os enfrentamentos no momento da aprendizagem, refletido em todo ambiente onde se desenvolve a atividade. Wilde Brasil aponta o interesse da turma em participar e narra com seriedade na voz: “se entrar um que não queira aprender, ele vai terminar atrapalhando ele, você e a turma. O que vai só pra brincar, não adianta!”.

O companheirismo da turma foi compreendido por todos os participantes da oficina, desde a primeira edição em 2016, como um dos apoios para erguer nosso

¹⁵ Casa de violão – é uma das partes essenciais para se tocar violão, espaço onde se repousa os dedos para construir os acordes.

conhecimento musical. A narrativa do sujeito deste estudo reflete a seriedade de todos os participantes no desenvolvimento da atividade, no respeito aos limites do outro, entendidos como importante para construção do conhecimento de si e dos seus próprios modos de fazer. Existe a valorização dos momentos lúdicos durante a oficina, mas, não existe espaço para aquele, deficiente ou não, carregado apenas desse sentimento, e reforçar ao final da sua narrativa *“O que vai só pra brincar, não adianta!”*.

O aprendizado participativo em coletivo é promovido pela geração dos conhecimentos e diversos modos apresentados e experimentados pelos envolvidos nesse mundo musical. Constitui a construção dos seus modos individuais de fazer a partir do seu envolvimento e desenvolvimento em conjunto, mediatizados pelo universo em que vive, encontra no fazer do outro elemento a ser utilizado no seu próprio modo de fazer, como algo natural para si.

A música se apresentou na vida dos sujeitos da pesquisa através da oficina de violão, onde sem nenhum conhecimento da prática musical atribuíram motivação e significados no aprendizado coletivo capaz de amenizar e curar cicatrizes promovendo uma nova forma de ver o mundo.

Fiquei muito tempo dentro de casa, sem [...] Sem ter contato com outras pessoas, sem querer conhecer mais ninguém, as pessoas que eu já conhecia, mas fazia tempo que eu não encontrava, eu não queria rever essas pessoas! Na verdade eu [...] tinha vergonha da minha situação, não encarava de frente. (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020)

A narrativa de Izabel Cristina traz uma personagem anterior ao contato com a música, distante do convívio social, onde, após seu encontro com a deficiência, se aprisionou em um mundo particular, se afastou do contato com o mundo, trancou a porta do acaso da vida e não deixou possibilidades de se abrir ao novo. A pessoa estigmatizada traz uma camada protetora refletidas no afastamento social, muitas vezes resultado da vergonha e dos questionamentos e da vergonha da sua própria situação.

A esse respeito garante Goffman (2017, p. 15) que:

Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma. (GOFFMAN, 2017. p.15)

O autor apresenta a socialização como ferramenta para desenvolvimento da aprendizagem, onde a pluralidade dos sujeitos em diálogo abordam estratégias e criam experiências significativas. Em frente essa situação Bondía (2002) apresenta essas experiências como marcas na construção da identidade do sujeito. A ação fortalecedora desse contato promove o enfrentamento das situações do cotidiano do sujeito da pesquisa, onde revigorados pela sabedoria, pelo conhecimento dos seus direitos, assegurados com leis e decretos que lutam por equidade se aceitar como realmente é.

O grupo de violões “Tocando em Frente” nasceu do desenvolvimento das atividades e da necessidade de expressarmos os sentimentos e aprendizados musicais durante a primeira oficina. Os diversos momentos vividos com o grupo de violão promoveram encontros, desses apresentados nos escritos de Goffman (2017), durante as apresentações na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, na Ordem dos Advogados do Brasil - Subseccional de Mossoró - RN, nos Eventos da ADVIM e CADV nos colocávamos em situação de exposição, contudo, os apontamentos não eram de estranhamento, pois, quando passamos a nós apresentar adotamos a postura artística dos músicos, tínhamos a atenção, e, desta vez, longe do olhar da discriminação.

Durante todos os eventos onde realizamos nossas apresentações fomos muito bem recebidos, tanto na UERN como na OAB, ambos em Mossoró/RN, na própria instituição e na Comunidade Passagem de Pedras, Zona Rural de Mossoró, nossas canções, mesmo com um repertório curto, foram ouvidas atenciosamente, uma plateia respeitosa durante toda construção do ambiente musical: o cenário; a organização das cadeiras; o figurino; a localização dos músicos no palco; e a passagem de som, tudo feito com objetivo de alcançar uma melhor produção sonora.

As apresentações construíram significados fortalecedores, a música, acabou por levar um grupo de pessoas estigmatizadas a lugares planejados para pessoas sem nenhum tipo de deficiências. O palco é um espaço respeitado e desejado pelas pessoas envolvidas no mundo das artes, um lugar democrático e acolhedor, porém, ainda existem barreiras, nós desconstruímos conceitos de limitação em muitos presentes nas nossas performances, apresentamos mais do que músicas, mostramos nossa própria forma de fazer música, onde oportunizou os sujeitos da pesquisa se encontrarem com o sentimento de empoderamento, Sassaki (1999).

As pessoas com deficiência, seja ela qual for, trazem consigo o direito de escolha, o livre arbítrio, e um poder pessoal apresentado por Sassaki (1999), contudo, o

cuidado e a superproteção da família, muitas vezes, carregam malefícios e pode excluir o sujeito, em plena consciência e outros sentidos perfeitos, de realizar seus desejos e objetivos e acaba por tomar, de forma errônea, as decisões que regem sua vida.

O fortalecimento dos sujeitos da pesquisa foi elevado com o aprendizado da música, a melodia dos nossos instrumentos nós conduziu hora em coletivo, representado nas atividades e apresentações com todos os participantes, hora individualmente, no encontro com nossos próprios desafios e superações. A música foi se apropriando do seu lugar de origem, e nós, na união dos elementos capazes de proporcionar um banho ocular nas pessoas “normais”, nos desenvolvendo paralelamente como sujeitos de independência e potencialidades.

Nesse sentido contamos com a opinião de Sasaki (1999, p. 38) ao afirmar que:

[...] o movimento de vida independente vem exigindo é que seja reconhecida a existência desse poder nas pessoas portadoras de deficiência e que seja respeitado o direito delas de usá-lo como e quando bem lhes aprouver. Neste caso, estamos empoderando essas pessoas, ou seja, facilitando o seu empowerment. Quando alguém sabe usar o seu poder pessoal, dizemos que ele é uma pessoa empoderada. (SASSAKI, 1999, p.38)

A música foi receptora do poder pessoal de cada participante da oficina de violão, foi através dos efeitos sonoros, na utilização do sentido de ecolocalização, sentido de utilizado por animais de se guiar em ambientes escuros, adicionamos temperos no nosso cardápio musical. Sasaki (1999) retrata um sujeito que arrebatava as rédeas da sua própria vida, e, como cocheiro condutor da sua caminhada, a música se apresenta como uma aliada e nova forma de enfrentar e enxergar o mundo.

A segunda oficina de violão da ADVIM foi iniciada em meados do segundo semestre de 2019 e adicionou novo ânimo as pessoas que tinham participado da oficina anterior no mesmo instante que proporcionou perspectivas aos iniciantes, é comum em grande parte das pessoas o desejo de aprender a tocar um instrumento musical, nasce dentro do sujeito, mas à medida que as dificuldades se apresentam, a aptidão e dedicação se mostraram importantes no romper das amarras e libertar seus dotes artísticos.

Antes eu não saía pra nenhum canto, era dentro de casa, eu tinha medo de tudo, isso não quer dizer que eu não tenha hoje, mas, fiquei mais segura, mais consciente da minha deficiência, tendo mais certeza da minha deficiência. (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020)

A narradora apresenta uma pessoa na sua tomada de consciência, aberta a saber quem realmente ela é, e ao se reconhecer uma pessoa modificada, segura, não aponta sua deficiência como justificativa para fugir dos olhos do mundo. Os seus conhecimentos e valores musicais se apresentam em comunhão com o outro, nas suas redes de socialização, nos aprendizados da música e na arte de viver a vida, fortalecendo os sujeitos da pesquisa nos seus momentos de consolidação como igual.

A pessoa com deficiência visual traz o medo guardado em algum lugar, conseguimos contornar a situação, resultado de muitos anos de prática, contudo, ainda sentimos medo e se abrir ao outro é delicado, palavras e gestos podem ser apagados com facilidades da mente de algumas pessoas, mas, nós, precisamos nos adaptar as situações e necessidades pensadas em pessoas com um padrão, uma espécie de molde de ser humano. O sujeito estigmatizado enfrenta uma luta possível de ser entendida, mas não sentida pelo sujeito “normal”.

A oficina de violão se mantém em atividade, onde mesmo vivenciando situações delicadas devido a pandemia que afeta o mundo, onde os lances no tabuleiro da política são responsáveis pelo desenvolvimento das regras que guiaram toda comunidade mundial no direcionamento e medidas de proteção e prevenção do covid-19, com o distanciamento social necessário as atividades são realizadas por meio de encontros virtuais, fazendo uso da plataforma *google meet*, os encontros tem duração de sessenta minutos.

Mesmo diante desse enfrentamento, a música trouxe para a vida dos sujeitos da pesquisa um encontro consigo mesmo, despertou um mundo novo, a percepção musical se desenvolveu junto aos sujeitos nos seus modos de fazer e na sua forma de ver o mundo, e as limitações de mobilidade geradoras de medos, sempre presente na vida da pessoa com deficiência, são amenizadas com o apoio especializado obtido no CADV e fortalecido com o advento da música nas suas vidas.

O medo não é da cegueira, da baixa visão, da bengala, do ladrão, ele, o medo, vem do sujeito que não sai da sua zona de conforto, finge aceitação e murmura contra a pessoa estigmatizada, dos questionamentos inconvenientes com objetivo de entrar em universos particulares, conhecer algo que não lhe diz respeito, (Goffman, 2017), acaba por gerar situações desconfortáveis para ambos os lados, onde mesmo em situação ambígua deixa danos na vida de uma só pessoa.

A música estabeleceu um diálogo iniciado por sons capaz de romper de forma significativa os padrões de questionamentos desconfortáveis, muitas vezes indelicados, sobre sua deficiência. Ela, a música, se mostra como fortalecimento para vida dos sujeitos da pesquisa, onde empoderados de si conseguem se tornar sujeitos participativos, ativos no processo construtivo do conhecimento e traz o sentido musical, construído na associação, como motivo de movimentação interna em cada sujeito, atribui um significado de uma vida cada vez mais sua e um nascer para o mundo da música.

Sentir música é uma vida que tá criando por dentro de mim assim, é uma coisa tão gostosa, tão boa [...] É igual como eu andava de bicicleta. [...] É uma felicidade que eu não sei nem lhe contar como é, é uma coisa de Deus mesmo. (Narrativa de Wilde Brasil, Mossoró/RN, 2020)

O narrador era ciclista, apresenta a paixão que tinha pelo ciclismo durante sua narrativa, viagens pelo interior do rio Grande do Norte/RN, onde seus momentos de dificuldades repousavam sobre os pedais da sua bicicleta, foi o repouso de seus conflitos, o momento de reflexão, onde encontrava descanso para seu espírito. Não foi culpa da deficiência visual sua retirada do ciclismo, o narrador possui múltipla deficiência, e foi a amputação de parte da sua perna direita o motivo desse afastamento.

Wilde Brasil ao narrar esse momento se faz reflexivo, muda um pouco o tom da sua voz, mas continua nossa seção de entrevista. O narrador aponta para um sentimento gerado em seu interior, capaz de mobilizar e encorajar seu desenvolvimento percebe o mundo através do seu instrumento, pelo som de violão encontra um mundo vivenciado com sua bicicleta, apresenta uma felicidade indescritível, entendida como uma nova forma de ver o mundo e de se relacionar com as demais pessoas, com deficiência ou não. Sua satisfação de tocar preenche a lacuna deixada pelo abandono do ciclismo.

As narrativas de Isabel Cristina e Wilde Brasil se apresentam como importantes para refletir sobre as experiências musicais formativas da pessoa com deficiência visual e contribuir para *Compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar*. O fortalecimento e o modo como a pessoa com deficiência visual pode, através do outro, enxergar e ser enxergado, partindo da ideia do conhecimento do fazer primitivo dos sujeitos, com seus saberes construídos no cotidiano, no gerar experiência e na intimidade com o ato de fazer, se encontra a morada a ressignificação.

Neste sentido evocamos Certeau (2014, p. 133) ao afirmar que:

Noutras palavras, há “historias” que fornecem as práticas cotidianas o escrínio de uma *narratividade*. Certamente, só descrevem alguns de seus fragmentos. São apenas metáfora delas. Mas, a despeito das rupturas entre configurações sucessivas do saber, representam uma nova variante na série contínua de documentos narrativos que, a partir dos contos populares, panólias de esquema de ação, até as *Descrições das artes* da era clássica expõem a maneira de fazer sobre a forma de *relatos*. (CERTEAU, 2014, p.133)

Certeau (2014) nos aponta a importância da narrativa, onde apresenta a construção dos momentos vividos pelos sujeitos em estado de interrupção, traz em seus relatos realidades diversas no mesmo contexto, essas histórias de vida são construídas de forma estruturada e, através delas, apresentam as características que trazem essas diversas maneiras de fazer dos sujeitos se apropriando da consciência e exposta em suas narrativas.

As histórias dos sujeitos desta pesquisa se entrelaçam em vários momentos, mesmo assim, no desvendar dos sons musicais, oportunizam um reencantamento com seu mundo interior, pondo a busca da realização desse desejo de aprender música, adormecido com o apagar das luzes trazido pela deficiência visual, como uma nova forma de ver o mundo. Trazem do convívio na oficina de violão da ADVIM momentos, vividos dentro e fora da sede da associação, de fortalecimento interior, de valorização dos seus modos de fazer e de reencontro com sua cidadania.

As vozes dos narradores da pesquisa nos revelam um encontro com o apoio tanto no acesso ao mundo educacional como no que diz respeito à questão de mobilidade e direitos da pessoa com deficiência visual no mesmo espaço físico, dividindo-se nas atividades, onde o mundo das descobertas musicais se apresenta na tarefa individual de decidir o nível de envolvimento com o coletivo durante as atividades musicais o torna capaz de contribuir na superação de dificuldades encontradas no seu cotidiano, na socialização e sentimentos gerados por cada um deles nos determinados momentos da experiência.

É no desenvolvimento das habilidades individuais que o sujeito consegue mobilidade necessária para conduzir e ser conduzido pelo seu instrumento/violão nos caminhos escuros da música e descobrir outro modo de ver. Wilde Brasil aponta para uma determinação e empenho para realização do seu próprio desejo de fazer quando narra que: “Aqui eu tenho certeza que eu vou aprender, vou aprender e vou mostrar a

todo mundo que vou tocar violão, primeiramente Jesus, segundo meu esforço e o esforço que você tá fazendo por mim e por todos!”.

Durante a narrativa desse trecho, Wilde Brasil batia com a mão no violão, expressava firmeza, demonstra uma determinação refletida no seu envolvimento e desenvolvimento nas atividades durante a oficina, traz uma determinação e reconhece o esforço necessário de todos os envolvidos na ação ao mesmo, demonstra gratidão pelo incentivo e motivação oportunizado dentro e fora da sala.

O educador nasce do desejo de atribuir significado a vida do outro e oportunizar a descoberta do sujeito na sua potencialidade. Foi na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró - ADVM, desde a primeira oficina, onde o acesso aos aprendizados da música foi posto em realidade e como algo possível pôde dar o direcionamento para tal aprendizado e sua utilização. A música se apresenta no mesmo instante para muitas pessoas, mas, os significados gerados pelas experiências significativas se constituem de sentido, sentimento, significados e marcas individuais, mesmo em coletivo.

Conforme Diniz (2012, p. 17):

O que somos educadores e educadoras e o trabalho pedagógico que realizamos vêm do desejo, das experiências, do lugar social, da luta de poder, dos significantes que instauram discursos, dos acasos que se consolidam em gestos, das rotinas, das ações e dos comportamentos que nos identificam como docentes. (DINIZ, 2012, p.17)

A referida autora apresenta um professor construído no calor do envolvimento com o outro, feito no convívio e na experiência dos lugares onde ele atua como educador, dentro e fora da sala de aula, onde na surpresa do cotidiano, encontra a verdadeira essência do educador. É nessa perspectiva que se desenvolve as atividades na ADVM, a convivência na sede da associação desperta para uma realidade debatida na perspectiva da qualidade de vida da pessoa com deficiência visual.

Nesse direcionamento os aprendizados da música vieram fortalecer o lado artístico dos envolvidos nas atividades musicais, os sons que saem da nossa sala emanam uma energia motivadora e o desenvolvimento dos sujeitos da pesquisa segue em vários direcionamentos. Izabel Cristina vem desenvolvendo suas habilidades musicais desde a primeira oficina e saboreia os sons que conduzem seu dedilhado nas cordas do violão, a melodia da música cria sentido/sentimentos e oferece uma nova forma de conduzir e se conduzir no mundo.

Despertamos cada um no seu determinado tempo, para as funções da música nas nossas vidas, as combinações dos sons, a harmonia dos nossos acordes, a condução melódica, e todos os elementos musicais nos fortalecem na luta contra a exclusão, criamos mais uma forma de ver e se representar no mundo, uma força gerada no coletivo, no encontro com seus pares, capaz de nos unir ao mundo como realmente somos e descobrir nossa liberdade, nossa oportunidade de voar, de nos transportar no tempo e espaço pelo som do violão.

Os dois sujeitos da pesquisa, Isabel Cristina e Wilde Brasil, deram as mãos e se encontraram no caminho da música na ADVIM e desde a primeira edição da oficina adicionam elementos musicais como temperos no caldeirão dos aprendizados da música. Com pitadas de dedicação, amor, esforço e luta, os dois narradores se constituem como realmente são e seu convívio social se alarga a cada nova participação, apresentação, música e nos ensaios semanais, essa formação resulta no entendimento do sujeito que se constrói, também, nos momentos de apropriação dos aprendizados da música na formação de si.

Os benefícios da música na vida dos dois sujeitos desta pesquisa vão além do ato de tocar violão, da realização do sonho em tocar um instrumento, sua (Auto) biografia apresenta o contato com a música como um rito de passagem, onde pelo intenso envolvimento nas tarefas musicais ora em coletivo, ora individual se constitui um processo de formação e no momento em que revisitamos esses ambientes formativos geramos um episódio de reflexão e (Auto) formação, segundo Bueno (2002, p.23) “Uma vez que ao voltar-se para seu passado e reconstituir seu percurso de vida o indivíduo exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo”.

Bueno (2002) apresenta valores heurísticos das histórias de vida e das relações entre o coletivo e individual, onde o sujeito ao revistar momentos elegidos pela sua memória, também apontam os valores, como justificativas, para retornar a esses determinados momentos inconscientemente. O sujeito reencontra episódios geradores de cicatrizes, presentes no consciente e inconsciente do sujeito durante todo seu processo de formação, em qualquer época da sua vida.

De acordo ao pensamento do diálogo entre o individual e coletivo, Josso (2007), entre o singular-plural, do viver em coletivo, como construtores do sentido de formação do sujeito individual, os atores sociais, sujeito que alteram e são alterados, atribuem

reflexão na narrativa da sua própria formação, onde proporciona o reconhecimento das mudanças/etapas da sua vida individual, através desse mergulho em si, como elementos fundamentais na sua vida coletiva, adiciona sabedoria no seu contexto social.

A pessoa com deficiência visual ao se encontrar com o fazer musical, com o aprendizado de um instrumento, se depara com forma de representação de si e uma das diversas chaves que pode o libertar do aprisionamento da exclusão. Os apontamentos claros de empoderamento, de (Auto) estima, de superação e de contribuição dos aprendizados da música na vida dos sujeitos da pesquisa são apresentados constantemente nas narrativas, quando se apresentam sem nenhum sentimento de inferioridade, se identificam com o ser que realmente é, onde ao se mostrar como realmente são, recebem o acolhimento como iguais. Sua deficiência chega depois do seu potencial.

Durante o momento na narrativa de Wilde Brasil sobre como se desenvolveram as atividades musicais na ADVIM, ele narra: “Você vai pra estudar, pra ouvir, pra que você mesmo tenha que se tocar que ali não é brincadeira, ali você vai pra estudar!”. O narrador traz nos aprendizados da música o conhecimento dos valores embutidos nas experiências formativas desenvolvida na oficina de violão para sua vida, onde a partir da percepção do próprio avanço vêm reconhecer o compromisso necessário para tal formação.

A música como modeladora na vida dos sujeitos da pesquisa atua em harmonia com as atividades desenvolvidas na sede da ADVIM e compartilha do mesmo significado da instituição para os sujeitos da pesquisa. Causadora do fortalecimento desses sujeitos, à música gera sons condutores capaz de guiar a pessoa por um caminho novo e proporcionar momentos ímpares, além de construir uma das nossas formas de ver o mundo.

Os integrantes da oficina, sujeitos desta pesquisa, sofreram uma transformação com os aprendizados musicais nas suas vidas, A música aciona um botão para o encontro com a confiança, ela, a música, vêm adicionar valores artísticos que se transformaram em força interior para a superação dos seus limites e realização de sonhos adormecidos. Os valores individuais se moldaram com o tempo e as estratégias utilizadas para se guiar nas cordas do violão foram experimentadas por todos. As barreiras encontradas durante a execução das músicas, mesmo sendo limitações

individuais, são desmontadas com ajuda do outro, com estratégias suas e do outro, no sentido do coletivo que se torna singular.

Neste sentido Josso (2007, p. 417) assegura que:

A concepção experiencial da formação de si em todas as suas facetas, dimensões, registros tem, certamente, articulações importantes com o conceito tradicional de identidade mas ela nos parece muito mais rica que ele porque completa as categorias tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas, integrando assim as dimensões de nosso ser no mundo, nossos registros de expressões, nossas competências genéricas transversais e nossas posições existenciais (JOSSO, 2007, p. 417).

Josso (2007) apresenta um sujeito construído em pares, onde se apresenta ao mundo no mesmo instante em que se constrói com o mundo. Os saberes musicais e a descoberta dos modos de fazer música dos narradores foram construídos em pares, com seus semelhantes e se encontram em harmonia com o pensamento da autora, pois, a entrevista narrativa se mostrou importante, possibilitou uma (Auto) reflexão por partes dos sujeitos e a descoberta/apresentação dos aprendizados e estratégias utilizadas pela pessoa com deficiência visual para se tocar violão, tornando possível para compreender como eles enxergam o mundo após o contato com a música.

Trazendo para o centro do nosso campo de discussão sobre o tema em desenvolvimento, em acordo com a reflexão sobre a formação do sujeito meio ao coletivo, no convívio social, Bueno (2002, p.19) aponta que “o indivíduo é sujeito ativo nesse processo de apropriação do mundo social, traduzido em práticas que manifestam a sua subjetividade”. Bueno (2002) vem corroborar com a formação do sujeito individual em coletivo, na apropriação do valor singular/plural, onde o mundo individual do sujeito, no “*eu sou assim*”, é uma construção coletiva de um sujeito individual em que a individualidade desse sujeito constrói o coletivo, o plural/singular do outro.

Foram por meio das memórias dos narradores deste estudo, mares das suas reminiscências, do retorno aos momentos significativos, apresentados espontaneamente na névoa criada pelo tempo e no reforço pela conexão dos episódios que constituíram o aprendizado. Conhecer os fazeres da música na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró - ADVM se fez necessário, onde as narrativas de dois participantes da oficina de violão apresentaram contribuições vindas dos aprendizados da música nas suas vidas, nos modos de sentir, de ouvir e de tocar que se envolvem e se separam durante uma

formação harmônica com os outros sujeitos, um processo de formativo em constante movimento, iniciado a cada novo contato, a cada novo integrante da oficina de violão.

A organização desse processo de aprendizagem partiu da utilização do método (Auto) biográfico e durante o passeio pelas narrativas (Auto) formativas dos sujeitos da referida pesquisa se encontra a diversidade da pessoa com deficiência visual e as estratégias de tocar violão, onde, compreendidas além da execução musical, ela, a ação participativa no ambiente musical, proporciona uma forma de enxergar o mundo através dos sons e de se representar na associação e reprodução desses elementos como uma identidade do próprio sujeito.

A importância das vivências musicais significativas apresentadas durante toda vida dos sujeitos da pesquisa mostra, no processo de construção da sua memória musical, os caminhos percorridos por ele e os elementos necessários para utilização de estratégias diferenciadas para se obter resultado positivo na trajetória musical, seja qual for o segmento em que deseja seguir.

Os sujeitos foram estimulados a utilização dos aprendizados musicais durante seu entretenimento como forma de terapia ou como meio de profissão, assim, a pessoa com deficiência visual acaba por construir uma nova forma de enxergar o mundo, e constituído meio a sensibilidade da arte, das relações sociais em torno dos aprendizados da música se fortalece nesse processo de formação de si através dos olhos sonoros da música.

CAPITULO 3: TOCANDO EM FRENTE NA ESCUTA E MINHAS MÃOS COMO MAESTRINAS

Até pessoas que acham que a pessoa com deficiência não é capaz de participar, ficam se perguntando como é que a pessoa que não enxerga é capaz de fazer isso? Apesar de a gente saber que, não precisa ver, basta sentir. Basta sentir! (Izabel Cristina, 2020).

O tema da dissertação “*Deficiência visual e os aprendizados da música: modos de sentir, de ouvir e de tocar*”, é fortalecido com a epígrafe de Izabel Cristina, quando narra que os aprendizados da música não se limitam a execução do instrumento, mas aos modos como se cria um entendimento com o seu eu interior, onde gera reflexão e se afina com a importância de se compreender os modos de sentir, de ouvir e de tocar da pessoa com deficiência visual. Durante esse capítulo estenderemos nossa rede de pesca para conseguir encontrar o local de colheita dos sentidos capaz de situar a pessoa com cegueira e no caso da música, universo dos aprendizados gerados pelos sons, os modos de sentir da pessoa com deficiência visual, o ato de sentir, enfatizados pela narradora, se apresenta como percepção musical.

Durante os tópicos deste capítulo as vozes dos dois sujeitos desta pesquisa, apresentarão as experiências significativas e as vivências capazes de atribuírem significados de fortalecimento, não apenas nos aprendizados técnicos do instrumento, mas no benefício dessa ação nas suas vidas e no cotidiano de cada um deles.

As memórias musicais dos sujeitos da pesquisa abrem espaços durante este capítulo e vão além dos caminhos técnicos musicais, elas vêm, ao mesmo instante em que se apresentam “*Descrever os saberes e possibilidades que a música propõe às pessoas com deficiência visual*”, um dos objetivos específicos do nosso trabalho.

Durante este momento os saberes musicais serão apresentados, por meio das narrativas, a comunidade da educação musical e aos ativistas da inclusão como um movimento de fortalecimento na construção das ferramentas inclusivas da educação, exposto pelo próprio sujeito com deficiência visual, possibilitará termos um-ponto para refletir como a pessoa com deficiência visual ao iniciar seus estudos musicais, no aprendizado do violão, conduz seus dedos em movimentos malabarísticos e saltos de regiões do instrumento para se produzir música.

O fato de alguns instrumentistas não olharem para os dedos da sua mão durante grande parte da sua performance musical, se associa as memórias musicais construídas quando iniciaram seus estudos, esses movimentos durante muito tempo foram guiados

pela visão no processo de construção de tal música, dessa forma, não se aplica o mesmo modo de fazer no processo de construção sem esse sentido.

O processo de ensino/aprendizagem da pessoa com deficiência visual discorre nesse capítulo como águas nas correntezas das narrativas onde respingam os elementos encontrados, mesmo frente à diversidade humana, que possibilitem desenhar um modelo de atuação frente a essa comunidade.

Chegamos ao momento do estudo onde os conhecimentos do passado, em episódios apontados de forma espontânea pelos sujeitos desta pesquisa, mostram o desejo de aprender a tocar violão quando ainda enxergavam. O adormecimento desse desejo com o aparecimento da deficiência visual nas suas vidas pode ser despertado com a oficina de violão e contribuir no desenvolvimento dos modos de fazer e, assim, conhecer as experiências geradoras de (Auto) reflexão que contribuíram significados para a formação dos saberes musicais.

Durante esse capítulo será percebido como a oficina de violão da ADVM foi criando forma com os desdobramentos das atividades a cada encontro semanal, nossos ensinamentos se constituíram em coletivo, aonde o professor conduz o grupo num aprendizado simultâneo e uma formação colaborativa onde ao fazer uso da metodologia do ensino coletivo de instrumentos estabelece um caminho musical a ser trilhado pelos sujeitos da pesquisa.

Os fatos relevantes que aconteceram na oficina de violão da ADVM ocasionaram uma tempestade de questionamentos que necessitavam de respostas, assim, descreveremos durante esse ponto os momentos da oficina no intuito de conhecer os saberes do professor frente aos obstáculos encontrados nesse caminho musical, onde a tomada de consciência no processo de formação inclusiva abre margens para o professor, junto às narrativas dos sujeitos da pesquisa, refletir sobre o processo e estratégias da pessoa com deficiência visual no aprendizado do violão.

3.1 A formação de um novo EU: formas de fazer, sentir e ser

A construção do sujeito, entendida e apresentada durante o referido trabalho como um processo de formação ininterrupto, aponta para momentos de experiências formativas dos narradores, ambos com deficiência visual, no aprendizado de um instrumento musical, são guiados pelos processos de construção de valores, das

vivências que se perpetuam são entendidas como um processo de formação em formação constante.

Os valores advindos das experiências anteriores à deficiência visual tangem os projetos de vida dos sujeitos ao ponto de corroborar para o surgimento de novas experiências durante sua vida, “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (BONDÍA, 2002, p. 25).

O autor aponta para a construção de momentos significativos na vida do sujeito, diferencia o conhecimento da informação da experiência formativa, desveste o sujeito e o torna aberto ao novo, onde longe das definições que limitam esse acontecimento, se complementa com esse fazer experiência. Os sujeitos da pesquisa se fortalecem durante as atividades musicais, na descoberta dos modos de fazer do outro, numa espécie de jogo interativo os sujeitos envolvidos na ação, abertos ao modo de fazer do outro, acaba por apresentar seu modo de fazer, tal acontecimento é o embrião formativo de marcas individuais, cicatrizes na construção de si desenvolvidas no entendimento com o outro, com suas mãos como maetrina.

Aberto ao envolvimento com o grupo, distante das certezas e da vitimização, os atores da oficina de violão se modificam e modificam os seus pares durante as atividades musicais, exercício fortalecedor de empoderamento e mobilidade da pessoa com deficiência visual, onde passa a se conhecer melhor como ser de superação, também, devido seu envolvimento musical.

Eu tô evoluindo muito, o que você tá pedindo pra treinar eu estou treinando. Eu estou vendo minha evolução, você mesmo tá vendo, eu agradeço muito, eu sei que tá muito boa as aulas e pra quem quer, pra quem tem vontade de aprender só é treinar e ouvir o professor. Porque tem muita gente aí que diz: eu quero, mas, quando chega no começo compra violão, compra tudo e deixa no meio do caminho [...] Mas eu mesmo comprei meu violão, estou evoluindo porque eu estou querendo também. (Narrativa de Wilde Brasil, Mossoró, 2020)

Wilde Brasil expõe na sua narrativa o envolvimento com as atividades, onde percebe o seu próprio desenvolvimento e se apoia nesse ponto para continuar sua trajetória musical, aponta os encontros na ADVIM como momentos importantes para o aprendizado, onde atribui responsabilidade no seu envolvimento que resulta no desenvolvimento com os aprendizados da música.

As dificuldades se encontram com estratégias desconhecidas, onde são apresentados, pelos próprios sujeitos, os caminhos percorridos durante seus primeiros contatos com o instrumento, assim, disponibiliza um novo modo de se conduzir sobre as cordas e casas do violão, assim, a pessoa com deficiência visual terá facilidade em decodificar as novas informações.

O encontro com esse novo universo ocasiona a realização de um desejo pessoal dos narradores da pesquisa, os dois sujeitos trazem à tona uma oportunidade de aprender a tocar violão anterior a deficiência visual e apontam a cegueira como uma impossibilidade de realizar tal sonho. Diante de um novo mundo, completamente ausente de luz, as preocupações e os medos adicionados no contato com a deficiência visual sucumbem os mais diversos sentimentos na vida de Izabel Cristina e Wilde Brasil, como se possuíssem alguma culpa.

Foi a partir do entendimento de si, da forma como se comporta dentro do seu próprio cotidiano e da diferença existente entre ausência de luz e a ausência de esperança que os narradores se renovam para si e encontram sujeitos, instituições e oportunidades durante a construção de suas vidas revivem antigos desejos. Ao encontrar na oficina de violão da ADVIM a possibilidade de realizar um sonho antigo, onde ao resgatar do baú de suas memórias o desejo de aprender a tocar violão Izabel Cristina, 2020, narra: “Eu sentia vontade, mas não me sentia capaz, achava que a uma pessoa com deficiência [...] Como é que iria pra uma sala de aula se não estava vendo? Sem enxergar? Mas graças a Deus é possível sim!”.

Izabel Cristina apresenta o pensamento da pessoa desacreditada, distante do conhecimento de si, quando assume ser impossível o ato de tocar um instrumento, essa ideia construída nas dificuldades vividas por ela nos momentos de exclusão se afasta quando, agora uma pessoa empoderada, responde seus próprios questionamentos, cheia de firmeza ao narrar ser possível. Tais entendimentos excludentes são apontados em todo contexto histórico, onde mesmo com conquistas e mudanças significativas na qualidade de vida da pessoa com deficiência, apontamentos realizados por Sassaki (1999) na trajetória histórica, são apresentas abordagens estigmatizantes contra pessoas com algum tipo de deficiência, direitos e espaços adquiridos no processo evolutivo da inclusão.

Nesse entrelaçado se percebe como é emergente tornar público esses conhecimentos e direitos assegurados, pois são capazes de perfurarem a barreira da

desigualdade, e mesmo na diversidade humana, possibilitar os sujeitos com e sem deficiência serem e se desenvolverem do mesmo ponto de partida, com mesmas chances e oportunidades asseguradas pela lei e, atribuir o sentido real de meritocracia. Quando essa lacuna não é preenchida os sentimentos de inferioridade são alimentados, presenciamos essa mistura de sentimentos quando Wilde Brasil, 2020, narra que: “Antes eu queria muito na minha vida aprender a tocar violão, eu desisti! Por que [...] Eu vi uma coisa [...] Que não dava pra mim, eu vi que não era pra mim, mas, após eu entrar na aula de violão [risadas]”.

A narrativa de Wilde Brasil, sujeito da pesquisa, se aproxima da exposição de Izabel Cristina, que apresenta um desejo em conexão, automática, com a desistência de tentar, traz com essa narrativa uma expressão de sentimento de inferioridade. Ao desistir, de forma repentina, mostra, também, um processo de autoflagelação, capaz de ser invertido e se tornar sentimento de fortalecimento, até determinado ponto. A exclusão que se perpetuou por muito tempo, os tratamentos de hostilização as pessoas estigmatizadas vão se modificando com o rumo histórico da inclusão, Wilde Brasil, sujeito em constante formação, se ergue meio a escuridão, adiciona a oferta de incentivo da oficina de violão na ADVIM e sobre um aroma de satisfação apresenta um novo conceito sobre a condição de aprender música, sobre os aprendizados da música.

De acordo com Josso (2007, p. 428):

O Ser de afetividade nos faz entrar no universo dos laços construídos, mantidos ou rompidos, em torno dos valores que nós interiorizamos não conscientemente, ou que escolhemos após uma reflexão. Ele pode tomar diversas formas: o ser dos envolvimento, o ser que deseja, o ser dos ideais, o ser dos compromissos, o ser dos sentimentos, o ser de vontade e de perseverança (JOSSO, 2007, p. 428).

Todo sujeito possui um inconsciente formativo, um modo de fazer e mesmo muitas vezes parecida com formas já existentes se apresenta rico de diversidade, nos construímos uns com os outros desde muito tempo, nos formamos em coletivo desde sempre, a referida autora traz um sujeito que mesmo sem tomar consciência da importância de determinado acontecimento é capaz de, no instante em que ele se desenvolve, se colocar frente a situações diversas, capaz de se refazer e criar novos modos, onde através do contato com o semelhante, vivencia um papel multifacetário sem perder a sua própria digital.

Wilde Brasil e Izabel Cristina são entendidos como sujeitos de afetividade e passeiam pelos diversos universos apresentados por Josso (2007), são sujeitos entregues a descoberta do aprender, envolvidos na busca de realização dos seus desejos e objetivos, quando encontram oportunidade se tornam sujeitos comprometidos, onde guiados pela vontade de superação e realização dos desejos mais simples não se afugentam dos desafios, no exercício da tentativa se mostram pertinentes, adquirem vitórias e seguem a construção dos seus modos de fazer em harmonia coletiva com diversidade e superação.

A construção dos modos de fazer música de Wilde Brasil e Izabel Cristina se inicia em momentos distintos, mesmo participando da mesma oficina, o fortalecimento da união dos iguais, defendido por Goffman (2017), é presenciado na oficina de violão da ADVIM, onde o apontamento de inferioridade capaz de afastar o desejo de viver o sonho de ser protagonista da sua própria vida artística traz na coda¹⁶ da narrativa dos dois sujeitos da pesquisa, uma compreensão de si diferente e o surgimento de uma nova ideia sobre sua condição de exercer tal atividade, dessa forma se percebe a formação de um novo EU.

A formação dos sujeitos da referida pesquisa vem se desdobrando desde o capítulo anterior, contudo, é durante esse momento da dissertação que os dois narradores apontam quais experiências significativas se entrelaçaram com os aprendizados da música. Guiados pela compreensão formativa do sujeito, onde atribui valores a cada experiência, nasce, após essas vivências, a constituição de uma modificação pelo entendimento criado com o outro.

A formação dessa nova identidade se apresenta nos modos de fazer da pessoa com deficiência visual, onde no seu cotidiano, igual a construção da rede de pesca de papai, a cada nó de conhecimento adicionado na sua formação do sujeito se constitui o novo EU. Esse sujeito, ao se apresentar como realmente é, fortalecido na ausência de molde ou padrão, carrega um estigma e entende o significado de gerar caminhos e ao se deixar refletir pelo processo de formação ativa poderá construir esse percurso com êxito.

Os aprendizados da música são apontados pelos entrevistados como mistérios possíveis de serem compreendidos pelos distantes do tema inclusão, e com eles percebê-

¹⁶ Coda - referência dicionário música Termo musical para identificar final da frase.

los como sujeitos de potencialidade e ensinamentos, a música traz sim um papel inclusivo na vida da pessoa com deficiência visual, a (Auto) reflexão o deixa ciente da mudança, quando se entende como capaz, desfruta de uma melhora na sua qualidade de vida, no instante em que se sente mais importante durante as suas apresentações musicais.

Os narradores, mesmo em tempos diferentes de iniciação no universo musical, deixam claro que o encontro com a ADVIM foi uma experiência significativa, onde após esse episódio, cicatrizes foram geradas, marcas se associaram a traços já existentes, e assim como os rituais de escarificação em algumas tribos africanas, essas marcas vêm adicionar beleza e força à suas vidas.

Com o advento da música na associação outra página é virada no livro da vida dos participantes da pesquisa, onde, em vários episódios, apontam os saberes da música como contribuinte na realização dos desejos e sonhos aprisionados pela deficiência visual nas suas vidas, oportunizando um novo mundo, um novo EU interpretado na narrativa de Izabel Crista quando apresenta que “É diferente de você ouvir a música já pronta, de você chegar, ouvir, acompanhar um pouco, mas você saber como toca, como faz a música é bem diferente, e é uma emoção maior”.

A narradora já se encontra no centro do universo musical, parte constituinte da ação do fazer música na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró - ADVIM, ao perceber essa diferença, exposta na sua narrativa, Izabel Cristina expressa, de modo inconsciente, as marcas dos aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual, as conquistas representadas quando narra com propriedade “mas você saber como toca” são carregadas de superações e modos de fazer capaz de gerar emoção ao serem reproduzidos.

Conforme Tardif (2005, p. 146):

Enciclopédia, graças a capacidade da *metis* para aí acumular experiências passadas e inventariar as possíveis, a ocasião armazena todo esse saber no menor volume possível. Concentra o *máximo* de saber *no mínimo* de tempo. Reduzida ao seu mínimo formato, num ato metamorfoseado da situação, esta enciclopédia concreta se assemelha a uma pedra filosofal! (TARDIF, 2005, p.146)

O autor traz o sentido de enciclopédia para esse contexto e nos entrega como recipiente o próprio sujeito, suas experiências são colocadas por uma seleção natural e tais escolhas são feitas pela sua própria memória, as experiências significativas para

construção de si. Os escritos do autor também nos põem a refletir sobre os saberes resultantes desse acúmulo de experiência como uma espécie de símbolo com poderes possíveis de transformações e estabelece um sentido de elevação do próprio sujeito nesse processo de (Auto) reflexão.

Durante o estudo das narrativas dos dois sujeitos da pesquisa percebemos a semelhança com a ideia apresentada anteriormente de Tardif (2005), quando Wilde Brasil e Izabel Cristina apontam as experiências significativas na sua formação musical, apresentam a construção dos aprendizados da música, abrem espaço para experiências formativas na construção de si e mostra o acúmulo de conhecimentos como benéfico para os sujeitos desenvolverem suas habilidades.

O entendimento das nomenclaturas e dos exercícios técnicos se desenvolve de forma homogênea na oficina de violão, mesmo aqueles que trouxeram algum conhecimento musical iniciaram as atividades do mesmo ponto e os sujeitos a partir dos seus modos de sentir, de ouvir e de tocar se conduz numa caminhada entre os saberes da música ao mesmo tempo em que se mantêm abertos à experiência do outro nesse processo de formação. A metís dos sujeitos da pesquisa se fortaleceu na sede da ADVM, no encontro com o seu semelhante, no acesso ao mundo da arte em pares.

As dificuldades vivenciadas pela pessoa estigmatizada se apresentam ainda hoje e a partir do contato com essas barreiras, os sujeitos da pesquisa geram condições de se reinventarem frente a cada situação apresentada e no mundo musical cria veredas nos aprendizados da música que contribuem para o estreitamento do percurso a ser feito pelos futuros estudantes de música com deficiência visual.

Nos episódios de formação musical narrado por Wilde Brasil e Izabel Cristina as experiências formativas são construídas em coletivo, desenvolvidas pela experiência individual de uma ação coletiva, fragmentos dos modos de fazer do outro, melhor, dos outros. Os aprendizados da música, assim como os raios solares, aquecem as estratégias mais sugestivas onde resulta em um novo modo de sentir a música pelos dedos.

A inclusão, na nossa compreensão, não se apresenta apenas nas laudas dos processos jurídicos, fruto de luta tais vitórias são importantes e necessários, mas elas, as leis, vêm assegurar e garantir as pessoas com deficiência terem direitos a essa inclusão. A inclusão vai além, ela se compõe de todo tratamento de oportunidade, onde as desigualdades presentes imediatamente no contato com o outro, se apresentam de forma

respeitosa, sem depreciação de qualquer um dos sujeitos, respeitando a diversidade alheia no mesmo instante em que tem a sua sob o mesmo sentimento.

A oficina de violão veio reconfigurar o cenário da ADVm e reinventar a forma como os participantes conduzem suas estratégias frente ao instrumento. Wilde Brasil durante algumas atividades onde era necessária uma precisão na mudança de região no braço do instrumento, meio a necessidade particular de se encontrar, desenvolveu seu modo de sentir, uma construção individual dentro do coletivo, onde foi possível pela necessidade da pessoa com cegueira desenvolver o sentido de mobilidade e agilidade nas cordas do instrumento, na utilização de marcadores em determinados lugares no braço do violão.

O sujeito da pesquisa utilizou as linhas de costura da sua esposa para envolver as casas cinco e sete do violão, deste modo, além do esbarro dos trastes¹⁷, Wilde Brasil teria a certeza onde se encontrava. Os demais participantes, com cegueira, fizeram e ainda fazem uso desse modo, já composto de adaptações, alguns colocaram marcações em locais diferentes, outros utilizaram fitas para marcar o local desejado, mas entendemos como comum a todos a necessidade de estratégia de localização pelo tato, essencialmente no início dos aprendizados da música.

A importância da noção de localização no braço do instrumento, detalhe que afeta diretamente na técnica do executante, tal artimanha se mostrou eficiente, contudo, o desejo de superação presente nos envolvidos na ação estimula a busca de não utilizar mais essa estratégia, a segurança, resultado do esforço e dedicação, tem a função de retirada, de forma natural, desse ponto tátil.

As estratégias utilizadas pelos sujeitos da pesquisa são recheadas de diversidades, um modo próprio de fazer incorporado de vários outros modos de fazer, sem perder a identidade. Izabel Cristina aponta para outro modo de fazer, a narradora traz o ensino coletivo de instrumento como metodologia especial para o aprendizado musical da pessoa com deficiência visual.

Eu gosto muito disso, sabe, de trabalhar em grupo certo, a questão do violão também, da gente ter as aulas [...] de não ser só uma pessoa, de ser com várias pessoas, até mesmo porque aquele momento faz bem,

¹⁷ Trastes – pedaço de metal colocado no braço dos instrumentos de cordas responsável para separar criar os espaços, chamados de casas, para colocar os dedos.

eu valorizo muito esse momento, eu acho que é muito bom sim (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020).

A presença do fortalecimento de si é presente na narrativa acima, Izabel Cristina direciona nossa atenção para um envolvimento com outro, dentro de um processo construtivo, de práticas colaborativas, onde os aprendizados da música se constituem e é fortalecido pelo envolvimento com um grupo determinado, direcionam sua atenção ao mesmo ponto em comum, tendo maior chance de chegar ao final da caminhada, aprender um instrumento e exercer um convívio social.

O empoderamento musical cria uma camada protetora, mostra um sujeito dono da situação, e quando enfrenta as dificuldades se sente seguro pelo fato de conseguir, no mínimo, tentar fazer, ação impossibilitada pela chegada das reais barreiras da deficiência, se sente autônomo, uma nova figura e expõe os seus modos de fazer, sentir e ser.

A corroboração para essa ideia se encontra na narrativa de Wilde Brasil (2020): “Antigamente eu era tímido, pra mim cantar [...] na igreja “desarnou” mais um pouco e no curso de violão, me motivou muito e tá me motivando”. O sujeito da pesquisa, em constante mudança, se mostra transformado, construído nos enfrentamentos do cotidiano, encontra força para continuar na caminhada musical no apoio do outro, e constitui aprendizados musicais capaz de ser emprego na sua vida, afetando diretamente na qualidade da sua vida.

Nossa pesquisa segue um caminho qualitativo e na descrição de como se constituiu a trajetória musical dos nossos atores principais, onde através dessas memórias possibilita a composição desse modo de fazer. Esses aprendizados, apresentados pelos próprios sujeitos na nossa pesquisa, vêm se construindo desde meados do capítulo anterior e se apresenta com fortalecimento no encontro com o outro.

Assevera Josso (2007, p. 415) que:

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. (JOSSE, 2007, p. 415).

A diversidade dos sujeitos apresentados por Josso (2007) traz à tona a importância da singularidade, dos momentos charneiras, dos acontecimentos históricos vivenciados, as experiências formativas ao longo da vida, onde mesmo em constante processo de formação, se constrói pela/na diversidade e nas experiências coletivas durante toda sua vida. Desde os primeiros contatos com a música, foi possível ter noção do universo de potencialidades e perceber os efeitos dos aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual através das narrativas dos sujeitos.

Essas superações encontradas pela pessoa com deficiência visual no caminho do aprendizado da música durante a oficina de violão coletivo da ADVm, podem se tornar estratégias utilizadas por futuros estudantes de música com algum tipo de deficiência visual. No processo de desdobramento das atividades musicais, o educador se apresenta como ponto de equilíbrio, um mediador do conhecimento em construção.

No entendimento do educador envolvido com seus alunos, possui objetivo de oportunizar ao sujeito desacreditado uma nova chance, alinhado ao pensamento de Pacheco (2017, p.118), “Somos românticos conspiradores! Românticos porque acreditamos no inacreditável e conspiradores porque transformamos o ordinário em extraordinário”. A reflexão deste ponto, onde o autor apresenta um educador comprometido com seus alunos, traz fortalecimento a importância dos aprendizados da música na formação do sujeito com deficiência visual e vivenciar o sonho adormecido onde ao emergir do seu interior carrega consigo a superação dos momentos depreciativos das suas condições de aprender.

Após o contato com a música na oficina de violão da ADVm, Izabel Cristina e Wilde Brasil adicionam experiências formativas com os aprendizados da música para suas vidas e, ao se empoderar do seu lado artístico, despertam para o nascimento de um novo sujeito. Guiados pela constituição de si como formação de um novo EU, os narradores se tornam protagonistas de suas vivências artísticas, continuam sua jornada musical na possibilidade de experimentar, nesse processo de constituição de si, os sabores causados pela música nas suas vidas e uma nova constituição de si, onde se encontram com seus modos de fazer, sentir e ser uma autoestima e fortalecimento na sua qualidade de vida.

3.2 Um violão que me cobre com a paz que vem do desfilar dos meus dedos

O violão é o instrumento mais popular do Brasil, é sabido sobre o processo evolutivo do instrumento, aonde oriundo da família dos cordofones¹⁸, chegou ao Brasil com o nome *viola de arame*, Taborda (2015), esse instrumento sofre grandes e significativas transformações no decorrer da história, os exemplares modificados também chegaram as nossas terras, resultando no formato do violão que conhecemos atualmente.

De acordo com Taborda (2011, p. 41):

Embora pareça provável que o instrumento tivesse chegado anteriormente, notícias certas sobre violas de arame só aparecem de fato nas cartas dos jesuítas que chegaram ao Brasil com Tomé de Souza em 1549. Foram eles que introduziram aqui, de modo sistematizado, as violas e os demais instrumentos europeus. (TABORDA, 2011, p.41)

Taborda (2011) aponta para apresentação formal dos primeiros instrumentos musicais no Brasil, quando ao usar esse instrumento para catequisar os índios torna possível registrar o nascimento do que será o violão no país. É possível encontrar outras correntes a respeito do aparecimento desse instrumento no nosso país, pelo fato desse instrumento circular entre os ciganos expulsos de Portugal e vindos para o Brasil, episódios marginalizados sobre esse surgimento, o importante é que em nenhum outro país do mundo esse instrumento é tão querido quanto aqui.

As manifestações artísticas desenvolvidas pelos dois narradores desta pesquisa trazem o violão como condutor dessas ações, e aponta para uma ferramenta capaz de circular o tema inclusão sem ferir a estrutura formal do ambiente, motivo, também, possível de apresentar os telespectadores dessa arte além dos questionamentos de se ter ou não condições. Esse não é o foco desse tópico, mas, a importância dos aprendizados condutores no invisível aos olhos e no malabarismo das mãos é constante na ação de tocar.

Como repositório e instrumento de ressonância de sentimentos recolhidos ao mais profundo e escuro ambiente dentro de nós mesmo, os sons produzidos pelo violão se apresentam muito mais do que harpejo, ritmos, tríades e tétrades. O desfilar dos dedos nas cordas do instrumento se articulam além das combinações técnicas, eles, os

¹⁸ Cordofones – Nome dado para representar os instrumentos de cordas.

dedos, dançam num bailar inclusivo, todas e cada nota representam um novo lugar ocupado, onde ao ser ouvido e compreendido é visto sem diferenciações, dessa forma, passa a ser um instrumento representativo, onde nos protege com uma paz possível de contagiar as pessoas com e sem deficiência visual.

As transformações musicais dos narradores da pesquisa acontecem durante os encontros musicais na ADVIM, no envolvimento dos participantes para encontrar determinadas notas no instrumento, nos modos de fazer do outro, experimentado e condicionado a sua necessidade, onde a transformação individual de cada sujeito se fazia em coletivo e o processo do ser incluído se deu no desenvolvimento do todo, onde essa participação perpassa as paredes da ADVIM, nós, pessoas com deficiência visual, conseguimos em harmonia com pessoas sem deficiência visual acionar o botão das ações inclusivas.

O momento de confraternização após a apresentação durante encerramento do semestre 2016.2 do Conservatório de Música D'alva Stella Nogueira Freire/UERN, foi emocionante e responsável por unir violonistas da UERN, alunos da turma de violão do Conservatório de Música Dalva Stella Nogueira Freire, da ADVIM, representado pelo Grupo de Violões Tocando em Frente e por parte dos integrantes do grupo de violões do Movimento Cultural Ecoarte. Esse evento fortaleceu o sentimento de pertencimento, foi um episódio vivido por todos os violonistas com a mesma intensidade e guiado pela mesma harmonia. Uma cena natural entre os participantes nós coloca em posição de igualdade a todos os demais também durante a apresentação no palco.

Pra mim foi muito emocionante, eu não acreditava [...] Que eu estava participando, que eu pudesse participar de um evento daqueles, o que pra algumas pessoas não era nenhuma novidade, já se tornava normal, pra mim foi muito emocionante e tudo muito novo, então assim, eu me senti muito importante naquela noite, é bem por ai! (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020).

O sujeito da pesquisa narra uma experiência transformadora, traz à lembrança dos tempos de limitações, um cotidiano singular transformado em plural, do encontro artístico como protagonista desenvolve a capacidade de aprender um instrumento musical com condição de se representar como ser de potencialidade.

A narradora move o direcionamento das peças do tabuleiro da pesquisa para o que realmente motivou o desenvolvimento desse trabalho, conhecer *Quais as contribuições dos aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos*

seus modos de sentir, de ouvir e de tocar? Quando narra à diferença da importância dada ao momento vivido, onde para alguns é apenas mais uma apresentação, para pessoa situada à margem desses acontecimentos artísticos, demonstra o entendimento de superação das barreiras a muito vivenciada pela pessoa com deficiência.

A oficina de violão coletivo da ADVIM oportuniza a cada participante desenvoltura suficiente para contribuir no desenvolvimento artístico. O contato com a música proporciona experiências transformadoras nas suas vidas, ao vivenciar esses saberes, os próprios sujeitos no processo (Auto) reflexivo passam a se apropriar dos demais aprendizados vindos desse fazer musical.

Conforme Josso (2007, p. 420):

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera *formadoras e muitas vezes fundadoras*, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. (JOSSO, 2007, p. 420).

A reflexão apresentada pela autora nos mostra um conhecimento construído por veios formadores, por saberes adquiridos em experiências durante toda vida do sujeito e vêm fortalecer a construção de uma nova identidade, um novo EU. Os acontecimentos musicais criam fortes estruturas na base dos nossos sujeitos, o encontro de si durante cada nova descoberta no violão se encaixa como engrenagem nesse conjunto de componentes formativos.

A satisfação de tocar um instrumento se mistura aos aprendizados dessa atividade para a vida cotidiana da pessoa com deficiência visual, o estudo do violão estimulou os participantes da nossa pesquisa à descoberta, ao reencontro com desejos antigos e novas estratégias utilizadas para seu desenvolvimento como ser humano.

Os processos de conhecimento oriundos dos aprendizados da música se construíram como uma gangorra, um vai e vem formativo, composto de (Auto) reflexão, onde os modos de fazer se movem de acordo com a necessidade de cada sujeito, mas se encontram no ponto programado como objetivo.

Nesse sentido Bueno (2002, p.23) testifica que:

O método autobiográfico apresenta-se como alternativa que oferece possibilidades várias para se repensar e renovar as formas de educação

de adultos, abrindo também, dessa forma, a possibilidade de se construir uma teoria sobre essa formação. (BUENO, 2002, p.23).

Bueno (2002) fomenta a importância da (Auto) biografia na construção metodológica dos professores, figuras na comissão de frente desse desfile de estratégias utilizadas durante o momento de aprendizado e aponta para a construção teórica das ações praticadas pelos sujeitos.

A partir do simples desejo de tocar violão os narradores apresentam saberes galgados pelo mesmo caminho percorrido pela pessoa sem deficiência na oficina de violão da ADVIM, esses aprendizados musicais ultrapassam as localizações nas cordas do violão, sobressai da estrutura de madeira e cola responsável pela produção sonora para compor valores para formação de vida dos sujeitos.

Assim como os *luthiers*¹⁹, nós, sujeitos em xeque constante, produzimos nossos próprios modos de fazer, atribuímos temperos as receitas sem sabor da inclusão, produzimos um novo cardápio quando preciso e desenvolvemos receitas de aprendizados técnicos associados aos benefícios na qualidade de vida da pessoa com algum tipo de deficiência visual. Wilde Brasil narra que “A música foi uma maravilha na minha vida [...] a gente está aqui para aprender tudo que for possível e, também, usufruir de tudo que a gente aprendeu, e como a gente aprendeu!”.

O sujeito da pesquisa traz na sua narrativa o sentimento de felicidade, uma nova identidade, um novo EU. A música se apresenta no seu discurso de modo natural, se entrelaça nas suas palavras sem peso nenhum, as correntes da exclusão ao mundo das artes foram quebradas pelo aprendizado musical e se expor, consequência natural de todo e qualquer estudante de música, é interpretado de outra forma. A exposição é situação desejada pelo sujeito, onde ao usufruir dos aprendizados da música o palco é destino certo de todos.

Nossas reflexões em torno do tema desenvolvido se constituem como um mosaico, onde os pequenos detalhes podem modificar a estrutura completa da nossa obra, o instrumento musical, o violão, é posto como condutor desse percurso, onde cada corda é capaz de reproduzir uma nova frequência, e ao se afinar com o todo, nós, entramos no mesmo plano sonoro e compomos uma gama de sentimentos, dos mais diversos.

¹⁹ Luthier – Construtor de instrumentos musicais.

A música se tornou uma parte importante na vida dos sujeitos da pesquisa, um dos componentes da arte, ela, a música, de forma maestrina, veio pelas cordas do violão ensinar um modo de desfilar sem chamar atenção, de se expressar sem explicações, se tornou um elo de conexão com uma felicidade, um sentimento de complementação de nós mesmo, onde oferece de forma harmoniosa a representação de si.

No primeiro momento que nós tivemos aula (primeira oficina) nós tocamos aquela música *pra não dizer que não falei das flores* então ali, eu gostava, daquela música, entendeu? Na questão de me ver tocar, mesmo pensando que podia está atrapalhando, até mesmo sozinha e em harmonia com os meninos, me senti forte pra continuar. (Narrativa de Izabel Cristina, Mossoró/RN, 2020).

A narrativa apresenta uma construção interior do sujeito, quando em confronto interno, exposto ou não, se sente próximo de desistir de continuar, mas os desdobramentos das atividades, o envolvimento com os demais participantes gera sentido em tudo que está se passando, assim, os encontros quando finalizados causa um espaço necessário para se encontrarem com seus instrumentos, para ao retornar no próximo encontro ser possível retomar de onde parou com mais segurança e empoderamento.

Os aprendizados musicais se associam a vida da pessoa com deficiência visual como uma espécie de aparelho reconstrutor, onde se torna capaz de ser conduzido paralelo com os demais saberes do seu dia-dia, um entrelaçado de ações e relações com os demais no processo de apropriação daquilo que outrora era impossível por meio do seu próprio esforço e da parceria construída com os outros integrantes da oficina de violão.

Nesse sentido Passegi (2003, p. 8) pondera que:

As transformações das representações de si e do outro (do grupo, da instituição, da prática pedagógica, etc.) não acontecem no vazio, fora da práxis, mas se instalam num circuito permanente entre reflexão-ação-reflexão, como um ato político conforme propõe Paulo Freire (1996). (PASSEGI, 2003, p. 8)

Passegi (2003) nos aponta para o fortalecimento no contato com os demais no momento de construção dos saberes, a formação individual dos sujeitos se faz no coletivo, na socialização com os outros envolvimento no cenário em que se desenvolve o episódio. Assim como o desenhar de um círculo infinito, suas pontas se encontram e reiniciam o mesmo processo.

A ciranda da vida dos sujeitos da pesquisa é composta a cada encontro, ensaio, estudos em grupo, reconhecimentos e apresentações. A música se fez escudo contra os ataques da exclusão, se transformou em arma de defesa e ataque, foi conduzido em batalhas travadas pelo direito de ser e hoje, como verdadeiros guerreiros, conquistamos um lugar de paz com nosso próprio direito de ser e fazer.

Os aprendizados da música se fizeram com muita seriedade por todos os envolvidos na oficina de vilão da ADVIM, é certo que nessa batalha inclusiva alguns dos nossos guerreiros musicais descansaram seu instrumento e não cabe julgamento, pois se faz necessário uma pesquisa mais profunda para conhecer os processos de distanciamento.

A nossa fortaleza foi construída por blocos de resistência e com uma cola inclusiva fortalecemos nossas paredes, a música fez e faz parte da proteção contra os canhões do preconceito, instrumento poderoso. Esse castelo protetor foi construído como o cotidiano da pessoa com algum tipo de deficiência, vigiado a cada instante, assim como as letras colocadas no papel com função de construir as palavras e formar um enredo suave e estruturado, onde a defesa agressiva contra a exclusão se encontra com a paz naqueles que se dedicam a esse fazer inclusivo.

É necessário o reconhecimento da harmonia entre sujeitos cujo significado da vida é entendido como viver em comunhão, a oficina de violão ofereceu a cada sujeito envolvido nessa atividade a oportunidade de ser protagonista da sua vida artística, Sasaki (1999), onde a partir do rompimento dessa barreira se tornar rei ou rainha da sua própria fortaleza.

Comandante da sua própria vida, a busca pelo aperfeiçoamento técnico resulta num verdadeiro desfile dos dedos, sensações antes desconhecidas pelos narradores, e grande parte dos participantes da oficina de violão, transformam um simples dedilhado em sequências de sons representativos nas nossas vidas.

Responsáveis pelo amadurecimento interior, os sujeitos se apropriam desses aprendizados, mesmo trazendo a música como pontos em comum são percebidas muitas outras semelhanças entre os sujeitos da pesquisa, e quando se encontra uma diferença essa é atribuída à organização de sujeito para sujeito, onde se reconhece a necessidade de enfrentamento, da superação e por fim da divulgação desses passos entre os participantes da oficina de violão.

As conquistas dos participantes da segunda edição da oficina de violão na ADVIM também geram frutos interpretativos, a comemoração natalina de 2019 da associação teve como apresentação cultural o grupo de violões Tocando em Frente, dessa vez não foi realizada nenhuma apresentação fora da ADVIM. O contentamento dos integrantes do grupo durante o momento que antecede a apresentação tem reflexo não apenas nas três músicas executadas, mas, esse episódio, fora responsável por um novo ânimo aos participantes, onde as pessoas presentes no evento, associados e convidados, puderam vivenciar, com todos nós, um momento ímpar nas vidas dos participantes da oficina, e dos sujeitos da pesquisa.

Na dialética entre a prática e a teoria, Certeau (2014) nos aponta a ideia de método como um inimigo do aprendizado no seu tempo, com sequências sistematizadas acaba por afastar o direito de retórica do estudante em desenvolvimento.

Neste aspecto Certeau (2014, p. 127) preconiza que:

Desde o século XVI, a idéia de método abala progressivamente a relação entre o conhecer e o fazer, a partir das práticas do direito e da retórica, mudadas pouco a pouco em “ações” discursivas que se exercem em terrenos diversificados e por tanto em técnicas de transformação de um ambiente, impõem-se um esquema fundamental de um discurso que organiza a maneira de pensar em maneira de fazer, em gestão racional de uma produção e em uma operação regulada sobre campos apropriados (CERTEAU, 2014, p. 127).

O autor mencionado faz um paralelo entre o conhecer e fazer, onde os esquemas se apresentam como moldes estabelecidos e seguem um tutorial de técnicas responsáveis pelo bloqueio do desenvolvimento natural do sujeito, como se cada ser fosse constituído de singularidade, as ações naturais plurais se encontram a margem da experimentação com o novo, contudo, são essas ações, sem entraves técnicos pré-estabelecidos, responsáveis pela criação de novos modos de fazer.

Os aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual se desdobram no universo da ADVIM, anima o café da tarde e embriaga de felicidade, uma vez por semana todos os funcionários e associados na sede da associação. Contudo, não nos esqueçamos do momento de construção desse enredo, onde nossa interação se faz pelos veículos de comunicação mais acessíveis devido à crise sanitária que passa o mundo.

Vivenciando um distanciamento social e dando sentido ao aprendizado adquirido durante nossos encontros, os fios conectados durante nossas atividades musicais

formam canais perfeitos e não se desfez com a chegada dessa inesperada tragédia, essa situação de calamidade mundial nos coloca em frente aos novos direcionamentos do ensino de música e assim foi mantido o envolvimento e socialização entre os participantes da pesquisa.

Os sujeitos trazem suas emoções no desenvolvimento de cada narrativa, desenrolam um tapete vermelho para suas próprias narrativas, atribuem os momentos comuns para as pessoas sem deficiência como importantes e significativos no processo de aprendizado musical e na formação de si. O interesse e envolvimento são reconhecidos pelo quadro de funcionários da própria instituição e se fomenta o aprendizado na própria inserção a atividade musical entendida como instigante para sua autoestima.

Pois bem, diante do ambiente que era favorável, bastante acolhedor, que transmitia uma energia positiva para tal ação, onde todos estavam demonstrando interesse em aprender a tocar violão, tornando-se cada vez empolgado e motivador, aquele momento (Narrativa de Edson de França, Mossoró/RN, 2020).

O narrador apresenta uma perspectiva com três pontos de vista diferentes embutidos na sua narrativa sobre o aprendizado, a primeira de quando o narrador era apenas o professor de leitura da instituição entendia como uma situação positiva para a pessoa com algum tipo de deficiência visual, a segunda quando percebeu algo diferente acontecendo com o envolvimento dos participantes da oficina no desenvolvimento desse processo de aprendizado e por último, o de participante da oficina, em posição de igualdade com seu aluno acaba por conhecer os modos diversos de aprender e se apropriar do mesmo procedimento de aprendizado, onde se sente motivado e conduz e é conduzido por um desfile de dedos.

Compreendemos o aprendizado como uma engrenagem, onde cada parte se encaixa, e ao acontecer algo capaz de interromper esse processo de rotação é necessário o enfrentamento com objetivo de harmonização e superação, a partir dessa ação se encontra fortalecido e reorganizado com condições de se encaixar de forma natural a rotação das engrenagens.

O desenvolvimento é sentido por todos nós. As vitórias individuais envolvidas nos aprendizados coletivos da música dos participantes da oficina nos trazem sentimentos de valores e paz, o enfrentamento da socialização artística, a oportunidade

de descobrir como seu sonho de aprender violão se desdobra, gera fervor de felicidade aos sujeitos da pesquisa e continua o contágio aos demais.

Como professora do Centro de Apoio ao Deficiente Visual, percebo que as aulas de música que acontece semanalmente, traz alegria e alento para os alunos, pois contribui de maneira significativa para ampliar as possibilidades de aprendizagens múltiplas, melhora a interação entre eles e consequentemente a concentração e a memória no momento das aulas de Sistema Braille, já que a música não é somente um veículo de entretenimento, ela também estimula a memória e isso tem ajudado a melhorar o desempenho deles (Narrativa de Tadjá Andressa, Mossoró/RN, 2020).

A professora ao se apresentar no início da sua narrativa, também apresenta a visão dos educadores da associação, diferentemente do professor Edson de França, direciona sua lupa para importância das diversas estratégias utilizadas durante a oficina para se obter resultado musical desejado e aponta para melhora no desempenho educacional dos envolvidos nesse ambiente musical. As vozes dos professores se encontram quando tratam do companheirismo dos envolvidos e do estímulo novamente aquecido pelos aprendizados da música refletidos no cotidiano dos sujeitos da pesquisa.

O violão é o instrumento musical responsável por transportar os sonhos dos narradores da pesquisa para o mundo externo pelo interior do seu próprio som, onde envolvidos pela paz vinda do desfile elegante e delicado pelos caminhos harmônicos transformadores e formadores. A deficiência visual e os aprendizados da música passeiam com graciosidade e se unem numa fusão que resulta em experiências formativas, saberes e possibilidades.

3.3 Alivia-me no mergulho em mim, robustece-me e me liberta

Assim como o mergulho dado pelos compositores ao construir sua história musical, onde revisitam os caminhos harmônicos, as estruturas e obras de outros compositores no objetivo de reconhecer os caminhos feitos por ele próprio pode apresentar, por meio da sua composição, sua verdadeira identidade se vê como sujeito igual e se reconhece como diferente no instante em que transforma e se transforma na construção de um novo singular, mergulhamos no nosso interior.

Esse mergulho em si se manifesta no entendimento da vida construída em coletivo, nas experiências significativas apresentadas nos escritos de Bondía (2002), nas

relações dos sujeitos e no desdobramento do seu cotidiano segundo Certeau (2014), onde vive momentos nossos enfrentamentos em coletivo.

A narradora Izabel Cristina ao descrever, em leves pinceladas, o esforço em participar da oficina de violão devido tratamento médico no mesmo dia da oficina de violão e apresenta, mesmo diante de mais uma barreira, o esforço na realização desse traslado, motivada pelo desejo de não perder nenhum encontro da atividade musical quando narra: “Eu saía lá da clínica de três horas correndo pra chegar no horário pra ter aula, isso não foi motivo pra eu desistir nem pra faltar nenhum dia de aula”.

O momento de superação apresentado pela narradora nos coloca frente à realidade do enfrentamento e superação das barreiras encontradas no cotidiano de todos, porém a pessoa estigmatizada carrega a perda de algo precioso para o ser humano. O tempo dedicado a luta de aceitação do outro e de si próprio somado ao fato de não ser disponibilizado a mesma oportunidade para todos de forma igualitária, não se deixa amedrontar nem esmorecer diante do desconforto da primeira semana, entendida como experiência, se organiza e traça uma estratégia para otimizar o tempo de um compromisso para o outro ao ponto de conseguir chegar sem ter nenhuma perda.

É durante esse processo de (Auto) reflexão do qual o sujeito vive sem se dar conta, contudo, também sem perceber, ou quando provocado, constrói caminho de experiências significativas e criam propriedades medicinais com grande poder de cura e fortalecimento, onde são expostas durante seções com episódios de incríveis transformações, trazemos a construção pela contribuição do outro no processo de consciência de si e no conhecimento de instrumentos capazes de formar e transformar.

Assim, Bueno (2002, p. 15) afirma que:

[...] um período de experimentação é caracterizado por ecletismo, pelo jogo de ideias livres de paradigmas autoritários, por visões críticas e reflexivas sobre os problemas, bem como pela receptividade às influências diversas, adotando aquelas que pareçam melhor funcionar na prática (BUENO, 2002, p.15).

Bueno (2002) apresenta a utilização do método (Auto) biográfico como um modo de conhecer, transformar e formar o sujeito, onde, através das cenas vivenciadas pelos sujeitos, distantes dos modelos engessados do aprendizado se desdobram e encontram artifícios capazes de se adequarem. Na construção da partitura que se registra os cenários imortalizados em melodias melancólicas, os narradores/compositores da

pesquisa ingressam nas possibilidades presente na diversidade e ao se valer de diversas facetas se encontra constituído com essas experiências formativas numa espécie de miscigenação da identidade.

Nesse pensar sobre si como parte fundamental da sua formação, os narradores se apresentam como um sujeito em constante produção de conhecimento e estratégias de superação de vida. A (Auto) biografia dos sujeitos se encontra em diversos momentos, contudo, seguem, às vezes, por trajetos diferentes, mas sempre se entrelaçam novamente.

Ao entrarem no tema no universo dos sons, as reflexões sobre os aprendizados da música seguem o entendimento de fortalecimento dos sujeitos envolvidos e, assim, ao conhecer *Quais as contribuições dos aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos seus modos de sentir, de ouvir e de tocar?* Conseguem resposta para um fazer inclusivo, no qual os aprendizados técnicos se moldam as necessidades apresentadas na diversidade dos sujeitos, ultrapassam aquilo preciso para se tocar violão e se apresenta no reflexo do cotidiano dos narradores.

Os passos formativos, eleitos aleatoriamente no mar das memórias dos entrevistados, se revelam como no balançar de uma varinha mágica onde apresentam uma consciência construída durante momentos revisitados e narrados como experiências transformadoras. A (Auto) formação se compõe por experiências marcantes geradoras de significados para vida do sujeito.

O apoio encontrado pela pessoa com deficiência visual na ADVIM se apresenta como um portal de passagem, quando o sujeito cria forças para buscar orientação de mobilidade e apoio educacional é compreendido como sujeito vitorioso pelo simples fato de buscar. Após esse passo inicial de ir a sede da associação e se depara com seus iguais, onde pessoas também com deficiência visual apresentam um novo modo de viver nos encontramos fortalecidos.

Não poderemos “nunca” concordar que qualquer pessoa tome decisão sem nós, a pessoas com deficiência não pode deixar que uma pessoa, que não tem deficiência, tome nenhuma decisão por nós, chama, debate, conversamos, e aí sim, estamos juntos e nós concordamos (Narrativa de Francisco Moraes, Mossoró/RN, 2020).

O colaborador da referida pesquisa, violonista, integrante da oficina de violão e atual presidente da ADVIM, Francisco Moraes traz a importância da voz das pessoas estigmatizadas nos processos de criações, melhorias e todo assunto, dos mais diversos, que

trate das pessoas com deficiência sejam legitimadas por pessoas sem nenhum tipo de deficiência, distantes do diálogo com os sujeitos com deficiência, figuras à margem.

O encontro com todos os benefícios ofertados às pessoas com deficiência visual pela associação é compreendido, pelos sujeitos da pesquisa, como necessário para o encontro consigo e para transporta-los para outro universo, pois negados o direito de ter ofertas de ensino musical, onde conviveu com o dessabor de fechar o *case* do seu instrumento, caixa protetora do instrumento contra pancadas e poeira, se encontra preparado para abrir e iniciar um percurso sonoro e livre.

O violão se apresentou durante a infância dos dois narradores, onde sucumbido ao esquecimento por muitos anos, ressurgiu após o início da oficina de violão da ADVM, como ferramenta de interação com os demais, se apropria no alívio de si e ergue barreiras protetoras, como as paredes robustas das barragens para conter a força das águas. Conhecer o caminho e estratégias se torna essencial para se colocar em prática a realização dos desejos trancados para se revelar livre.

Eu me sinto uma nova pessoa, essas aulas é uma coisa muito importante para todos nós, ter a oportunidade de aprender a tocar violão é uma oportunidade de mudar de vida, de todos nós mudarmos de vida. Olhe Guido o violão é uma coisa maravilhosa! (Narrativa de Wilde Brasil, Mossoró/RN, 2020).

O narrador apresenta expressividade nas palavras e aponta para si como um novo sujeito, inserido meio ao mundo cultural tem oportunidade de participar de encontros e se posicionar no centro das atenções sem se preocupar com questionamentos, quando os têm se apresenta firme na sua caminhada de possibilidades e oportunidades apresentadas pela música. O entrevistado coloca o violão e os aprendizados da música como responsáveis para uma mudança de rotação na sua vida, assim como na mudança de velocidade do metrônomo²⁰.

Os aprendizados da música são iguais aos sons produzidos pelos nossos instrumentos, eles, os aprendizados, transbordam de uma cachoeira inesgotável de desejos, se apropriam dos sujeitos e o leva para outro mundo, esses são responsáveis pelas experiências transformadoras, adiciona outro saber musical. Tourinho (2006), a respeito desses novos modos de fazer seguem incorporados mentores engajados na

²⁰ Metrônomo - aparelho com responsabilidade de regular o ritmo que se deve tocar determinada peça musical.

lutar, apresentando o novo como soma de conhecimentos e saberes, contudo, também classifica como do próprio sujeito a negação de se ter acesso.

Um dos lados da moeda dos aprendizados musicais se registra os conhecimentos técnicos e estratégias, enquanto do outro lado, os saberes que exigem outros conhecimentos e competências, assim, como complemento da ilustração, são dois lados da mesma moeda. Faz-se emergente o encontro com esse equilíbrio, para se encontrar em harmonia com o social e musical, no relacionamento com os outros e no entendimento de você, como fortalecimento pessoal/social na imersão do seu novo eu, o retorno à superfície apresenta um sujeito livre, e renovado a cada mergulho nas memórias formativas.

A esse respeito assegura Tourinho (2006, p. 8) que:

[...] a inclusão da consciência de uma formação cujo princípio é o da autonomia e responsabilidade, a capacidade de recriação e transformação do cotidiano, as adaptações a novas situações. Assim, o professor acrescentaria a doação também da sua experiência em campos sócio-afetivos, para permitir que o educando avance a partir de bases que possui, em todos os níveis e situações, compartilhando desse conhecimento e aprendendo também (TOURINHO, 2006, p. 8)

Tourinho (2006) fornece contribuição para os diversos saberes em torno dos aprendizados da música em torno de uma aprendizagem autônoma, onde o educando tem importante papel no processo de formação, desperta para aprendizados vindos dos momentos de experiências musicais significantes vividas em confronto com o novo, possíveis de serem utilizados no cotidiano dos envolvidos nessa ação. A autora ainda destaca a atuação dos educadores musicais e coloca a empatia com o sujeito como essencial para durante o ato de ensinar o educador forme e se forme.

Os narradores se equilibram na corda bamba da inclusão/exclusão durante muito tempo, encontrar espaço dentro de determinado grupo e ser necessário provar capacidade para se permanecer no meio enquanto sujeito de potencial, onde a diversidade é entendida, a princípio, para ser parte, contudo parece não ser suficiente para se permanecer em tal lugar.

Os estigmatizados são sujeitos treinados na arte do disfarce quando nos encontramos frente a frente com o conceito de superioridade formado pelo outro, impregnado na publicidade gratuita de padrões rotulados, nas barreiras criadas e responsáveis pelo distanciamento mesmo entre os iguais, modelos entendidos, por eles e seguidos inconscientemente por grande parte, como superior.

O fortalecimento vindo dos momentos vividos e revisitados durante nossa construção de vida, entendido pelos sujeitos como (Auto) formativo se encontra e frutifica e não pelo fato de ser uma pessoa negra, vidente, loira, cega, indígena, autista e todos os demais sujeitos com suas singularidades é uma sociedade rica pela sua diversidade e pela condução harmônica do singular-plural-singular.

Neste sentido afirma Azzi e Tourinho (2013, p. 104) que:

As crenças que desenvolvemos pela via de interação com o mundo afetam as escolhas que fazemos, o grau de esforço e persistência que apresentamos diante de adversidades é a forma como interpretamos e como sentimos (AZZI; TOURINHO, 2013, p.104)

Os escritos das autoras se encaixam como luva e trazem fortalecimento para nossos estudos, demonstrando a positividade do sujeito na tomada de consciência, na continuação do trajeto e na posse das rédeas do seu próprio desenvolvimento, incumbidos do ofício de constituir, meios as relações sociais, experiências significativas na nossa própria vida singular para se somar com forças plurais, onde mesmo com o uso de movimentos do balé da inclusão, necessário para desviar dos obstáculos apresentados no caminho e se mostrar como realmente é e como sente o mundo.

Vivenciar a representação de si por meio dos sons produzidos pelo próprio violão, instrumento esse com um corpo em forma de oito com um leque de filetes de madeira com tamanho e espessura correta para fazê-lo vibrar e conseguir produzir determinados timbres e colorido musical se encaixa no abraço do seu parceiro como uma dançarina de tango onde é conduzida no mesmo pulso, e, juntos, se tornam a representação de um só.

A construção musical dos sujeitos da pesquisa se constitui de aprendizados formativos com reflexos na qualidade de vida dos mesmos, onde frutos e flores produzidos nessa floresta dos conhecimentos crescem em formação coletiva, acompanham uma evolução natural, e tudo acontece no tempo de cada envolvido nessa ação. Assim como os granívoros na proliferação dessa flora, nossos ouvintes carregam nossas sementes musicais nas suas memórias, segue uma caminhada silenciosa por fora, contudo, estrondosa por dentro.

A felicidade testemunhada pelos atentos a esses detalhes grandiosos é resultado do apanhado de conhecimentos fortalecidos em experiências encontradas a partir do convívio social, ambiente onde se desenvolve os aprendizados musicais e robustece nossos sujeitos da pesquisa. As nossas narrativas possuem, também, função libertadora,

elas, nossas histórias de vida, fazem ajustar os ponteiros da consciência e nessa conduta (Auto) formativo o processo de aceitação se apresenta em episódios curtos, mas organizados, pois tratam de alinhar a crença em si.

Postula Souza (2007, p. 69) que:

A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. (SOUZA, 2007, p.69)

Souza (2007) retrata a importância da história oral e dos eixos condutores que esse tema oferece, apresenta às capacidades, limitações e superações e despeja no bojo do aprendizado musical dos narradores que tal processo de (Auto) formativo adquire conhecimentos e estratégias para ser utilizada como um ato de composição.

Revisitar episódios significantes da história de vida torna possível perceber as cicatrizes adquiridas na formação do sujeito e como um processo de cicatrização se constitui e forma um novo tecido, nossos sujeitos se renovam e se mantem a mesma pessoa, produzidas em tempos diferentes, sem estabelecer uma ordem cronológica, deixam marcas externas ou internas geram uma formação/ (Auto) formação.

Preceitua Bondía (2002, p. 28) que:

Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade (BONDÍA, 2002, p. 28).

Bondía (2002) corrobora para a ideia de uma construção significativa dos sujeitos da pesquisa, onde a formação por entre as próprias experiências do sujeito entendida como experiências significativas encontram resultado na afirmação de si mesmo. É responsabilidade desses contatos a produção dos sentidos levados pelos sujeitos durante sua vida, mesmo inconscientemente, ele, o sujeito, carrega vestígios adquiridos em tempos, lugares e experiências diversas.

Os narradores acumulam cicatrizes musicais, marcas das experiências de formação vivenciadas durante a oficina de violão da ADVIM, onde os diversos modos de fazer oportuniza a formação de si e do seu próprio modo de fazer, movimento que influencia os enfrentamentos do cotidiano fora da associação e possibilita um novo diálogo com o outro, com o mundo e com ele mesmo no tratamento das suas

potencialidades como veículo de libertação. No sentido de evocar as vozes dos sujeitos da pesquisa, as narrativas refletem, segundo Souza (2007), a constituição do sentido, no bojo das pedras preciosas da memória, seleciona os episódios de formações significativas.

Nessa linha de pensamento Souza (2007, p. 66) afiança que:

Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado (SOUZA, 2007, p.66)

O autor fortalece o entendimento do sujeito sobre aquilo que o afeta, quando revive sua história de vida ou quando arrebatado pela memória, consegue meio aos caminhos percorridos travar um diálogo interno com os aprendizados entendidos como momentos significativos para seu processo de formação.

Durante esse processo de construção musical, imbricados no aprendizado do violão, nos sentimos na ponta de um trampolim prestes a realizar um mergulho mais profundo no salto a seguir. Nossa fortaleza se reforça a cada encontro inclusivo, no conhecimento de uma nova melodia e no aprendizado participativo que me robustece e desvenda os aprendizados fortalecedores da música nas nossas vidas, apresentando a delicadeza do balé inclusivo dos dedos nas cordas do violão.

A construção dos saberes dos narradores se fortalece com a entrada da música nas suas vidas, onde o reviver momentos significativos são adicionados a sentimentos de liberdade que resultam no reconhecimento do protagonismo de suas vidas e nesse movimento de fortalecimento na constituição de si, se entende como parte fundamental nesse mergulho construtivo/formativo. No empoderamento dos sujeitos da pesquisa e nas estratégias utilizadas pelos narradores durante a oficina de violão vem à tona uma tomada de consciência vinda dos aprendizados da música e seus próprios modos de sentir, de ouvir e de tocar.

3.4 A música, o violão e a narrativa (auto) biográfica como veículo de transformação e inclusão

Durante a construção da rede de conhecimentos dos sujeitos da pesquisa, os nós fixadores e modeladores no processo de construção dos aprendizados musicais se

compõem de saberes significantes nessa caminhada formativa e se apresentam no cotidiano de cada envolvido.

Priolli (2006, p.6) define que “A música é a arte dos sons, combinados de acordo com as variações de altura, proporcionados segundo sua duração e ordenados sobre a lei da estética”.

A autora aponta para definição da música como um dos elementos que constituem o universo das artes, salienta a destreza de combinar de forma harmoniosa, tendo como base as variações de timbres e duração, a autora finaliza trazendo a importância do uso de combinações, características de estilos e épocas.

A música se alimenta e cria forças no mesmo instante em que seu executante se alimenta de saber, encontra seu modo de fazer desde o ponto de partida, necessário para se iniciar qualquer atividade nova. Assim como no ato de educar numa aprendizagem de (Auto) libertação, Freire (1987), onde os homens aprendem uns com os outros, uma espécie de ritual fortalecedor.

A oportunidade do ensino de música na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM vêm possibilitar a pessoa com algum tipo de deficiência visual, de forma participativa e colaborativa, aprender um instrumento musical e desfrutar de todas as oportunidades de desenvolver coletivamente sua individualidade. A música na associação se renova e atribui valores a cada semana para os participantes da oficina e todos os presentes no ambiente desde 2016, durante a primeira oficina de violão.

Fato esse sentido e narrado, nos bastidores, como momentos significantes e refletidos no desenvolvimento em outras atividades realizadas pelos participantes da oficina de violão na própria associação. Nosso grupo de guerreiros musicais utiliza, com muita pretensão, das mais diversas artimanhas para se concluir as etapas propostas durante as atividades da oficina.

Na busca de encher o bojo das possibilidades do fazer musical, a pessoa com deficiência visual encontra nas experiências com seus iguais, novos modos de fazer, apresentados como estratégia para se chegar ao resultado desejado, se torna parte dos modos de treinamento dos sujeitos.

Conforme Bondía (2002, p. 27):

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem

concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude (BONDÍA, 2002, p. 27)

Bondía (2002) apresenta as experiências como marcas feitas no sujeito após momentos significativos e revela um pensamento das experiências vivenciadas e provocadas por nós como significado e legado de quem realmente somos. Alerta para o sentido as experiências adicionadas ao processo de formação.

A música na ADVm traz acontecimentos e cicatrizes nos sujeitos da pesquisa, a forma de iniciar a tarefa do novo, da nova coreografia no balé dos dedos, movimentos responsáveis pela criação de uma nova identidade sonora onde, através dos aprendizados musicais, o sentir música vem adicionar um diferencial ao ouvir música dos narradores.

Eu vejo que isso faz bem, faz muito bem, como eu já falei pra você, tanto a questão por ser uma aula de violão, e é um aprendizado a mais, em se tratar também de música e também o contato da gente, alunos, e com você que é o professor. Foram várias descobertas que fazem com que a gente veja a música mais a fundo, preste mais atenção e saiba o porquê dos acordes, por que daquela harmonia. Como construir! (Narrativa de Izabel Cristiana, Mossoró/RN, 2020).

A narrativa de Izabel Cristina inicia com a importância do encontro com o outro, traz a socialização e o aprendizado coletivo como significativo, a música é entendida como um conhecimento que proporciona saberes e modos de sentir, ouvir e tocar. Esse conhecimento se constrói a cada encontro, assim como os conhecimentos de qualquer vidente, contudo, a simplicidade do fazer se constrói como momentos emancipatórios na vida da pessoa com deficiência visual.

Essas experiências formativas musicais dos sujeitos fizeram um retorno, conhecido pelas suas narrativas, à época em que nasceu o desejo de tocar um instrumento musical, episódio anterior ao encontro com a deficiência visual. A vivência musical dos narradores vem fortalecer a crença na pessoa com deficiência visual, assim como outras deficiências, e tratar de mostrar os caminhos musicais, entendidos como formativos da identidade que se apresenta pelos narradores deste estudo.

Apresentamos o empoderamento musical dos sujeitos da pesquisa, aonde vêm se desdobrando desde o primeiro movimento da nossa suíte²¹ da “inclusão”, os caminhos

²¹ Suíte - Composição composta por vários movimentos musicais do mesmo tema.

às vezes conhecidos, passa despercebido pelo fato de ser comum aos olhos de quem ver, é tratado por nós como ritos de passagem. O poder de se apresentar como você se representa, sem medos, sem respostas, pois não se precisa responder ao que não se pergunta, cria forma na mão do oleiro a cada instante que amacia o barro.

A música chegou às nossas vidas e arrancou à sombra da dúvida que carregávamos durante muito tempo, esse obstáculo foi retirado pela dedicação, pelo envolvimento, pela abertura para o saber, Bondía (2002), e pela oportunidade de se propor uma atividade de música na sede da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM.

A atividade musical desenvolvida na ADVM foi o ensino coletivo de violões, proposta metodológica que envolve o ensino de violão a várias pessoas ao mesmo tempo, essa metodologia se diferencia pelo fato de os participantes terem os outros como modelo, constrói suas estratégias, muitas vezes com elementos distintos, e acabam por contribuir no instante em que são beneficiados.

O violão é, sem dúvidas, o instrumento mais popular do Brasil, Taubkin (2007), aponta os motivos que levam a essa colocação, como o baixo valor do instrumento, a posição do violão em meio a camada popular, muitas vezes marginalizado, contudo percebe-se que o violão também conviveu, e convive, com todas as camadas sociais, passei por todos os gêneros musicais do Brasil que necessitam de instrumentos harmônicos²².

Frente a uma história cheia de veios, assim como as cicatrizes no pinho do instrumento, o violão entrou na vida dos associados da ADVM em 2016 e pode proporcionar descobertas inesperadas aos participantes da oficina de violão, mesmo aos integrantes com conhecimentos musicais trazidos de experiências anteriores e iniciaram do mesmo ponto de partida.

As atividades foram direcionadas as pessoas sem nenhum conhecimento no instrumento, contudo, as pessoas que já tocavam se envolveram nas atividades de forma participativa, respeitavam o espaço do outro para descoberta do novo, mas estavam sempre atentos para ajudar, assim como aconteceu em diversas ocasiões.

Além da construção dos seus próprios conhecimentos de forma ativa, os participantes com mais experiências e agilidades técnicas participaram como monitores

²² Instrumento Harmônico - são todos os instrumentos que possuem a função de acompanhamento, responsável pelas harmonias da música.

no iniciou da oficina, durante a descoberta da linguagem necessária para ter um diálogo harmonioso com todos.

Durante a primeira semana de oficina, as novidades das atividades musicais causavam alvoroço na sala, sentimentos de alegria se misturavam com o enfrentamento do novo, as dificuldades e soluções proporcionaram bons resultados já no primeiro dia, durante o passar das semanas o compromisso e assiduidade dos envolvidos se fortaleceram, o resultado dessa entrega fez surgir o embrião do grupo de violão da ADVm, onde traria como objetivo a participação em momentos culturais realizados pela própria associação e representar a ADVm em eventos culturais fora da associação.

O Grupo de Violões Tocando em Frente veio fortalecer a potencialidade musical dos envolvidos na oficina de violão. É sabida a existência dos diversos modos de sentir, ouvir e tocar, contudo, o grupo de violões possibilitou unificar os timbres dos nossos instrumentos, onde o diapasão responsável pela nossa afinação possui frequência inclusiva, e permite apresentar com o apoio, aprender e ensinar com o outro no mesmo instante da construção das nossas próprias experiências significativas.

As apresentações motivaram os participantes da primeira edição, todos, sem exceção, se sentiam encontrados naquele ambiente musical, os músicos que encontrávamos durante os eventos do qual realizamos nossas apresentações, aonde chegamos a dividir o mesmo palco, sempre nós tratavam com cordialidade, de igual para igual, a presença do respeito, sentimento conquistado pela força coletiva constituída antes daquele momento, durante nossos encontros de fortalecimento na associação.

Após a conclusão da primeira edição em 2017, o grupo de violões também encerrou o ciclo de apresentações, pois entendemos como de extrema importância para o fortalecimento do grupo e reforço técnico realizado durante as atividades desenvolvidas semanalmente na oficina de violão. Essa interação se torna responsável pelo desenvolvimento técnico do grupo.

O retorno às atividades musicais na ADVm em 2019, durante a segunda edição da oficina coletiva de violões, foi possível incluir outros atores e trazer, como já apresentado anteriormente, a presença de participantes da primeira edição contribuindo para o desenvolvimento das atividades como no apoio do fortalecimento técnico dos demais participantes.

A chama da música dentro da sede da ADVm foi novamente acesa, com a oficina seguindo com passos firmes os participantes da primeira edição começam a

trazer as memórias dos momentos vividos durante as apresentações do grupo e acabam por alimentar um desejo de resgatá-lo e o Grupo de Violões Tocando em Frente é reativado, assim, no enriquecimento musical coletivo damos início a nova formação do grupo de violões.

O grupo é reativado durante o final do segundo semestre do ano citado, em meados de outubro, logo após os festejos em comemoração à passagem de ano, episódio em que realizamos uma apresentação durante a comemoração natalina da ADVIM, e o período de férias, retornamos em janeiro para tratar dos objetivos que regeriam nossas atividades, contudo após o carnaval a onda terrível da pandemia covid-19 alcança o Brasil, atinge todos os estados do país e seguindo todo protocolo de segurança sanitária ficamos todos em isolamento social.

Por um determinado momento esse impacto causou uma série de turbulências no mundo e não foi diferente na nossa realidade. Após os momentos de enfrentamentos com os militantes da exclusão durante nossa construção, esse distanciamento se colocava como um terrível obstáculo no nosso caminho, a oficina de violões chegou ao fim?

O violão desde o princípio do nosso trabalho vem se construindo como um instrumento fortalecedor na vida dos sujeitos da pesquisa, assim como a Katana está para os samurais o violão se tornou nosso instrumento de batalha, condutor de energias fortalecedoras, o violão se põe em nossas mãos como instrumento de defesa/ataque, pois já tínhamos usados como escudo quando ficamos atrás dele, contudo, essa é outra perspectiva do campo de batalha da vida.

Nesta linha Kleber (2008, p. 8) afirma que a música:

Possui a possibilidade de constituir redes de sociabilidade mobilizando motivações internas, consubstanciadas em ações nos diferentes contextos: institucional, histórico, sociocultural e de ensino e aprendizagem musical (KLEBER, 2008, p.8).

Kleber (2008) aponta para a construção dos saberes musicais como um fato social, a criação dos laços durante o processo de aprendizagem dos sujeitos da nossa pesquisa constitui uma grande rede de socialização onde ocasiona, como uma cascata, um lago cheio de modos diversos, e a partir desse novo ambiente, nós podemos, através do mergulho profundo, absorver os valores construídos em coletivos e filtrar aquilo que mais se aproxima, ou facilita, o próprio fazer de cada envolvido.

Dessa forma, a oficina de violões não chegou a seu fim, a mobilização gerada e alimentada no interior de cada sujeito da pesquisa se fortaleceu com o apoio dos amigos e aberto para os novos modos de fazer, a oficina de violão dá continuidade a suas atividades de forma remota mesmo com as barreiras de acesso da pessoa com cegueira as formas inclusivas, os sujeitos da pesquisa se encontram em plena ascensão durante as atividades musicais na utilização das plataformas digitais, no nosso caso o *Google meet*.

A forma de como fazer acontecer inicia quando se coloca no lugar do outro, se faz emergente a criação de situações na qual envolva a pessoa com algum tipo de deficiência a vencer as barreiras geradas pelo novo, os modos de fazer dos sujeitos da pesquisa partem da ideia geradora semeada pelo condutor da oficina como um passo inicial a ser dado, onde a partir desse movimento o sujeito se sente encorajado a continuar.

Nas narrativas construídas pelos sujeitos da pesquisa conseguimos encontrar os pontos de fortalecimento dos aprendizados da música, onde em momentos coletivo, mesmo sem enxergar, podem acompanhar atentamente o modo como o outro consegue desenvolver sua atividade e após a apresentação desse fato organizar o seu próprio modo de fazer.

Corroborando com este pensamento, Josso (2007, p. 420) reitera que:

[...] a compreensão do processo de formação implica um processo de conhecimento ao longo do qual os participantes construirão sua história, a partir de uma série de etapas, alternando trabalho individual e trabalho em grupo (JOSSO, 2007, p. 420).

Josso (2007) nos põe em sentido de cooperação, uma construção unilateral, onde os sujeitos, mesmo em desenvolvimento interior, criam forças com o outro no processo de conhecimento durante toda sua formação, em todos os direcionamentos da sua vida. O dueto “individual e coletivo” não se desembaraça nenhum segundo do nosso papel de construção do conhecimento dos atores, as dificuldades individuais se resolvem, e se fortalecem, no encontro com o coletivo.

A referida autora vem se compondo, durante o processo de construção da nossa pesquisa, como suporte teórico central no tratamento com as narrativas dos sujeitos, onde a construção, formação e transformação do sujeito a partir das narrativas da sua própria história de vida toma consciência do processo construtivo coletivo do qual contribui e é beneficiado.

Foi, e ainda é pensado no fazer inclusivo sensível dos associados da ADVIM que a oficina de violão teve início, quando, abraçado pelo compromisso com o outro, nossos objetivos se constroem em práticas colaborativas, onde entrelaçado a esse fazer com o outro, envolvido no processo de produção da autonomia dos sujeitos da pesquisa, buscamos legitimar através do Art. 5 da Lei Brasileira de Inclusão – LBI, nº 13.146/15 onde “A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano e degradante” (Lei Brasileira de Inclusão, 2015).

O referido artigo da LBI vem assegurar o tratamento humanizado com as pessoas com algum tipo de deficiência, onde nenhum ato desumano será tolerável ou aceito. Os pontos comuns onde essas áreas se encontram são os sujeitos da nossa pesquisa, onde fortalecidos pelo conhecimento adquirido coletivo como individual foram compreendidos na construção dos seus passos, na sua própria história de vida.

Norteados pelos pilares da educação a busca pelo interesse de conhecer os sujeitos se fundamenta na abordagem (Auto) biográfica, onde, por meio das narrativas, a apresentação dessa trajetória seja refletida como um novo modo de fazer, e nesse ponto, nos colocamos em riscos, necessário para o crescimento do sujeito, e ao apresentar o novo também existe presente nessa mesma ação, o incentivo às superações e a autonomia. É durante essa aventura que nasce o encontro, a convivência, o respeito e na composição desse quarteto fortalecedor dos elementos internos que mobilizam cada sujeito, a educação da sensibilidade.

As narrativas dos sujeitos são ancoradas no fortalecimento na convivência com o outro, onde suas histórias de vida se tocam em determinada extremidade e fortalecem o aprendizado formativo, atribuem valores diversos.

Josso (2007, p. 414) afirma que:

Assim, a questão do sentido da formação, vista através do projeto de formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de sua profissão – eles se assumem como porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam –, seja nas vivências questionadas e questionadoras de sua própria vida (JOSSO, 2007, p. 414).

A sensibilidade posta por Josso (2007) eleva nossa compreensão do sentido de formação e põem todo e qualquer ambiente de construção como fundamental para o crescimento e constituição da identidade do sujeito, ela, a autora, expõe, e, quando não

exposto, propõem a exposição das barreiras e superações apresentadas pelos próprios envolvidos, em todos os sentidos da vida do sujeito.

Corroborando para essa compreensão do sujeito enquanto formador do seu próprio processo de formação, onde, ator principal na sua história de vida, Bueno (2002, p.20), afirma que “O valor heurístico do método biográfico torna-se então legítimo, não apenas em decorrência deste caráter específico da narrativa, mas, também, porque a biografia é uma micro-relação social”. A autora aponta para os valores da (Auto) biografia e coloca as histórias de vidas dos sujeitos como em confronto com subterfúgios já estabelecidos.

Guiados pelos fundamentos teóricos que coordenam os caminhos da (Auto) biografia, a autora menciona e especifica os valores das narrativas do sujeito, onde fortalecidas pelos desdobramentos naturais e evolutivos, e só se pode partir do ponto central quando se tem algum representante legitimado das figuras em que se pautam a discussão, as relações pessoais se entrelaçam e criam novos aprendizados e, de fato, é através das vozes, agora ditas, ouvidas e compreendidas nas relações pessoais como sistemas produtivos de aprendizados.

Os aprendizados da música na vida dos narradores da referida pesquisa se construiu em quatro elementos, no desejo de aprender um instrumento musical, vontade interior de satisfazer algo pertencente àquilo que de alguma forma lhe toca, no encontro com a deficiência, situação capaz de modificar todos os direcionamentos na vida do sujeito, pois até o novo normal se tornar o normal de fato, sem ser o novo, os tratamentos médicos, as lutas de aceitação e contra a exclusão já consumiram muito tempo e energia da sua vida, contudo, é no e pelo encontro da aceitação de si, onde junto ao fortalecimento social é identificada a maior oportunidade da pessoa com algum tipo de deficiência.

O violão também compõe essa orquestração, exposto como instrumento responsável pela oportunidade da vivência cultural/musical, quando junto ao sujeito, esse instrumento de pouca produção sonora, provoca, no toque suave e delicado dos dedos nas cordas, uma explosão sonora capaz de ser ouvida de muito longe, esse é o som da inclusão, da possibilidade, da realização, do encontro com um instrumento de representação.

Assegura Josso (2010, p. 69) que:

A história de vida narrada é assim uma meditação do conhecimento de si, em sua existencialidade, o qual oferece a reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de representação de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação. (JOSSO, 2010, p. 69).

Josso (2010) aponta a narrativa dos sujeitos como ponto de apropriação dos reais momentos de aprendizagem significativo, onde as dinâmicas do cotidiano se afinam com a tomada de consciência dos envolvidos nessa dinâmica formativa. A construção dos saberes musicais se constituiu de braços dados com esses direcionamentos.

O último elemento dessa composição textual *Os aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual: modos de sentir, ouvir e tocar* são responsáveis por dar voz aos sujeitos por muito tempo silenciados, onde mesmo quando preparados para falar, um passo importante de superação, são novamente silenciados pelas barreiras atitudinais aprisionando seus desejos mais simples, a (Auto) biografia se apresentou como um veículo de transformação, no despertar do sujeito para as experiências formativas e adicionar os modos de fazer da pessoa com deficiência visual no centro das discussões sobre o tema.

Aliados pelo ponto onde as áreas se tocam a música e a (Auto) biografia se fundem nas vozes dos sujeitos, adicionam definições ao dicionário da inclusão, os aprendizados da música se compõem de diversidades que ultrapassam o ato de tocar, se constituem dentro da estrutura colaborativa, aponta importância pelos pequenos detalhes, aguça a busca pelo fazer, beneficia a autoestima do sujeito marginalizado, longe das lamentações fortalece as potencialidades dos sujeitos.

Como um método inclusivo, a (Auto) biografia consegue deixar um espaço para continuação dos estudos sobre os aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual, por acreditar na diversidade dos sujeitos e na importância de apresentar os diversos modos de fazer, sentir e de tocar.

TOCAR PARA PERMANECER COM OS OLHOS ABERTOS NA PRODUÇÃO DA VIDA

O som do violão pode ganhar outras proporções além das perfeitas combinações harmônicas, a diversidade de timbre e da atração arrebatadora que ele produz, quando reproduzido pela própria pessoa, ela, a ação de tocar, possibilita a representação de si através dos sons e a oportunidade de, na diversidade da vida humana, colocar sua impressão particular, algo importante no cenário musical e na vida de cada pessoa. O ensino coletivo de violão me acompanha durante minha trajetória profissional como professor e encontro a possibilidade de aprofundar sobre esse tema no TCC do curso de Licenciatura em Música – UERN e durante a Especialização em Artes – Signorelli.

Contudo, foi durante o mestrado em Educação – POSEDUC/UERN que a oportunidade de unir a pesquisa sobre o ensino coletivo de violão ao aprendizado da música na vida da pessoa com deficiência visual se torna real, tal junção possibilitou a realização desse trabalho e margem para continuação sobre o tema pesquisado.

O método (Auto) biográfico, apresentado em 2016 durante a disciplina “Memória, formação e pesquisa (auto) biográfica” foi aplicado durante o processo de construção deste trabalho e responsável, também, pelas mudanças dos participantes em relação aos seus aprendizados musicais, ao ler este projeto antes de iniciar as considerações finais, encontro apropriação de valores de resignificação para cada narrador, onde suas vitórias particulares se unificam ao coletivo e se apresentam como parte importante no processo de construção dos seus próprios saberes.

Apresentar as narrativas da minha história de vida foi uma experiência enriquecedora, através do método (Auto) biográfico foi possível tornar público etapas significativas e desconhecidas por pessoas até muito próxima da minha vida, não foi uma tarefa fácil, contudo, a cada situação recordada, o sentimento de empoderamento se fortalecia em comunhão com a música.

A persistência na construção dos meus saberes foi alcançada com relevância, apresenta uma construção que passa pelos universos pessoal, profissional e acadêmico. Foi dentro desse universo acadêmico, com esforço e apoio da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas - DAIN/UERN que foi possível ter um encontro com o objeto de estudo e a oportunidade de estudar sobre tal. O fato de ter visão monocular, mesmo sem está listado no decreto 3.298/99 como pessoa com deficiência, ocasiona o encontro das

nossas vidas e nos coloca como iguais quando a Lei Estadual do Rio Grande do norte/RN, nº 9.697/13, vem classificar a visão monocular como deficiência visual.

Apresentado como fruto da minha pertença sobre os aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual este trabalho trata do processo evolutivo do sujeito enquanto sujeito, sem discriminação. Mesmo com minhas limitações, a oportunidade de contribuir no aprendizado musical da pessoa com deficiência visual me fez repensar sobre as minhas práticas como sujeito e como professor, ajudou a me tornar uma pessoa e um profissional mais atencioso à diversidade e me conhecer como um sujeito em construção, cada vez mais plural.

O trabalho sobre deficiência visual, os feitos e efeitos da música não tinham sido estudados no programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC/UERN, e por meio das narrativas dos sujeitos da pesquisa é possível conhecer os passos inclusivos da pessoa com deficiência visual no universo musical e “*Compreender quais os aprendizados da música para a pessoa com deficiência visual nos modos de sentir, de ouvir e de tocar*”. Orientado pela professora Dr. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, no estudo sobre o método (Auto) biográfico a construção deste estudo se fez com muito zelo, cuidado e responsabilidade.

O método (Auto) biográfico vem trazer ferramentas para validar as vozes, antes silenciadas, dos sujeitos desta pesquisa, onde o fato de reviver os momentos significativos no processo de construção dos seus saberes musicais, e do outro, traz consigo o reconhecimento e (Auto) reflexão enquanto narra sua importância na realização desse acontecimento.

Durante a Oficina de Violão Coletivo da ADVIM foi possível conhecer estratégias de superação em todos os encontros da oficina, se reconhecer como sujeito em constante formação e a necessidade de humanização dos profissionais que trabalham, ou desejam trabalhar, com pessoas com deficiência. As narrativas dos participantes da pesquisa transportam o ouvinte/leitor para o tempo e momento em que elas são apresentadas, possibilitam conhecer a si e os caminhos formadores do aprendizado musical, assim, traz a socialização dos sujeitos como importante ferramenta inclusiva que torna possível e natural o desenvolvimento de si e do outro.

Nesse constante desenvolvimento, o primeiro capítulo da referida dissertação descreve minha formação pessoal, profissional e acadêmica, onde os momentos foram apresentados e refletidos sobre uma perspectiva construtiva de uma identidade em formação e sob uma ótica inclusiva e participativa foi possível ao “*Narrar minha*

formação musical a partir do encontro com a (Auto) biografia”. O resgate nas reminiscências formativas da minha própria história de vida pode ser identificado e refletido em episódios geradores de experiências que trouxeram consciência de mim e dos saberes vindo dos aprendizados da música na minha vida.

No desdobramento do trabalho, o segundo capítulo trouxe à tona a luta da pessoa com deficiência visual em Mossoró/RN, o surgimento da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM e sua história. É, também, durante esse capítulo que os narradores da pesquisa, Izabel Cristina de Sousa e Wilde Brasil de Oliveira, são apresentados e juntamente com professores e diretores da associação, através de narrativas, pode-se “*descrever os fazeres da Música na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVM*”, o método (Auto) biográfico expõe episódios significativos da importância dos aprendizados da música na associação e na vida da pessoa com deficiência visual.

No terceiro capítulo, os sujeitos da pesquisa saltaram para o mar das suas próprias memórias e narraram sua história de vida e seu caminho de formação de vida. As narrativas sobre os aprendizados da música na vida da pessoa com deficiência visual cria oportunidade de “*Descrever os saberes e possibilidades que a música propõe às pessoas com deficiência visual*” e gera reflexões em torno das vozes apresentadas. As contribuições dos aprendizados da música para pessoa com deficiência visual nos seus modos de sentir, de ouvir e de tocar foi exposta e pode-se tornar uma ferramenta agregadora de valores para o desenvolvimento artístico e no convívio social, influenciando diretamente na vida da pessoa com deficiência visual.

O estudo sobre Deficiência Visual e os Aprendizados da música: modos de sentir, ouvir e tocar não se esgota com este trabalho, esse tema é bastante profundo, contudo, finalizamos esta etapa com a reflexão sobre a importância de romper os entraves gerados pela exclusão e a contribuição de sermos, e termos, educadores sensíveis ao outro, atuando harmoniosamente com o educando na construção do sujeito enquanto sujeito de potencialidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. L. O.; DANTAS, A. F.; MEDEIROS, E. A. de. Histórias de si; narrativas da formação de professores do/no curso de pedagogia/PARFOR. **Revista Cocar**, Belém, V. 9, n. 18, p. 233 a 254, jun. 2015.

AGUIAR, A. L. O e MEDEIROS, E. A. de. Percurso de formação: experiência e trajetória (re) significadas nas histórias de vida de professores no PARFOR. **Revista Educação & linguagem**, São Paulo, V. 18, n. 02, p. 121 a 146, jun./dez. 2015.

ALBERTI, V. **Manual de história Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 20015.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr., 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sarah Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto, 1994.

BUENO, B. O. O Método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p.11-30, jan./jun., 2002.

BRASIL. **Decreto 3.298**, 20 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências, Brasília, 1999.

BRASIL. **Decreto 5.296**, 02 de dezembro de 2004. Regulamenta Leis que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, estabelece normas gerais e critérios básicos

para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências, Brasília, 2004.

BRASIL. **Lei 9.697**, 25 de fevereiro de 2013. Dispõe sobre a classificação da visão monocular como deficiência visual, Natal, 2013.

BRASIL. **Lei 13.146**, 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Brasília, 2015.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DINIZ, M. **Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas: avanços e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Petrópolis: LTC, 2017.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2010.

_____. **A Construção de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre, ano XXX, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

KLEBER, M.O. A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógico-musical. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 19, n. 26, 37-46, jul./dez. 2011.

_____. Práticas Musicais em ONGs: Possibilidade de Inclusão social e o exercício da cidadania. **Revista de História e Estudos Culturais**, Londrina, v. 5, n. 2, 02-27, abr./jun. 2008.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

PACHECO, J. **Reconfigurar a escola**: transformar a educação. São Paulo: Cortez, 2018.

PRIOLLI, M.L.M. **Princípios Básicos da música para a juventude**. 48. ed. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Músicas LTDA, 2006.

RODRIGUES, O. M. P. R.; CAPELLINI, V. L. M. F. (Org). A História da Inclusão Social e Educacional da Pessoa com deficiência. In: **Educação Inclusiva**: fundamentos históricos, conceituais e legais. vol. 2, Bauru: UNESP/FC, 2012.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In: **Revista Educação em questão**, Natal, v. 25, n.11, p 22-39, 2006.

TABORDA, M. **Violão e identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TAUBKIN, M. **Violões do Brasil**. 2. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2007.

TOURINHO, A.C. Ensino coletivo de violão: propostas para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas. In: **XX Seminário de arte e educação**, 20, Montenegro, 2006. Anais... Montenegro: FUNARTE, 2006, p. 26-31.

TOURINHO, A.C.; AZZI, R.G. Perspectiva de ingresso no mercado de trabalho por formandos e recém-egressa de cursos de bacharelado em violão. In: **Transito em Fronteira**. Belém: PPGARTES, 2013, p. 95-112.

TOURINHO, A.C.; SOUZA, L.S. Ensino de violão: o atendimento individual no processo de formação coletiva do violonista solista. In: **XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical**, Natal, 2015.